

Joseph Banks Rhine

O Alcance do Espírito



**Constable –
Cirros (Nuvens da Primavera)**

Conteúdo resumido

Esta obra pioneira tenta demonstrar a existência de um princípio espiritual que existe em nosso ser através dos canais ocultos como: A Clarividência, a precognição, a telepatia, tudo

explicável em termos desta faculdade anímica que se engloba com o nome de Percepção Extra-Sensorial.

PREFÁCIO

O ALCANCE DO ESPÍRITO

MUITOS acontecimentos se verificaram no assunto que "O Alcance do Espírito" versa, depois que veio a lume este livro. Mas Somente um acontecimento não se deu: o aparecimento de outro livro que lhe tomasse o lugar ou preenchesse o mesmo fim. Descrevendo o progresso passo a passo da marcha firme do

pesquisador neste território inexplorado nas fronteiras da mentalidade real durante as décadas de 1930 e 40, o livro expõe em linguagem não-técnica a maneira pela qual uma ciência nova surgiu para a existência organizada. este relato, feito por um dos que viveram e trabalharam durante esse período, será ainda necessário, juntamente com os que proporcionam outros pontos de vista e perspectivas outras. Não foi superado. De tal maneira, embora muito tenha acontecido desde então, conforme disse - e em parte porque este começo era bastante sólido para persistir -, os progressos ulteriores ampliaram, confirmaram e utilizaram as bases instituídas e revistas pelo "Alcance do Espírito".

Que vêm a serem esses últimos progressos? Conforme o indica a relação que se encontra ao fim deste volume, muitos outros vieram a lume sobre o assunto nos últimos tempos. Em grande parte se especializam em um setor ou ramo do assunto em que domina o presente volume. Encontra-se bom exemplo nas experiências do Doutor S. G. Soal e associados, realizadas na Grã-Bretanha; estas emprestam ênfase principalmente à telepatia. A obra de Soal apareceu em dois volumes: "Modernas Experiências em Telepatia" (Soal e Bateman, 1954) e "Os Ledores do Espírito" (Soal e Bowden, 1960). As pesquisas da Dra. Gertrudes Sehmeidler sobre a relação de atitudes e peculiaridades para com o sucesso em experiências do tipo de "clarividência" de percepção extra-sensorial foram publicadas em ESP and Personality Correlates (Sehmeidler and McConnell, 1958). A Doutora Louisa E. Rhine apresenta no livro Hidden Channels of the Mind (Canais Ocultos do Espírito) publicado em 1961, os resultados de dez anos de estudos de experiências espontâneas de natureza parapsíquicas (isto é, psíquica).

É natural que se manifeste a necessidade de um manual para qualquer novo ramo de pesquisa - algo que o estudante possa usar nos novos cursos que se oferecem, ou que possa consultar o profissional desejoso de examinar o assunto em busca de termos, definições, referências, instruções para experiências, processos de avaliação e quadros de resultados. O Doutor J. G. Pratt e o autor

tentaram proporcionar este material no livro "Parapsicologia, Ciência da Fronteira do Espírito", publicado em 1957. O volume do Doutor D. J. West, "A Pesquisa Psíquica Atual" (1954) representa ponto de vista mais histórico, identificado com as sociedades de pesquisa psíquica, e assim também o livro de Rosalind Heywood, *Beyond the Reach of Sense* ("Para Além do Alcance do Sentido"). Não será preciso mencionar aqui outras obras mais gerais. Meu livro anterior, *New World of the Mind* ("O Novo Mundo do Espírito"), publicado em 1953, procura explicar as descobertas da parapsicologia e a relação deste ramo para com outros setores do conhecimento. A crítica filosófica do professor Anthony Flew da parapsicologia (1953) procurou restringir-lhe a significação.

Todavia, uma relação dos novos livros, mesmo completa, não daria uma idéia perfeita ou de fato apropriada do que se realizou durante os últimos quinze anos em parapsicologia. Sem dúvida, são de esperar mudanças - e não simples repetição ou continuação da mesma espécie de descobertas que assinalaram o progresso do período precedente de igual duração. Entretanto, a natureza não fornece a matéria-prima para manter-se indefinidamente progresso tão direto e rápido. Não se descobriu qualquer outro tipo de capacidade psíquica ou parapsíquicas. Foi possível, contudo, distinguir mais cuidadosamente uns dos outros os tipos que havia sido identificado, investigaram-se as suas características, ampliou-se o conhecimento geral da natureza deles e criou-se maior compreensão e explicação científica. E tais foram os frutos colhidos pela investigação durante os últimos quinze anos. Sem dúvida, a colheita é rica, conforme o indicará o teor do *Journal of Psychology* (e outros periódicos) especialmente se levar em conta o pequeno número de pesquisadores e as limitações sob que operam.

Olhando mais de perto, o que nos é dado ver entre os frutos das décadas de 40 e 50? A telepatia, apesar da familiaridade maior que desfruta entre os tipos de fenômenos psi, revelou-se a mais difícil de identificação final, mas ficou mais "pura". Tornou-se experimentalmente distinta da clarividência, mas não da combinação possível entre a precognição e a clarividência. Contudo, as

experiências de telepatia foram conduzidas com sucesso sob condições que não permitem qualquer percepção extra-sensorial de um alvo objetivo, mesmo se futuro; e Somente até aí pode ir a idéia originária da "transferência de espírito para espírito", atualmente concebível. Do lado oposto, as experiências de clarividência foram conduzidas de maneira tal que excluem a possibilidade de telepatia, mesmo da telepatia precognitiva.

Por igual maneira, o ESP do futuro ou a precognição, foi levada a um ponto de identificação mais nítida frente à possibilidade da produção em parte por psicocinética da ordem de alvos (por exemplo, uma série de símbolos) conforme preditos pelo indivíduo submetido à experiência. Queremos dizer, a escolha da ordem de alvos supostamente fortuita poderia sofrer a ação direta do espírito sobre a matéria. Por volta de 1960, contudo, a possibilidade de exercer a PC semelhante efeito sobre a escolha da ordem fortuita de alvos foi eliminada até um ponto que parece geralmente satisfatório. Por outro lado, a verificação do próprio efeito da PC, baseado no esforço do indivíduo no sentido de influir sobre a queda dos dados (ou de outros objetos) manifestou dificuldade comparável, exigindo cautelas especiais contra a probabilidade de vir a precognição, orientando a escolha da face do alvo (seja do dado) a justificar os resultados significativos obtidos. Todas iam, demonstrou-se agora, repetidamente sob certas condições, estarem a psicocinética e a precognição garantidas cada uma contra a hipótese oposta da outra, conforme se fez para a telepatia e a clarividência.

Ao mesmo tempo em que estes tipos se distinguiam cada vez mais claramente por meio da experiência, o conhecimento cada vez maior das propriedades comuns dos diversos tipos de fenômenos promoveu a suposição de serem eles simples conseqüências de uma única função psi fundamental, relação extra-sensorimotor entre a pessoa e o ambiente objetivo - entre sujeito e objeto. As pesquisas originais em que se baseiam esses comentários gerais constam do *Journal of Parapsichology*.

Qual a natureza da psi? Até que ponto nos adiantamos nos últimos anos para responder a tal pergunta? As últimas provas mais

decisivas a favor da precognição e o tempo gasto nas experiências relativas ao ESP do futuro mostram a tendência de tornar mais nítida à distinção entre psi e ação sensorimotor. Não há base material concebível para a psi, mas conhecem-se as bases materiais para as outras ações sensorimotoras através da série inteira (muito embora ainda seja grande a brecha entre a ação material e a experiência sensorial). Enquanto esta distinção se acentua, a ação recíproca fundamental entre sujeito e objeto, da qual a psi é exatamente outro meio, vem sendo confirmada cada vez mais mediante novos progressos. A medida quantitativa das trocas entre o esforço mental do sujeito e a influência sobre o objeto material nas experiências de psicocinética de lance de dados patentearam nova perspectiva ao estudo quantitativo da energética essencial da ação parapsíquicas. É ou pode ser igualmente "parapsicofísica", e de tal modo se demonstra outro tipo de troca, além da ação recíproca nas relações de cérebro-espírito de tipo mais familiar. Embora engenheiros e físicos se preocupem muito mais com o espaço exterior do que com o problema do "mundo interior", e com a energia nuclear mais do que com a energia psi, dispomos agora de processos na parapsicologia para atacar novo programa de pesquisas, quando se passar a focalizar suficientemente a natureza do próprio homem nos assuntos mundiais.

A natureza psicológica da psi revelou-se mais completamente do que nunca. Suspeitava-se antigamente não ser possível experimentar conscientemente a psi como tal, o que se confirmou amplamente agora; não possui qualquer sinal de identificação que a faça reconhecer introspectivamente. Por meio do estudo de experiências espontâneas, identificaram-se as formas de transmissão que o ESP tem de utilizar para chamar a atenção do indivíduo como familiares e relativamente comuns: sonhos de vários tipos, alucinações e intuições. Nenhum tipo ou forma caracteriza Somente o modo parapsíquico de troca como tal. A psi não possui qualquer modalidade consciente. O reconhecimento deste fato esclareceu melhor o estudo dos fenômenos da psi do que qualquer outra descoberta isolada. Grande parte dos escritos dos últimos vinte anos

relaciona-se de certo modo aos inúmeros efeitos que atualmente se reconhecem como associados a esta propriedade esquiiva da função da psi. Esta opera inconscientemente; atua independentemente de qualquer forma característica de percepção.

Não só muitas peculiaridades psicológicas das ocorrências da psi podem atribuir-se ao nível de inconsciência em que atua (como deslocamento para um alvo próximo, deixar de acertar no alvo sistematicamente e produzir resultados "abaixo da probabilidade", declínios no número de pontos etc.); daí, porém, resulta a séria dificuldade de Somente ser possível controlar a psi mui ligeiramente. O sujeito pode imprimir certa direção volitiva ao próprio esforço ou, com toda certeza, não seria possível a realização de qualquer trabalho experimental. Mas a falta de direção introspectiva da capacidade da psi devido à ignorância de quando está funcionando (e se o está fazendo com resultado ou não) interfere com o exercitamento do sujeito no sentido de melhorar o desempenho. Esta dificuldade impede a utilização da psi e retarda grandemente o programa de pesquisa, tornando difícil a demonstração dos fenômenos.

O problema de conseguir melhor controle sobre a capacidade da psi mediante melhor compreensão da sua natureza constitui indubitavelmente o maior desafio à década atual, devendo tornar-se alvo de muitos projetos de pesquisa.

Na realidade, esta necessidade de aumentar o controle sobre a capacidade da psi já conduziu a certo número de projetos de pesquisa. Um deles resulta da dificuldade experimentada pelos pesquisadores em encontrar indivíduos que atuem bem em experiências e mantenham a execução durante certo período. Grande variedade de circunstâncias afeta facilmente os indivíduos, e entre elas especialmente a falta de interesse. Reconheceu-se, portanto, a importância de encontrar-se algum setor já existente, em que os indivíduos deparem naturalmente com situação favorável. A situação mais aproximada que se encontrou até agora é a da sala de aula, na qual a relação professor-aluno, nas melhores condições, proporciona boa relação para trabalho. Tala verdade se for possível

interessar suficientemente o professor para que represente o papel de experimentador e se as suas relações com os alunos assegurarem o tipo de cooperação, atenção e interesse continuado exigidos pelas boas condições da experiência. O sucesso considerável conseguido com experiências de ESP na sala de aula durante os últimos dez anos animou os pesquisadores a adotarem essa maneira de proceder com relação a demonstrações mais controladas de ESP.

Fizeram-se igualmente esforços no sentido de controlar a capacidade da psi por meio da medida das condições que lhe acompanham o exercício. Reconheceu-se a importância de certos estados psicológicos. Procuraram-se estados psicológicos suscetíveis de indução pronta e repetida, como se dá com o auxílio da hipnose e de outros tipos de exame psicológico. Fizeram-se também esforços, igualmente com sucesso crescente, para relacionar as experiências de ESP com estados psicológicos, como se revelam na medida da pressão sangüínea, resistência da epiderme ou efeitos elétricos recolhidos de contatos com a epiderme. Têm aumentado a importância e o esforço dessa maneira de ver, embora até agora tenha sido muito limitada a matéria dada à publicação.

Terceira maneira ampla de pesquisar a natureza da psi (e seu controle subsequente) conduziu à investigação da distribuição da capacidade. Estudos da personalidade e a busca do "tipo psíquico", mesmo acompanhado das indagações exploradoras entre outros povos ou culturas, não revelaram qualquer grupo particular de indivíduos que possuíssem presença excepcional de capacidade de psi ou dela fossem definitivamente privados. O conhecimento disponível até agora indica que a capacidade se distribui largamente em estado potencial pela espécie. Há uns dez anos esta verificação levou a indagar se a capacidade de psi não faria parte da herança animal do homem. Embora a pesquisa da psi nos animais tenha sido extremamente limitada no espaço e no tempo, produziu resultados que, em qualquer outro campo, teriam sido considerados suficientes para estabelecer a teoria da origem evolucionária pré-humana. Abundante coleção de material anedótico põe o problema e trabalhos experimentais sobre algumas espécies - gatos, cães,

pombos e cavalos - dão provas de apoio mais firme e mais do que justificam a continuação da pesquisa.

Tentando determinar as condições mais favoráveis para a psi, deu-se início recentemente a um "movimento de jogos de psi". Neste esforço, introduziram-se experiências de ESP e PC em processos parecidos com jogos, comparando-se com experiências-padrão. Até agora, o processo de experiência por meio de jogos deu melhores resultados. Sem dúvida, a novidade poderá ser fator favorável, mas essa maneira de proceder parece promissora. Forneceria pelo menos um meio de captar impulsos e interesses naturais.

São essas algumas das tendências para as pesquisas, a que pequeno punhado de investigadores se vem dedicando desde que "O Alcance do Espírito" recapitulou a situação em 1947. Tais descobertas, porém, mesmo se desenvolvidas detalhadamente, não constituiriam só por si o principal progresso da época. Ao invés, o tipo de prova que surgiu, as correlações das descobertas formando uma rede de significação e proporcionando estrutura global, exibem valor maior do que a soma de todos esses estudos isoladamente.

Qual a posição da parapsicologia entre as outras ciências atuais? Não seria de observar-se qualquer grande alteração de imediato. Não houve concessão repentina ou reconhecimento expresso da parapsicologia por parte da ciência oficial ou convencional. As mudanças mais sutis que ocorreram tornaram-se evidentes na supressão do antagonismo que as pesquisas encontraram nas décadas de 30 e 40. Embora a atitude preponderante por parte dos cientistas possa descrever-se como sendo de expectativa vigilante, a vigilância é mais amistosa e a espera mais paciente. Ataques diretos e polêmicos desapareceram em grande parte, pelo menos nos Estados Unidos, das publicações profissionais. Provavelmente os profissionais, em sua maioria, das ciências, estão atualmente convencidos de que se dá conta do homem e da natureza por meio de uma filosofia materialista. Tais indivíduos sentem-se impossibilitados de aceitar as descobertas da parapsicologia, seja qual for à prova fornecida. Grande parte, contudo, inclina-se por pensar que, pelo menos, devem investigar-se os fatos, muito embora

ainda sejam alguns de opinião que a respectiva interpretação como prova de operação imateriais no homem seja errônea. De qualquer maneira, depara-se com a disposição generalizada de "esperar para ver". Cada vez número maior de pessoas, embora lentamente, firma opinião sobre a questão, em comparação a qualquer outra época na história deste assunto.

Mais importante ainda, maior número de jovens está indagando da possibilidade de uma carreira em pesquisas nesse campo. Abriram-se alguns cursos em colégios na América do Norte e o número deles continuará provavelmente a crescer. Inauguraram-se três centros de pesquisas (além do Laboratório de Parapsicologia de Duke) definitivamente identificados com a matéria em terrenos de colégios e universidades desde o aparecimento de "O Alcance do Espírito". Dois outros estão em vias de organização.

O "Jornal de Parapsicologia", ora filiado à sociedade de pesquisadores profissionais da matéria, conhecida por Associação Parapsicológica, completa agora 25 anos de existência.

A nova Associação, fundada em 1957, conta atualmente com 125 membros de diversos países, prometendo ser tão bem sucedida neste campo como têm sido outras organizações em outros ramos da ciência. Embora em quantias limitadas, algumas sociedades filantrópicas têm fornecido fundos para pesquisa há mais de dez anos. Em conjunto, a promessa de auxílio para pesquisa de várias espécies é maior do que nunca antes, e, em geral, as experiências e as habilitações do pesquisador de hoje são melhores do que o foram no passado.

Para resumir, o que se verifica quanto ao campo de pesquisa que este livro apresentou aos leitores em 1947 é que está em marcha. O progresso da ciência é sempre difícil e podemos estar certos de que o aclave a subir será penoso para os parapsicologistas. Todavia, vê-se mais trabalho de grupo e melhor espírito de cooperação entre os pesquisadores atuais e apreciação mais favorável dos seus esforços pelo mundo dos que lêem a respeito das descobertas realizadas. Sei que são gratos por esse interesse; faz realmente parte importante do auxílio à pesquisa.

J. B. RHINE

Novembro, 1960.

CAPÍTULO I

A PERGUNTA PRINCIPAL A RESPEITO DO HOMEM

Que vem a ser entes humanos, como o leitor ou o autor? Ninguém sabe. Muito se sabe a respeito do homem, mas a sua natureza fundamental - o que o faz proceder como procede - ainda constitui profundo mistério. A ciência é incapaz de explicar o que é realmente o espírito humano e como trabalha com o cérebro. Não há mesmo quem tenha a pretensão de saber como se produz a consciência. Que espécie de fenômeno natural é o pensamento? Nem mesmo existe uma "teoria" a respeito.

Tal ignorância por parte do próprio conhecedor é dificilmente acreditável! A ciência fez recuar as nossas fronteiras com êxito em inúmeras direções. Explorou os pólos e as profundezas e elevações da Terra e todos os elementos da matéria; revelou a composição das estrelas mais afastadas e liberou a violência enclausurada do átomo; está sondando a delicada estrutura do plasma e a natureza sutil de moléstias outrora temíveis. Como poderia ter deixado quase sem tocar a pergunta fundamental: Qual a posição da personalidade humana no esquema do que existe?

Constituirá com toda certeza fonte de espanto para os futuros historiadores do século vinte e um ter o homem deixado de atacar por tanto tempo mediante pesquisas concentradas o problema do que ele próprio é.

*

Ao invés de conhecimento do que somos, temos opiniões.

Quando éramos muito jovens adquirimos, muitos dentre nós, a primeira opinião a respeito do homem - que consistiria de duas partes, uma o corpo material e a outra o espírito não-material ou alma. A alma era a parte que governava e o corpo a casa ou o instrumento da alma. Sem dúvida, Somente aos domingos, nas escolas dominicais falávamos da alma, exceto se houvesse um enterro. Mas nos dias da semana empregava-se a palavra "espírito" em grande parte no mesmo sentido; não nos preocupávamos com os pontos sutis da diferença.

Fosse na igreja ou na rua todos nós encontrávamos e absorvíamos essencialmente o mesmo conceito dos entes humanos. A opinião dominadora era de que na realidade o espírito controlava o indivíduo e seu comportamento. Era, sem dúvida, em torno do espírito do indivíduo que a cultura e as instituições se desenvolviam. Não só os órgãos sociais como as escolas, mas na realidade todas as maneiras da vida, costumes, moralidade, prazeres, aspirações e valores, baseavam-se na doutrina que adquiríamos na infância, isto é, o homem é um ente dual, sendo o espírito o centro verdadeiro da personalidade.

Esta opinião tradicional geralmente continua com o indivíduo até o fim da adolescência. Depois dessa idade, tende a persistir com os que não se adiantam mais na instrução ou em reflexão. Mesmo entre os jovens que prosseguem nos estudos mais adiantados, alguns há que se apegam dedicadamente aos conceitos originários durante o período dos estudos superiores e mesmo até certo ponto durante a vida.

A tendência geral, contudo, é no sentido do abandono desta antiga maneira espiritual de ver o homem em duas partes. Como estudante, trava conhecimento com as ciências que tratam da espécie humana, sua origem e evolução; à proporção que adquire conhecimentos a respeito da íntima ligação entre comportamento e o cérebro; à proporção que verifica até que ponto as glândulas regulam a personalidade por meios químicos, as suas opiniões começam a mudar. Descobre que o espírito da criança Somente amadurece com o desenvolvimento do cérebro, que certas funções mentais se relacionam com regiões específicas do cérebro e que se o cérebro for lesado perdem-se essas funções psíquicas. Tão intimamente parece agirem paralelamente o pensamento e o cérebro que o jovem inquiridor naturalmente vem a pensar que o cérebro é o verdadeiro centro do controle sobre o pensamento. Esta a segunda opinião sobre o homem.

Sem dúvida alguma, presta-se o cérebro ao estudo por processos materiais. As células nervosas de que se compõe constituem parte do universo da matéria e da energia. O espírito, por outro lado, é intangível. De que "matéria" seria formado? O que seria se não fosse material? Parece simplesmente função do cérebro - certo aspecto do cérebro em ação. De tal maneira passamos a considerar o homem como inteiramente material por natureza, e o espírito como simples epifenômeno ou efeito ulterior da atividade do cérebro. Essa explicação permite organizar o conhecimento de quanto existe em um único sistema ao invés de dois.

De sorte que o estudante de ciências acaba de instruir-se dispondo de muito pouco do que aprendera anteriormente a respeito do homem. Talvez tenha realizado a mudança gradativamente, sem qualquer discussão franca ou mesmo decisão consciente. De fato, essa transição de uma opinião para outra é, na maior parte dos casos, sutil alteração de atitude em resposta a ponto de vista de professores e livros; pode ser resultado de pura sugestão tanto quanto o era a aceitação infantil do conceito mais antigo a respeito do homem.

A questão é que ouvimos dizer muito pouco a respeito do problema do que somos.

Existe infeliz tabu, tanto na escola como fora, contra a discussão das opiniões a respeito da natureza final do homem. Em consequência, mesmo nos recreios da universidade mais liberal, raramente a questão do homem e do espírito vem abertamente à baila. Certas organizações adotam naturalmente as opiniões tradicionais, vindas à frente delas a igreja paroquial, na qual se afigura essencial à suposição de um fator espiritual ou não-material no homem. Mas enquanto esta escola está atarefadamente preparando jovens pregadores na fé que alguma espécie de espírito ou alma transcendente regula a vida do indivíduo, a escola de medicina, talvez Somente a alguns passos de distância, está por igual deixando de lado confiantemente tudo quanto não seja processo materialmente objetivo no ensino dos jovens médicos. Até mesmo o jovem psiquiatra, enquanto estuda, é levado cada vez mais a confiar na seringa, no escalpelo e no aparelho elétrico, para trabalhar sobre o cérebro em lugar de sobre o espírito.

Naturalmente, a psicologia é o campo a que pertence este problema. A natureza do espírito ou psique constitui, por definição, o assunto do estudo da psicologia, embora a "ciência da alma" tenha perdido há muito o interesse pelas almas. Até a palavra "espírito" conforme o leigo emprega, para significar algo diferente do cérebro, não está mais em boa situação. O estudante, portanto, nada encontra a respeito da alma nos manuais de psicologia e nas preleções, e muito pouco no espírito como realidade distinta. Ao invés, estuda a respeito do "comportamento" e sua relação para com os campos e passagens do cérebro. A relação entre o espírito e o corpo constitui tema fora da moda e a opinião dualista de que o espírito é algo em si mesmo que atua juntamente com o cérebro e até certo ponto lhe governa a atividade é um beco sem saída em psicologia.

Entre os psicólogos (e filósofos-psicólogos), os antigos defensores da natureza dual do homem - William James, William McDougall, Henri Bérghson e Hans Driesch - saíram agora da cena,

não tendo tido sucessores que se lhes comparem. A teoria da alma da personalidade passou à história da psicologia.

Entretanto, bastante estranhamente, não há quem afirme ter provado que o espírito é material. Não se registra qualquer teoria física do processo mental consciente. É extraordinário que um ramo da ciência aceite uma opinião sobre o espírito não só em qualquer prova positiva mas sem mesmo formular uma hipótese não comprovada que o justifique. Semelhante atitude só se pode caracterizar como de pura opinião, como ato de "fé". Entretanto, tomou-se quase tão característica dos círculos científicos e das salas de aula como a crença na alma tem sido a das escolas de teologia.

*

Nada, contudo, fica permanentemente instituído em qualquer campo pela fé desprovida de verificação.

Nos dias de Copérnico e de Galileu, os pensadores tinham de optar entre a opinião de um mundo que tivesse por centro a Terra (geocêntrico) e um que tivesse por centro o Sol (heliocêntrico). Hoje, os homens que refletem têm de decidir, por igual maneira, qual o centro de controle do mundo pessoal do indivíduo - o espírito subjetivo, experimentador ou o cérebro orgânico, objetivo. Mas somente por meio da pesquisa será possível determinar o que é certo, se a idéia do homem tendo por centro o espírito ou psicocêntrico ou se a concepção do cérebro como centro ou cerebrocêntrico. Não se poderá resolver a questão por autoridade de qualquer espécie. Meras opiniões, de qualquer tipo que sejam, não são mais suficientes para a orientação dos homens.

Em contraste com a antiga questão da Terra contra o Sol, este problema do homem é de natureza urgente! Tão urgente como a felicidade humana, o seu bem-estar ou a vida. As difíceis relações humanas atuais resultam evidentemente de uma causa única: Não sabemos como tratar as pessoas - em que princípios, em que filosofia do homem, em que suposição a respeito da sua natureza

deve basear-nos. Não o conhecemos suficientemente. Temos Somente idéias e opiniões em conflito a respeito.

Pondere-se tão-só um punhado das questões urgentes com que nos defrontamos hoje em dia: Qual deve ser a nossa atitude com relação aos povos conquistados? Indivíduos deslocados? Minorias raciais? Antigos aliados? Concorrentes no mercado mundial ou nos negócios locais? Empregados? Administração? Criminoso condenado? Desempregado? Vizinhos esfomeados e necessitados no país ou no estrangeiro? Ninguém conhece uma resposta segura. A maneira por que tratamos essas pessoas depende evidentemente das opiniões a respeito do que são. Mas essas opiniões estão em conflito e confusão fundamentais.

Qual o médico capaz de tratar de um doente se não soubesse que moléstia o acomete? Qual o engenheiro que trabalha sem conhecer a natureza dos materiais de que faz uso? Como podemos esperar preparar e encaminhar eficazmente as pessoas, seja individualmente seja em grupos, se não sabemos o que é realmente a mais simples espécie de homem? Nem mesmo conseguimos ficar de acordo no que acreditar!

As instituições sociais baseiam-se na opinião do homem tendo por centro o espírito ou psicocêntrico. Por outro lado, a psicologia atual é em grande parte cerebrocêntrico, tendo por foco a dinâmica cerebral. E o chisma entre essas duas concepções é profundo e radical. A nossa cultura supõe, por exemplo, que o espírito é suficientemente diferente do corpo de sorte a permitir o "livre arbítrio". Semelhante liberdade volitiva significa ter o espírito leis que lhe são próprias, e, portanto, que não o governam as leis do corpo e do ambiente, pelo menos não inteiramente. Deixam-lhe certas liberdades da determinação material, certa independência de ação. O ponto de vista material da personalidade, por outro lado, sujeita todos os atos à lei física sem deixar de modo algum lugar à liberdade. Um único sistema de causação, um único tipo de lei é supremo tanto no reino físico como no mental.

Em conseqüência, é para nós decisivo, bem como para a sociedade em geral, saber se o espírito é ou não simplesmente

função do cérebro. Sem liberdade de escolha, a filosofia social entraria em colapso. Sem volição livre não há moralidade, democracia real, nem mesmo qualquer ciência como indagação livre. Se a vida mental fosse totalmente produto de física cerebral não haveria meio de escapar à lei física em qualquer ponto da conduta humana. A liberdade seria então uma fantasia, e a moral, sob a lei física, simples ficção.

As relações humanas atingiram agora um ponto em que miséria inconcebível e devastação resultarão da impossibilidade de descobrir-se melhor dispositivo para compreensão e orientação dos homens. As antigas crenças muito perderam da fôrça de orientação sem que novas crenças de valor comprovado lhes tomassem o lugar. É hora de ação.

*

O primeiro passo a dar é encarar a questão da natureza humana em perspectiva.

O problema, sem dúvida, não é novo. Apresentei-o aqui conforme o estudante provavelmente o há de ver no colégio; mas a mesma situação se apresenta à raça inteira quando atinge a "maturidade intelectual". O paralelo é bastante aproximado.

Em tempos remotos, no que se poderia denominar de infância e adolescência intelectual da humanidade, havia a mesma crença de ser o homem criatura dual, corpo com alma governante ou espírito de caráter imaterial. Depois, ao alcançar o desenvolvimento cultural o ponto de pensamento crítico, racional, científico, conforme aconteceu nos últimos séculos, quase o mesmo aconteceu para o mundo pensante em geral como se dá com o estudante que medita ao cursar a universidade. O homem racional perdeu a crença na própria natureza espiritual. Descobertas revolucionárias nas ciências, especialmente na biologia do século dezenove, destruíram o quadro tradicional do homem e do lugar que ocupa na ordem natural. Na reconstrução das descobertas científicas em um esquema universal

único, deixou-se de lado o espírito como ordem distinta da realidade. Para ele não havia lugar em o novo quadro mecânico do mundo.

Sempre que a ciência se apresentava, a crença tradicional na natureza espiritual do homem desertava. A psicologia foi ficando cada vez mais saturada de conceitos físicos. A doutrina materialista do homem progrediu do materialismo grosseiro para teorias moldadas, segundo as da física moderna; mas o predomínio da analogia material ainda continua. Não existe qualquer tolerância na ciência para o não-material, ou exclusivamente psíquica, para a realidade que os homens outrora denominavam de alma. Este movimento foi tão longe que atualmente os poucos cientistas restantes que exprimem de público a crença na alma põem provavelmente em embaraço os colegas.

Entretanto, há algo de errado nesse quadro do século dezanove! Desprezaram-se alguns fenômenos excepcionais da natureza humana quando se estava elaborando esse conceito científico do homem; omitiu-se, como é costume, porque não se ajustava. De fato, introduzi-lo teria alterado completamente o quadro inteiro.

Esses fenômenos constituem o começo da narrativa deste livro. A ciência ortodoxa deixou-os de lado facilmente por serem raros, excepcionais e difíceis de verificar. Apesar disso, alguns pesquisadores científicos ousados aceitaram o desafio para verificação das reivindicações que se formulavam em prol de semelhantes manifestações. E, conforme veremos, as conseqüências foram revolucionárias. Os fenômenos em causa são os chamados "psíquicos" e o seu estudo tornou-se conhecido por "pesquisa psíquica". Nos círculos universitários, chamamos atualmente de "parapsicologia", ciência das manifestações mentais que parece ultrapassar os princípios aceitos. Formaram-se sociedades não-acadêmicas em diversos países para a promoção dessas pesquisas; uma das primeiras foi a Sociedade para Pesquisas Psíquicas (SPP), fundada na Inglaterra em 1882. A princípio e, de fato, durante muitos anos, foi preciso conduzir essa pesquisa fora dos laboratórios da universidade, dependendo quase inteiramente do patrocínio de sociedades. Foi esse trabalho pioneiro que atraiu a atenção para a

possibilidade de encarar-se cientificamente a questão da natureza fundamental do homem.

Neste ponto, a história com que nos confrontamos constitui o relato desse ramo herege, controvertido, pioneiro da pesquisa, que ainda clama pelo reconhecimento devido ante as portas da ciência circunspetas, conservadoras, oficiais. A narrativa refere-se a alguns exploradores dispersos, mas dedicados, que trabalharam nos Estados Unidos e no estrangeiro durante os últimos setenta anos, bem como com o que descobriram a respeito dos seres humanos, que nos permitirá descobrir o que são realmente os homens no esquema de tudo quanto existe. Conta-nos às experiências realizadas e a prova obtida, os altos e baixos da investigação, as dificuldades e as conquistas ocasionais, a significação dos resultados e os problemas que ficaram sem resposta. Ao leitor ficará sem dúvida o julgamento final, mas depara-se agora com grande acúmulo de descobertas de que se lance mão.

Teremos de nos preocupar com muitos mistérios nos CAPÍTULOS que estão à frente. Mas por isso não tenho de pedir desculpas; uma ciência vigilante faz cabedal dos mistérios. O cientista apodera-se do fenômeno inexplicável como se fosse tesouro repentinamente descoberto. Quanto mais inexplicável e misterioso, tanto maior a compreensão quando finalmente esclarecido. A promessa especial dos mistérios que teremos de versar importa em conduzir-nos à descoberta de alcance mais amplo e mais longínquo do espírito humano em direção ao domínio do espaço e do tempo e da matéria, a que chamamos de universo.

CAPÍTULO II

PRIMEIRO PASSO NA DIREÇÃO DA RESPOSTA:

“TELEPATIA”

TELEPATIA foi à primeira aptidão psíquica a estudasse cientificamente. Julgava-se que, se fosse possível transferir o pensamento diretamente de um espírito para o outro sem o emprego dos sentidos, o homem deveria possuir poderes mentais que transcendessem a mecânica do cérebro. Em consequência, a prova da telepatia seria refutação eficaz do materialismo e da respectiva teoria do espírito. No período de profunda desilusão intelectual que o último século produziu, a telepatia oferecia certo grau de esperança e, de todas as alegações psíquicas, era a que se investigava mais ativamente durante as primeiras décadas de pesquisa psíquica a partir de 1880.

A crença na telepatia é talvez tão antiga como o próprio homem. É possível supor fosse familiar em tempos remotos porque se atribuíam às divindades poderes de ler pensamentos. A telepatia era bastante importante na antiga Grécia para que Demócrito elaborasse uma teoria para mostrar como operava. Inúmeras referências e exemplos em que parecia existir transmissão de pensamentos entre seres humanos aparecem nas literaturas mais antigas, especialmente nas que tratam da religião e dos fundadores de seitas.

Todavia, tais exemplos dificilmente apresentam interesse que não seja histórico. Não se mostram mais impressionantes ou convincentes do que exemplos modernos mais recentes que melhor se podem autenticar. Mas contribuem para provar que a crença na ocorrência da telepatia faz parte da tradição cultural da humanidade.

As experiências mais antigas em telepatia acompanhavam o hipnotismo ou mesmerismo, conforme então se chamava. Enquanto punham os indivíduos em transe hipnótico, certos experimentadores descobriram efeitos que atribuíam à transferência de pensamento do hipnotizados aos indivíduos hipnotizados. Era natural supor que este

fenômeno fosse característica da própria hipnose, tendo-se realizado vários estudos baseados nesta hipótese. Dessa maneira, surgiram experiências de telepatia de várias espécies dos trabalhos de hipnotismo.

Por exemplo, um físico francês, Doutor E. Azam, descobriu que um dos seus pacientes parecia responder a um pensamento não pronunciado quando se encontrava em estado hipnótico. Diante disso, realizou experiências para determinar se o paciente era capaz de identificar certa sensação particular de gustação enquanto ele a experimentava. Tomando uma posição em que não seria possível ao hipnotizado vê-lo, levou à boca uma substância inodora como o sal de mesa. Imediatamente o hipnotizado acusou ter experimentado o mesmo gosto, dando-lhe o verdadeiro nome. O Doutor Azam informou que o indivíduo hipnotizado respondeu com precisão a certo número de substâncias inodoras que ele provou de maneira semelhante.

Outro experimentador verificou igualmente que a sensação de dor podia ser transferida ao hipnotizado. Observou acidentalmente que o hipnotizado agia como se experimentasse a dor que o hipnotizados sentia. Realizaram-se então experiências em que se beliscava o hipnotizados em várias partes do corpo, perguntando-se ao hipnotizado se sentia algo. Conforme os relatórios, o hipnotizado parecia sentir a dor e a localizava com precisão, mesmo quando o hipnotizados estava em um cômodo próximo e fora do alcance possível da vista do hipnotizado. O eminente psiquiatra, Doutor Pierre Janet, da Sorbonne, realizou algumas dessas experiências, e Edmund Gurney, da Universidade de Cambridge, um dos fundadores da Sociedade para Pesquisa Psíquica, levou outras a efeito.

Uma das experiências antigas mais extraordinárias foi a hipnotização à distância. Diversos físicos franceses, inclusive o Doutor Janet, induziram transe hipnótico a indivíduos a distâncias bastante grandes para excluir qualquer possibilidade de comunicação sensorial. Na melhor de duas séries de experiências, Janet foi inteiramente bem sucedido em 18 experiências dentre 25

em levar o indivíduo a transe dentro do prazo da experiência e parcialmente em quatro outros. Induziu a hipnose em intervalos irregulares e inesperados.

Contudo, pouca influência teve na ocasião as experiências impressionantes do Doutor Janet. Não quis publicar um relatório a respeito, com receio talvez de vigorosa censura dos colegas. De muito maior relevo para a ciência da parapsicologia que estava surgindo, foram as experiências menos sensacionais de telepatia e hipnose realizadas pelo professor Henry Sidgwick e senhora, da Universidade de Cambridge. O casal Sidgwick não só sustentou abertamente as experiências, mas conduziu-as de maneira mais cuidadosa do que fora costume naquela época. Realizou-se parte da série tendo emissor e receptor colocados em cômodos separados. O tema a transmitir telepaticamente eram números de dois algarismos. Formavam-se os números ao acaso e o hipnotizador (que atuava como emissor) os contemplava, enquanto o indivíduo hipnotizado tentava identificá-los.

A vantagem especial dos números formados ao acaso estava em que seria possível submeter os resultados da experiência a exame matemático a fim de descobrir como se comparavam com os resultados de esperar devidos tão-só à probabilidade. Foi significativo o número de vezes em que o hipnotizado realmente acertou; ou em outras palavras, foi maior do que o número legitimamente atribuído pela probabilidade. Em consequência, os experimentadores concluíram pela existência de prova de telepatia.

A utilização das regras do cálculo das probabilidades representa grande progresso no processo. De fato, sem esse instrumento matemático de medida ter-se-ia deixado parte tão grande à predisposição individual na interpretação dos resultados que talvez nunca se estabelecesse firmemente à telepatia. O mérito de ter utilizado pela primeira vez o cálculo das probabilidades para a avaliação dos resultados das experiências da telepatia cabe ao fisiologista francês, professor Charles Richet. Precedeu o casal Sidgwick no emprego do cálculo das probabilidades aos dados da

telepatia, embora as experiências que realizou não fossem tão bem controladas como as destes.

O trabalho de Richet introduziu também outro desenvolvimento: realizou algumas experiências sem utilizar a hipnose. Verificou não ser necessário o estado hipnótico para o êxito da transferência do pensamento. Realizou-se certo número de experiências de telepatia no estado normal durante a década de 80, e dentro em pouco se verificou que hipnose e telepatia não eram necessariamente correlatas. A telepatia constituía processo independente que ocorria com o indivíduo hipnotizado ou não. Nem mesmo havia certeza fosse vantajoso o estado hipnótico.

Todavia, a associação da hipnose com a telepatia foi erro feliz do ponto de vista do parapsicologistas, visto como fez progredir o problema da transferência do pensamento até o ponto do estudo experimental. Ao tempo em que se compreendeu que os dois fenômenos eram essencialmente diferentes, a telepatia tornou-se de direito assunto para pesquisa.

As provas a favor da telepatia foram-se divulgando pouco a pouco, vindas de pontos muito afastados uns dos outros. Em grande parte, as experiências se realizaram na Inglaterra, algumas na América do Norte, e em volume considerável na Europa continental, principalmente na França. Mas apareceram igualmente relatórios de estudos experimentais de telepatia realizados na Suécia, Polônia, Alemanha e Rússia.

As experiências começaram a modificar-se com a introdução do cálculo das probabilidades. Daí por diante, os experimentadores utilizaram cartas de jogar ou números, por que a possibilidade de acertar na base do cálculo era conhecida e, portanto, tornava-se fácil computar o valor da prova da telepatia que os resultados acusavam. O processo geral, contudo, continuava o mesmo: o emissor olhava para a carta e o receptor tentava identificá-la. Nas experiências controladas mais cuidadosamente, separavam-se os dois participantes para impedir a transmissão de indícios sensoriais de um para o outro.

Alguns investigadores, contudo, fizeram uso de outros processos. Em certos estudos, o emissor fazia um desenho e fixava a atenção sobre ele, enquanto o receptor tentava reproduzi-lo tão exatamente quanto possíveis. Não se podia medir quantitativamente a precisão obtida, revelavam-se os desenhos certos mediante comparação com o original e os desenhos do receptor. O professor Oliver Lodge e associados utilizaram este processo em experiências de telepatia conduzidas nos princípios da década de 80, quando ele ensinava física na Universidade de Liverpool.

O professor Gilbert Murray, distinto estudioso de Oxford, lançou mão de outro meio bastante diferente. Prestou-se pessoalmente a submeter-se a experiências de telepatia realizadas por membros da S. P. R., especialmente a Senhora Sidgwick. ele preferia que o emissor se concentrasse em alvo mais significativo e variegado do que carta ou número, algo semelhante à cena ou acontecimento clássico ou histórico. O êxito conseguido, principalmente quando o emissor era a própria filha, foi tão inconfundível que evitou em grande parte a necessidade de avaliação matemática.

Havia ainda outros tipos de experiências em telepatia. Nenhum processo gozava de monopólio de êxito e nenhum tipo especial de indivíduo parecia salientar-se sobre outros. À proporção que as experiências se generalizavam, tornando-se mais variadas, tipos os mais diversos de pessoas, tanto homens como mulheres, jovens ou velhos, normais ou neuróticos, rústicos não instruídos ou professores eminentes, deram provas dessa capacidade. Entre as pessoas que mais se salientaram nessas antigas experiências, contavam-se uma criança de doze anos e uma senhora de setenta. O simples camponês igualava-se ao professor universitário.

*

A telepatia, como novidade científica, foi mal recebida pelos cientistas. Descobertas estranhas e realmente novas são raramente bem recebidas. Em 1876, quando o professor William Barrett (mais

tarde "Sir") tentou apresentar parte dos seus trabalhos experimentais à Associação Britânica para o Progresso da Ciência, a memória, por ele redigido, foi recebida com motejos e a Associação recusou publicá-la.

Bastante estranhamente, não se encontra qualquer psicólogo entre esses primeiros experimentadores (Janet era principalmente psiquiatra). Mas a ausência dele não é mais de notar-se entre os primeiros trabalhos sobre telepatia do que nos de hipnotismo. A psicologia profissional não tomou parte nessas pesquisas pioneiras nem mesmo lhes dispensou atenção na segunda metade do século dezenove. Nessa época, raramente se reconhecia a psicologia como ciência, sendo a sua posição extremamente precária. Essa situação duvidosa era só por si suficiente para desanimar pioneirismo ousado nos campos adjacentes. Quando nos lembramos que o psicólogo se mantinha afastado dos problemas intensamente práticos das desordens mentais, até que Janet, Freud e alguns poucos médicos chamaram a atenção para eles, podemos apreciar como essa ciência tinha uma infância hesitante naqueles tempos. Contentava-se com a investigação de temas inofensivos deixando de abordar as questões importantes, discutíveis.

William James, da Universidade de Harvard, foi exceção eminente entre os psicólogos acadêmicos. Embora não fosse propriamente experimentador, salientou-se pelo interesse franco e incondicional em relação às pesquisas telepáticas que se estavam processando, e muito fez no sentido de animar quantos realizavam pesquisas sobre semelhante problema. Mais tarde, William McDougall, da Inglaterra, reconheceu a grande influência que James exercera sobre ele, e o próprio McDougall tornou-se o campeão líder dos estudos parapsicológicos entre os psicólogos do século XX. Mais tarde ainda, Sigmund Freud, C. G. Jung e alguns outros psiquiatras de renome vieram juntar-se a este grupo altamente selecionado de patrocinadores da telepatia. Mas no século XIX James ficou quase só.

Por parte dos psicólogos houve mais crítica do que apoio. Dois psicólogos dinamarqueses, A. Lehmann e F. C. C. Hansen,

criticaram as experiências em telepatia relatadas pela S. P. R. Sugeriram serem os resultados devidos a murmúrios involuntários dos emissores ao se concentrarem nos números ou nas cartas. Suponha-se fosse o murmúrio inconscientemente percebido pelo receptor. O professor Lehmann, contudo, ficou convencido, na discussão que se seguiu, de que semelhante explicação não justificava todas as provas a favor da telepatia. Este generoso reconhecimento público merece menção especial, visto a raridade de ocorrência tal em uma controvérsia.

O movimento intelectual da época era firmemente contrário à telepatia. Pouca atenção científica se prestava ao que não estivesse rotulado de "físico". A biologia mecânica do Doutor Jacques Loeb e a psicologia behaviorista do Doutor John B. Watson montadas contra o telão de fundo de um universo mecânico simplificado, conforme se generalizava em certas obras, como "O Enigma do Universo" de Ernst Haeckel, caracterizaram o pensamento científico geral durante os primeiros anos do século atual.

O psicólogo que se animasse a publicar provas de telepatia nessa época devia ser dotado de coragem excepcional. Nenhum o fez. O Doutor John E. Coover, do departamento de psicologia da Universidade de Stanford, realizou algumas experiências de telepatia por volta de 1915, conseguindo provas de capacidade telepática entre os estudantes que submeteu às experiências. Mas Coover recusou-se a reconhecer as próprias descobertas. Mesmo quando a significação delas foi repetidamente confirmada por outros que lhe reavaliaram os dados, causava a impressão de não lhe ter sido dado encontrar qualquer prova, e ficava simplesmente mudo quando o corrigiam. Contudo, mesmo em tempos menos arriscados, psicólogos houve que recusaram arriscar-se a publicar provas favoráveis à telepatia. Em tais casos, devem partilhar da responsabilidade, por igual, o grupo profissional e o indivíduo.

*

Todavia, o século XIX presenciou notável surto de interesse em telepatia. Acompanhou-a igual ampliação do interesse público no espiritualismo que, sem dúvida, também a afetou. A tremenda perda de vidas e a aflição generalizada que ocorreram durante a Primeira Guerra Mundial, juntamente com as incertezas e as alterações de valores, sem dúvida alguma tiveram como resultado fazer voltar os pensamentos dos homens para a possibilidade de forças além do conhecimento científico. Homens e mulheres sem conta sentiam a necessidade de algo mais do que explicações puramente materiais da vida e da morte. A Zenith Broadcast Station de Chicago realizou em 1923 uma experiência maciça de telepatia pelo rádio e pouco depois a British Broadcast Corporation efetuou outra. Mais tarde, a revista *Cientific American* realizou um programa de auto-experiência em telepatia, notando-se muitas outras manifestações de interesse popular.

Indivíduos fizeram inúmeras pesquisas. O engenheiro francês René Warcollier, o físico alemão Doutor Carl Bruck, o professor de ciência Rudolf Tischner e o distinto escritor norte americano Upton Sinclair - realizaram experiências em telepatia que contribuíram grandemente com provas para a coleção que se tornara grande. Na maior parte dessas experiências o emissor concentrava-se em um objeto ou desenho de um objeto, como alvo, enquanto o receptor, muita vez colocado em outro cômodo, ou talvez a maior distância ainda, experimentava reproduzi-lo por meio de desenho ou descrição verbal. Em algumas das melhores experiências de Upton Sinclair, o receptor, que era a esposa do experimentador, a Sra. Mary Craig Sinclair, estava a milhas de distância do emissor. Tanto William McDougall como Albert Einstein ficaram bastante impressionados com o livro de Sinclair, *Mental Radio*, para pedir que se fizesse uma exposição científica. Outros experimentadores também tiveram eminentes patrocinadores. Hans Driesch louvou altamente a obra de Tischner e Gardner Murphy apresentou uma tradução aos leitores americanos do livro de Warcollier, *Experiments in Telepathy*.

Durante a década de 1920, realizaram-se duas experiências importantes em telepatia em Universidades. Ambas em laboratórios

de psicologia, um na América e outra na Europa. Cada uma introduziu novos aspectos na pesquisa telepática e ambas merecem atenção, visto como não são bem conhecidas do público.

Realizaram ambas experiências jovens psicólogos, sob a orientação de pessoas mais velhas e eminentes nesse campo.

Na Europa, o Doutor H. J. F. W. Brugmans fez o trabalho, sob o patrocínio do professor G. Heymans, na Universidade de Groningen na Holanda. A pesquisa norte-americana realizou-se na Universidade de Harvard, com o Doutor G. H. Estabrooks, sob orientação do professor McDougall, que para lá se havia transferido de pouco, vindo da Universidade de Oxford.

As experiências holandesas de telepatia foram feitas por meio de um único sujeito, estudante da Universidade, que se verificou possuir capacidade especial. Utilizou-se processo excepcional e cercou-se a experiência de precauções complicadas. O sujeito tinha os olhos vendados e estava sentado junto a uma mesa. Nesta, em frente dele, encontrava-se uma espécie do tabuleiro de quarenta e oito casas marcadas por letras e números, separada dele por uma cortina opaca e pesada. O estudante estendia o braço direito através da cortina e pousava-o no tabuleiro. No cômodo de cima, estava sentado o experimentador, olhando através de um furo no soalho diretamente sobre o tabuleiro. Duas placas de vidro, com um espaço de ar intermediário, cobriam o conjunto. O experimentador podia ver as mãos do sujeito mas este não podia vê-lo.

Fez-se uma experiência da seguinte maneira: O experimentador retirou de um saco que continha blocos com as letras de A a H e números de 1 a 6 uma letra e um número ao acaso para indicar o quadro do tabuleiro que era preciso identificar. Em seguida, olhando pelo furo no soalho, fixava a atenção sobre o quadro escolhido no tabuleiro em baixo e forçava silenciosamente o sujeito a apontar para o referido quadro. Tinha-se recomendado ao sujeito que movesse livremente a mão e, ao sentir que havia identificado o quadro conveniente, devia dar duas pancadas para indicar ter feito a escolha.

Dentre um total de 187 experiências, obtiveram-se 60 sucessos. Quatro seria o total esperado de acordo com o cálculo de probabilidades. Não só esta proporção de sucesso foi altamente significativa, afastando inteiramente a probabilidade como explicação, mas fizeram outros achados interessantes que ultrapassaram a simples questão da ocorrência da telepatia. Por exemplo, o sujeito saía-se melhor quando o emissor estava no cômodo de cima do que quando estava no mesmo cômodo. Era mais bem sucedido depois de ter tomado pequena dose de álcool do que antes. Outro achado revestiu-se de importância, embora o experimentador não o visasse: o sujeito perdia a capacidade de acertar nas experiências, o que se atribuiu à ansiedade pelos estudos que fizera.

Na experiência de Harvard, utilizaram-se cartas de jogar como objetos e os dois cômodos em que estavam o emissor e o receptor encontravam-se no mesmo pavimento, separados por portas duplas ao invés das placas de vidro da experiência anterior. Como sujeitos nas experiências, Estabrooks empregou estudantes de Harvard na maior parte. Tais sujeitos não eram escolhidos de qualquer maneira, consistindo de todos os que o experimentador encontrava prontos e dispostos a tomarem parte. Antes da sessão, Estabrooks divertia os sujeitos com mágicas e outras brincadeiras para que sentissem mais vontade de participar. Em retrospecto, esta circunstância parece de grande importância - fazer esforços para tornar a experiência interessante.

O próprio Estabrooks atuou como emissor, sendo o seguinte o processo da experiência: depois de baralhar as cartas, olhava para a de cima e fazia sinal por meio de uma lâmpada elétrica para indicar que estava pronto. O sujeito procurava então identificar a carta em que Estabrooks estava pensando. Em cada sessão experimentavam-se 20 cartas. Depois de ter submetido 83 sujeitos a esta experiência, Estabrooks calculou o número total de sucessos e verificou que a probabilidade era de um em um milhão para que o resultado fosse devido ao acaso.

Estrabrooks verificou igualmente que os sujeitos declinavam na proporção de sucessos. Primeiramente, acertavam mais na primeira parte da experiência, ficando esgotados à proporção que se submetiam às vinte experiências. Mais ainda, quando se traziam novamente alguns dos sujeitos mais tarde para uma segunda sessão (ficando aliás colocados em um cômodo ainda mais afastado do emissor), embora comesçassem um tanto acima da média provável, baixavam a um ponto muito inferior a esta antes de terminada a série. Nesta segunda sessão, notava-se queda ainda maior nos sucessos do que na primeira. Estabrooks menciona ter sido obrigado mais persuasão para que se submetessem a parecendo que essa relutância se refletisse no numero de sucessos.

A principal contribuição desse trabalho em Harvard, entretanto, consistiu em mostrar que, se as condições forem favoráveis, um grupo não escolhido de jovens é capaz de demonstrar telepatia.

*

Os psicólogos profissionais não aceitaram estas pesquisas. Nem mesmo foram publicadas nas revistas de psicologia. Nenhum experimentador sentiu-se suficientemente estimulado pela impressão produzida para prosseguir com esse tipo de investigação. Nem tampouco os laboratórios universitários continuaram com as experiências de telepatia. Estes dois exemplos mostram bem como o investigador, dispendo já de descoberta importante nas mãos, pode ver-se detido no caminho que está trilhando pela força da opinião profissional. O acontecido resultou diretamente da antipatia entre os psicólogos para com qualquer afirmação que sugira a presença de fator não material no homem.

Segundo todos os padrões de pesquisa que prevalecem em psicologia, tinha-se criado uma situação favorável para a telepatia. Mostrara-se possível à aquisição de conhecimentos sem a utilização dos sentidos. Na realidade, não foi grande a crítica às investigações em si, nenhuma justificativa o abandono. Deixou-se simplesmente de tomar conhecimento.

Reconsiderando hoje essas experiências, é difícil perceber como um espírito propriamente científico pudesse mostrar-se indiferente ao desafio que o trabalho de Estabrooks e Brugmans apresentou. Somente é possível concluir que a Ciência é também capaz de mostrar-se funcionalmente cega quando ver lhe chocaria a complacência. A Ciência pode ser bastante humana.

*

O que tornava a telepatia de tão difícil consideração por parte da psicologia era, embora seja estranho dizê-lo, precisamente o aspecto que despertava o interesse dos investigadores. Não se ajustava ao quadro material do mundo. Os psicólogos estavam procurando "explicar" o espírito integrando os processos psíquicos aos físicos. Somente seria possível fazê-lo se limitasse à percepção aos sentidos, que funcionam segundo padrões materiais. A ordem extra-sensorial de percepção não tinha lugar na dinâmica do sistema nervoso; era intolerável à maneira de pensar que então se tomara ortodoxa e, portanto, devia rejeitar-se.

Tinham-se realizado esforços, mesmo em a Grécia antiga, para aplicar teorias físicas à telepatia. Demócrito propusera as hipóteses de ondulações e de corpúsculos. Agora, encontravam-se contrapartidas dessas explicações de conformidade com os conhecimentos mais modernos da física. Por exemplo, o físico Sir William Crookes sugeriu que certo tipo de ondulação cerebral poderia fazer parte da transferência do pensamento (não seriam as ondas cerebrais, que ora se estudam, pulsações elétricas do cérebro, mas ondas mais parecidas com as do rádio). O físico alemão, professor W. Ostwald, formulou a opinião de que o homem possui energia psíquica que funciona em telepatia, mas que semelhante energia nada mais era senão outra forma da energia física. O neuropsiquiatra suíço, Doutor Auguste Forel, sugeriu uma teoria detalhada de transmissão de elétrons para a telepatia.

Os que estudam a telepatia, porém, desde o início rejeitaram essas explicações. Entre os que haviam estado à frente da

investigação da telepatia contavam-se físicos como William Barrett, Sir Oliver Lodge e a Senhora Sidgwick, e nenhum deles aceitou qualquer hipótese física. O próprio Crookes, que era também estudioso dedicado de problemas de parapsicologia, não levava a sério à hipótese das ondulações cerebrais, por ele próprio formulada.

Conforme se encontrava a questão em 1930, para os que conheciam as provas, a telepatia avultava como exceção desafiadora à tendência física do pensamento, que dominava toda a ciência. Ou havia algum erro sério que permeava todas as provas a favor da telepatia, ou então se introduzira uma ordem diferente de realidade na ciência, que não se reconheceria anteriormente. Era como se fosse impossível manter a hipótese cerebrocêntrica do homem em face das provas a favor desse modo de percepção extra-sensorial. Dera-se o primeiro passo. Não foi definitivo, mas foi para frente. Desafiara-se com êxito o materialismo.

CAPÍTULO III

SEGUNDO PASSO: ESPÍRITO E MATÉRIA

TELEPATIA possui na clarividência algo como fenômeno irmão. E a clarividência foi outra das pretensões psíquicas mais antigas a investigar-se cientificamente. A percepção clarividente consiste na percepção de objetos ou acontecimentos objetivos sem o emprego dos sentidos, enquanto a telepatia é a percepção dos pensamentos de outra pessoa, igualmente sem auxílio dos sentidos.

O termo "clarividência", embora signifique literalmente "ver claramente", na realidade nada tem com a visão. As impressões clarividentes podem ser sob a forma de imagens visuais, mas também podem ser por igual de outros tipos. Qualquer apreensão direta de objetos externos é clarividência, contanto que os sentidos não tomem parte.

Um exemplo de clarividência espontânea esclarecerá o que queremos dizer com esse termo. Encontra-se, por exemplo, em "Fantasmas dos Vivos" a experiência de uma criança que teve a visão da genitora doente em casa. A criança, que tinha dez anos de idade, ia andando por uma atéia longe de casa, lendo um livro de geometria, quando de repente perdeu de vista os arredores e viu a genitora deitada, aparentemente morta, no soalho de um cômodo de casa que ninguém usava. A visão era muito clara; a criança chegou mesmo a notar um lenço rendado caído no chão a pequena distância do corpo. A visão era tão real que a menina, em lugar de ir para casa diretamente, foi imediatamente procurar o médico e convenceu-o a acompanhá-la até em casa. Não era capaz de explicar-lhe as razões, porque a senhora tinha até então gozado de boa saúde e deveria estar fora de casa naquele dia. Quando o médico e a menina chegaram encontraram o chefe da família que também se aproximava. Ao ver o médico, perguntou imediatamente: "Quem está doente?" A criança disse que a mãe estava doente e levou-os ao quarto abandonado. Lá estava a senhora caída no chão, exatamente como a menina a tinha visto. O lenço bordado encontrava-se a pequena distância. Tinha sofrido um ataque de coração; o médico assegurou que se não houvesse chegado naquele momento, ela não se salvaria. Foi somente depois do episódio que o pai descobriu ter a esposa adoecida quando a menina estava ausente. Nenhum criado teve conhecimento do mal repentino. Ninguém vira como o fato se havia passado. Em consequência, a telepatia pareceria explicação pouco satisfatória. A visão da menina parece ter sido um caso de clarividência ou conhecimento extra-sensorial de acontecimentos objetivos. É mais seguro, contudo, considerar qualquer prova não-experimental como esta mais sugestiva do que conclusiva.

Casos espontâneos de clarividência são quase tão freqüentes como os de telepatia. Mas no começo a clarividência não teve algo que se assemelhasse à "atração para pesquisa" da telepatia. Na realidade, tanto na Inglaterra como na América do Norte, onde se realizou a maior parte da pesquisa com relação à telepatia, deixou-se quase inteiramente de lado a clarividência. Em certos países do Continente, contudo, procedeu-se a certo estudo experimental das alegações de clarividência. E como esta trilha lateral conduz finalmente à estrada principal que procuramos tomar, será interessante bosquejar abreviadamente a história das primeiras pesquisas sobre clarividência.

A clarividência, como aconteceu com a telepatia, a princípio julgou-se depender da hipnose. O próprio Mesmer encontrou freqüentemente o que parecia ser experiência de clarividência nos indivíduos submetidos a transe. Referindo-se a uma pessoa em estado que hoje diríamos "hipnóticos" escreveu: "Às vezes o sonâmbulo, por meio da sensibilidade interna, pode ver distintamente o passado e o futuro." Em um dos incidentes por ele relatados, Mesmer conta como se encontrou uns cachorros perdidos, pertencentes a uma das pacientes submetidas por ele ao sono mesmérico. A paciente estava triste por ter perdido o cãozinho. Um dia, conforme conta Mesmer, quando entrou em sono sonambúlico, chamou a criada e disse-lhe que fosse buscar o policial de serviço na esquina da estrada. Quando ele chegou, ela deu instruções para que fosse imediatamente a uma rua que distava da casa uns 15 minutos a pé. Aí encontraria uma mulher carregando um cachorrinho, que ele podia exigir como pertencendo a quem estava falando. O policial obedeceu e encontrou a mulher com o cão ao colo, trazendo-o para a mulher mesmerizada, que o identificou como sendo dela.

Alguns dos seguidores de Mesmer utilizaram os poderes aparentemente clarividentes dos indivíduos mesmerizados para auxiliar no diagnóstico de moléstias. Fizeram-se igualmente demonstrações de "clarividência móvel" dentre as quais algumas tinham caráter mais experimental. Por exemplo, Sir William Barrett, físico inglês, o Doutor Alfred Backman, médico sueco, e muitos

outros, afirmaram que eram capazes de fazer com que um indivíduo hipnotizado se projetasse mentalmente a uma cena distante, trazendo em seguida um relato idôneo de certos acontecimentos ou outras informações que estavam de acordo com verificação ulterior. Dizia-se que a informação obtida era desconhecida de todas as pessoas presentes à experiência, atribuindo-se, portanto, à clarividência em lugar de transferência de pensamento.

Procedeu-se à outra espécie de experiência de clarividência com sujeitos hipnotizados. O professor Richet tirou ao acaso uma carta de um baralho, colocou-a em um envelope opaco e pediu à sonâmbula Léonie que a identificasse. O professor Richet certificou-se que Léonie era capaz de identificar, em estado hipnótico, as cartas assim guardadas, mesmo quando ninguém sabia qual a carta na ocasião.

*

Mas a clarividência por sua vez divorciou-se finalmente da hipnose. Como no caso da telepatia, a associação tinha sido puramente acidental. No correr do tempo, caso após caso da demonstração experimental de clarividência tornou-se conhecidos em que a pessoa submetida à prova se encontrava acordada normalmente. Fizeram experiências desse tipo Naum Kotik, na Rússia, o Doutor Rudolf Tischner, na Alemanha, a Srta. Ina Jephson, na Inglaterra, e Upton Sinclair, nos Estados Unidos. Na Polônia, realizaram-se igualmente estudos das extraordinárias manifestações de clarividência do famoso Stefan Ossowiecki. Em todas essas experiências, salvo as da Srta. Jephson, o sujeito experimentava descrever ou reproduzir desenhos ou outros objetos completamente ocultos e desconhecidos de qualquer pessoa presente. Nas experiências da Srta. Jephson, pedia-se à pessoa que identificasse cartas de jogar.

Em todos esses casos, o experimentador estava convencido de que a coincidência fortuita não podia explicar adequadamente os resultados, não sendo possível aplicar qualquer outra hipótese que

não a clarividência. Nas experiências da Srta. Jephson, era possível avaliar estatisticamente os resultados, enquanto nas de Ossowiecki os sucessos nítidos relatados por Theodor Besterman da S. P. R. não necessitavam de avaliação matemática. Em uma dessas experiências, Besterman desenhou um tinteiro e escreveu no papel "SWAN INK" uma palavra de cada lado do tinteiro. Fez um risco azul debaixo da primeira palavra e um risco vermelho debaixo da outra, depois dobrou o papel duas vezes. Colocou-o dentro de três envelopes, colando cada um deles e marcando-os de modo a revelar qualquer tentativa de violação. No curso de três sessões, Ossowiecki progrediu até uma descrição quase perfeita do conteúdo; nenhuma pessoa presente o conhecia e Besterman, que sabia, não tinha conhecimento da distribuição das experiências.

Outro tipo de experiência de clarividência apresenta-se sob a denominação errada de "psicometria". Neste tipo de experiência, passa-se ao sujeito um objeto com uma história especial. Este tenta então fazer comentários importantes com relação a acontecimento passados associados ao objeto. O Doutor Gustav Pagenstecher, médico na Cidade do México, relata famoso exemplo dessa espécie. Esse médico fez experiências com uma senhora mexicana identificada como Sra. Z. O Doutor Walter Franklin Prince, da S. P. R. Americana, fez posteriormente um estudo dessa senhora, que confirmou os achados do Doutor Pagenstecher. O Doutor Eugene Osty, de Paris, e o professor Oskar Fisher, de Praga, entre outros, também realizaram experiências em psicometria e consideravam os resultados como prova de clarividência.

Cada um dos clarividentes fazia uso de técnica diferente. O sujeito do professor Fischer era um caso especial como Ossowiecki, caráter famoso. Chamava-se Rafael Schermann e, como fazia uso geralmente de um trecho escrito à mão sobre o qual se concentrava, chamavam-no de "metagrafólogo". Conforme os relatórios, Schermann indicava fatos nas experiências que não era possível derivar da interpretação grafológica comum da escrita à mão. Deu, por exemplo, informações sobre a situação atual e a conduta do autor do trecho escrito.

Tais os tipos principais de provas que favorecem a clarividência. Em 1930 havia, em geral, provas muito melhores e em muito maior quantidade a favor da telepatia do que da clarividência. Certo número de investigadores cientistas eminentes havia chegado a conclusões que lhe eram favoráveis, mas era em menor número do que os que se mostravam dispostos a aceitar a telepatia.

Todavia, não se levou avante à clarividência ativamente. As experiências de clarividência são realmente mais fáceis de realizar do que as de telepatia. O controle é somente de uma pessoa, enquanto na telepatia tem-se de tratar de duas, o emissor e o receptor. Nas experiências telepáticas, também, impõe-se encontrar bons emissores e, por igual, bons receptores do outro lado. Mas havia forte interesse preferencial a favor da telepatia que contribuía para que se superassem essas desvantagens.

Encarava-se mais facilmente a transferência do pensamento como um passo além do que é material. A relação de espírito para espírito afigurava-se transcender os princípios mecânicos em que implica a comunicação sensorial. A clarividência, por outro lado, importava definitivamente em ação recíproca com a matéria. Era indispensável supor alguma operação recíproca do espírito com o objeto para tornar inteligível. A clarividência assemelhava-se mais a um sentido adicional, de preferência a completa função não-sensorial, conforme a telepatia parecia apresentar-se. Assim sendo, os que procuravam manifestações excepcionais do espírito acharam a telepatia mais promissora e mais significativa.

*

Quando em 1930 começamos a trabalhar em Duke, tanto a clarividência quanto a telepatia apresentavam-nos o mesmo interesse, mas esse equilíbrio inicial teve curta duração. Desde logo, no curso das investigações, a clarividência pôs-se à frente, continuando em seguida a assim se manter. Ao tempo em que se publicou em 1934 o primeiro relatório das experiências de Duke sobre telepatia e clarividência, avultava muito mais o trabalho sobre

esta do que sobre aquela. Nos anos que se seguiram, durante os quais o tipo de pesquisa iniciado em Duke estendeu-se a outras instituições, a mesma preponderância das experiências de clarividência sobre as de telepatia continuou. Em vista desta evolução, será preferível prosseguir agora com a parte da história que trata da clarividência, voltando depois a retomar o progresso realizado no estudo da telepatia.

O plano para as experiências de clarividências executadas em Duke era muito simples - pelo menos no que entendia com o seu mecanismo. Tentamos simplificar e padronizar as experiências até o ponto em que pouca atenção exigia como tais. O melhor processo para as experiências parecia ser a identificação de cartas ocultas, tendo-se para isso imaginado um baralho simplificado. Compunha-se de vinte e cinco cartas, cinco de cada um dos diversos naipes usuais. Introduziram-se pequenas modificações de tempos em tempos dos naipes e o baralho tornou-se conhecido como "cartas ESP".

Para uma experiência inicial de clarividência empregava-se muita vez o seguinte processo: Depois de mostrar-se o baralho ao sujeito, explicando-se-lhe a natureza da experiência, baralhava-se, cortava-se e colocava-se com a face das outras viradas para baixo sobre a mesa junto à qual ele estava sentado. (Mencionaremos mais tarde as precauções que se tomavam contra sugestões sensoriais). O experimentador sentava-se à frente, tendo à mão material para registro. Pedia-se ao sujeito identificasse a carta de cima do baralho e quando ele a escolhia indicando um símbolo, registrava-se e retirava-se a carta, sem, entretanto, olhá-la. Procedia-se por igual maneira com todas as outras, até esgotar o baralho. Comparavam-se em seguida as cartas em cima da mesa com o registro para descobrir o número de sucessos. Animava-se o sujeito da melhor maneira possível e, depois, baralhavam-se de novo as cartas e passava-se a nova experiência.

Somente pelo acaso, a média de pontos a esperar deveria ser de 5 em 25. Se o sujeito conseguia mais de 5 em média, o desvio, seja o número total de sucessos acima da expectativa provável, media-se

por meio de uma unidade matemática denominada "desvio padrão". Esta medida, há muito empregada nas várias ciências, indica a probabilidade de não serem devidos Somente aa acara os resultados obtidos. Se, por exemplo, se procedesse a uma experiência com quatro séries do baralho inteiro com o resultado de 7,5 sucessos em cada uma, a probabilidade seria de 150 para 1 contra o total de 30 sucessos, ou o desvio de 10 acima da expectativa para que fossem devidos simplesmente à sorte ou ao acaso.

Naturalmente, quanto mais longa se mantém a média, tanto melhor. Se realizassem 8 séries de experiências seria necessária a média de tão-só 6,5 para conseguir a probabilidade de aproximadamente 150 para 1 contra a possibilidade de produzir o acaso só por si aqueles resultados. Esta média corresponderia a 52 sucessos ou 12 acima dos 40 esperados do acaso. Ordinariamente, probabilidades de 100 para 1 ou menos são aceitas na ciência como garantia de que os resultados não são devidos ao acaso. São, então, em termos técnicos, "estatisticamente significativos". Esta expressão ou simplesmente "significativo" será empregado freqüentemente em todo este livro, querendo simplesmente dizer por acordo geral entre os cientistas que os resultados pedem outra explicação que não o acaso; em uma palavra, são legítimos ou idôneos.

Muito naturalmente, em pesquisa pioneira como a clarividência, não desejamos incorrer em riscos evitáveis com os cálculos. Compreendemos a tendência popular para suspeitar das estatísticas, remanescente dos dias em que os três graus de ficção eram: "mentiras, horríveis mentiras e estatísticas". De sorte que, desde o início, conservamo-nos bem perto de peritos matemáticos e de tempos em tempos conseguimos aprovação especial para os processos matemáticos utilizados. (Ver CAPÍTULO X.) Não se ergueu nunca qualquer voz discordante entre os matemáticos contra essas avaliações confirmadoras.

Voltemo-nos agora para os sucessos reais. O melhor receptor submeteu-se à experiência do baralho ESP mais de 700 vezes durante os primeiros anos de trabalho, a que se refere o meu primeiro relatório, "Percepção extra-sensorial", publicado em 1934.

Este homem acusava a média de 8 sucessos em 25 experiências, mais de 3 acima da expectativa para cada baralho. Ora, a probabilidade é de 100 para 1 a favor da média para qualquer pessoa fazer 8 ou mais pontos em três séries sucessivas Somente por acaso. A fim de exprimir a probabilidade contra a média de 8 pontos ou mais Somente por acaso para uma série de 700 ou mais experiências, seria necessário um parágrafo inteiro de algarismos. Esta realização de um único indivíduo é tão significativa e elimina tão completamente o acaso que não importa o que qualquer outro indivíduo realizou. Independentemente do número de sucessos, não lhes seria possível anular o caráter frisante fora do acaso da realização desse único indivíduo!

Apesar disso, publicaram-se em sua totalidade os resultados relativos a todas as experiências. De fato, no relatório de 1934 fez-se questão de registrar todas as experiências para mostrar que não se fizera qualquer escolha dos dados. Em consequência, a escolha não caracterizou de qualquer maneira a interpretação dos resultados. O número médio foi de 7 sucessos em 25. Algumas das experiências incluídas nesse total geral foram realmente feitas com a intenção de baixar a proporção de sucessos. Algumas constituíram simplesmente experiências preliminares com indivíduos que não se sabia se possuísse qualquer capacidade ESP. Foram todos incluídos, embora alguns só tivessem atingido o nível de "acaso" de 5 e outros tivessem ficado abaixo de 5. Todavia, as experiências, em sua maioria, foram conduzidas com um grupo escolhido de sujeitos que, nas experiências preliminares, revelaram a capacidade de acertar na ordem geral de 6 a 11 sucessos em 25. Mas, conforme dissemos acima, incluímos na compilação geral de dados os sucessos de todos os sujeitos recusados para experiências continuadas. Em consequência, a média geral de 7 sucessos em 25 para mais de 85 mil experiências separadas de chamadas de cartas realizadas com o baralho ESP representa todos os resultados. A conservação desse número em série tão longa constitui demonstração fenomenal de realização ora do acaso. Tem tal significação em face de medidas matemáticas que não deixam qualquer dúvida estar ocorrendo algo

mais do que simples acaso nas experiências. Uma série de experiências consistindo tão-só de 6 séries que apresentasse média de 7 sucessos já teria significação. O trabalho total, consistindo de mais de 3 400 dessas séries tem muito maior significação do que poderia indicar a relação de 3 400 para 6.

Seria possível avaliar o acaso por outras maneiras. A primeira vez que deparamos com uma sucessão de 9 sucessos em uma série nas primeiras experiências de clarividência soubemos não se tratar de simples acaso. A probabilidade contra tal série de sucessos é um número muito grande, obtido elevando 5 à potência 8. Poucos dias depois, o mesmo sujeito marcou 15 sucessos seguidos, e outro, finalmente, conseguiu 25, marcação perfeita. Estas realizações notáveis foram raras, mas quando ocorriam afastavam qualquer suspeita que ainda nos restasse no espírito da possibilidade de aplicação de qualquer hipótese baseada no acaso.

*

Evidentemente, em qualquer experiência tudo depende das precauções que se tomam. Até agora Somente descrevi o tipo introdutório das condições de experiência no trabalho de clarividência. Sem dúvida, era necessário adquiríssemos absoluta certeza de que nenhuma indicação sensorial de qualquer espécie influía para afetar a proporção de sucessos. Um dos primeiros passos que demos consistiu em introduzir um anteparo opaco entre as cartas e o sujeito. Às vezes, removíamos as cartas para um cômodo próximo ou para outro edifício. Outra maneira de ocultar as cartas consistia em pô-las separadamente em envelopes opacos, que eram fechados e marcados. Em certas experiências, conservava-se o baralho inteiro guardado em uma caixa. Adotaram-se várias outras garantias para experiências especiais.

Introduziram-se também modificações no registro. Não só se registravam as indicações do sujeito mas anotavam-se as cartas separadamente. Finalmente tornou-se regra registrar as cartas e as indicações em folhas diferentes de registro para evitar erros.

Algumas precauções eram verdadeiramente extraordinárias! Vejam-se, por exemplo, as experiências de Pratt e Woodruff, realizadas em Duke, em 1938 e 1939. Eis algumas das precauções: Dois experimentadores estavam sempre presentes e utilizavam-se registros independentes em duplicata, tomados em folhas de papel numeradas em série, trazendo o carimbo oficial do laboratório; e empregavam-se cofres para depositar a duplicata dos registros antes de proceder à verificação no original. Somente o bibliotecário tinha a chave das caixas. Impunham-se ainda outras condições à experiência, em consequência da tensão e ansiedade que nos cercavam durante os anos de discussões que se seguiram à publicação da monografia de 1934. Por simples exagero das medidas de precaução, provavelmente nunca se realizou qualquer experiência que se lhe compare.

Nenhuma conheço no campo da psicologia. Seria inteiramente enfadonho descrevê-la em todos os detalhes.

Conservava-se o baralho atrás de um anteparo espesso enquanto se realizava a experiência. Empregaram-se indivíduos comuns, não escolhidos, inclusive um psicólogo que duvidava. A proporção de sucessos, em termos da média para a série total, não muito acima da probabilidade, foi Somente de 5,20, em comparação com a expectativa média de 5. Mas essa média representa um total de 489 sucessos acima da expectativa para 2.400 experiências feitas na série, o que tem grande significação. De acordo com os matemáticos, este número de sucessos seria de esperar do acaso Somente uma vez em um milhão de séries semelhantes.

Mas as precauções complicadas saem caro. Experimentadores que há muito trabalham neste campo observaram que a proporção de sucessos fica prejudicada conforme se torna à experiência complicada, pesada, de movimento vagaroso. As medidas de precaução são geralmente de estontear. Uma das circunstâncias observadas por Pratt e Woodruff foi que a percentagem de sucessos baixava notavelmente para o sujeito médio sem qualquer alteração das condições da experiência. Atribuíram-no à perda de novidade - da tendência a tornar-se monótona as experiências para o sujeito.

Todavia, quem quer que deseje verificar terem sido todas as explicações contrárias devidamente ponderadas, do ponto de vista de precauções, pode compulsar o relatório de Pratt e Woodruff no "Jornal de Psicologia" para 1939.

*

Observa-se a impressão generalizada de que as alegações a favor da clarividência dependem das pesquisas de Duke. Essa opinião, contudo, está bem longe da verdade. O trabalho realizado em Duke poderia perfeitamente ser deixado por inteiro de lado sem que se alterasse seriamente o sentido concludente da prova da clarividência. É verdade que se realizou maior trabalho sobre o assunto em Duke do que em qualquer outro lugar, mas há bastante trabalho até de sobra inteiramente independente do Laboratório de Parapsicologia de Duke.

Enquanto se realizavam as experiências em Duke, um jovem psicólogo alemão da Universidade de Bonn, o Doutor Hans Bender, efetuou uma série de experiências de clarividência empregando letras do alfabeto. Concluiu que o paciente, moça estudante, revelava capacidade clarividente para identificação de letras ocultas.

Quase por toda parte fez-se uso das cartas ESP. Com exceção do investigador inglês, G. N. M. Tyrrell, que utilizou certa máquina para experiências que funcionava por meio de eletricidade, que ele próprio inventara, as experiências com as cartas ESP representaram algum papel em todas as outras pesquisas de clarividência. O Doutor C. R. Carpenter, então psicólogo no Colégio de Bard, e o colega matemático, Doutor H. R. Phalen, compararam cartões coloridos com cinco cores representadas no baralho de 25 cartas com as cartas simbólicas ESP, conseguindo resultados altamente significativos na mesma proporção, aproximadamente com ambos os tipos de cartas.

Entraram em uso, também, novas técnicas, umas criadas em Duke, outras em outros pontos. Um dos experimentadores de Duke, J. G. Pratt, trabalhando com o Doutor Gardner Murphy, que estava então na Universidade de Colúmbia, criou uma técnica denominada

"Combinação às ocultas pelo tato", conseguindo resultados significativos em experiências realizadas em Nova York. O experimentador conservava na mão o baralho virado para baixo por trás de um anteparo opaco fixado na mesa entre ele e o sujeito. O anteparo tinha uma abertura que permitia ao experimentador ver o movimento de uma varinha que o sujeito segurava. Este apontava com a varinha para um dos cinco símbolos nas cartas chamadas "cartas-chave"; em seguida, indicava pensar que a carta de cima do baralho nas mãos do experimentador era daquele naipe ou tipo. O experimentador colocava então a carta virada para baixo em cima da mesa, em posição oposta à carta-chave indicada. Tornou-se usual o emprego do anteparo em um único sentido com este processo. Isto é, o sujeito não podia ver as cartas de qualquer ângulo, mas o experimentador era capaz de acompanhar a varinha do paciente e as cartas-chave.

Durante a década de 30, a questão de saber qual o melhor processo esteve muito indecisa. J. L. Woodruff e o Doutor R. W. George, do Tarkio College de Missouri, comparou os dois tipos principais de experiências, as técnicas de chamada e de combinação. Nas experiências de chamada, o sujeito dizia ou escrevia o símbolo escolhido; na combinação, indicava-o pela posição, ou apontando para uma carta-chave ou colocando uma carta a ser identificada em oposição a uma carta-chave que achava pudesse combinar. Dentre as técnicas mais importantes, estas duas se equivaliam.

Não foi totais o sucesso com essas experiências. Mas os fracassos podem também ser altamente instrutivo. Uma descoberta nessa época foi a grande desvantagem das experiências com grupos em comparação com as individuais. Vernon Sharp e o Doutor C. C. Clark da Universidade de Nova York compararam experiências em classes com experiências particulares e verificaram, como aconteceu em Duke, que as experiências individuais davam resultados muito favoráveis. Na realidade, as experiências com grupos ficaram Somente pouco acima da média esperada de puro acaso. Na Universidade de Colúmbia, Ernest Taves e o Doutor Gardner Murphy realizaram uma série de tipos diferentes de experiências

ESP que acusaram resultados iguais aos do acaso no que dizia respeito ao número médio de sucessos. Contudo, analisando melhor os registros, verificaram que, quando um paciente era bem sucedido em um tipo de experiência em certa sessão, tendia a ser bem sucedido em outra, e, quando era mal sucedido em uma, o mesmo acontecia em outra. Esta covariação convenceu Murphy e Taves que um vestígio de algo mais do que o acaso atuava, e a clarividência seria a única explicação razoável de que se dispunha.

O sucesso em descobrir as provas da clarividência resultou, mais de uma vez, de exame mais acurado dos dados.

Foi na Universidade do Colorado que se efetuou a maior pesquisa isolada de ESP. E talvez o maior empreendimento de que se tenha notícia em parapsicologia. Realizou-o a jovem psicóloga, a Srta. Dorothy Martin, e a matemática, Srta. Frances P. Stribic, dilatando-se por mais de três anos.

Primeiramente, Martin e Stribic experimentaram com 332 estudantes voluntários, mas afinal resolveram trabalhar Somente com um indivíduo notável, jovem estudante. Não só sustentou a percentagem de sucessos melhor do que os outros, mas parecia melhorar realmente dentro de cada ano escolar, muito embora a média baixasse de um ano para o seguinte. As experimentadoras do Colorado submeteram os pacientes à experiência do baralho ESP em mais de 12 mil séries, das quais 3.500 constituíram objeto de assunto importante único. Esta série experimental é verdadeiramente enorme, quando se considera que essas duas investigadoras verificaram duas vezes o baralho em comparação com as chamadas, mas depois inverteram a ordem da verificação para conseguir controle baseado na teoria das probabilidades. Realizaram-se mais de 300 mil experiências distintas em uma única verificação desta série monumental.

Mas a compensação foi impressionante. O paciente principal atingiu a média de 6,85 de sucessos por série, para mais de 3.500 realizadas. Para o total de 12 mil séries, a média foi de 5,83 sucessos para cada um, enquanto a verificação inversa acusou 4,98, muito aproximada da expectativa teórica de 5. A média da experiência de

clarividência de 5,85 é extremamente significativa. A probabilidade contra o alcance desse número Somente pelo acaso seria um número de proporções astronômicas e o mesmo pode dizer-se dos resultados obtidos com o tema principal considerado isoladamente. O acaso constitui ridícula alternativa diante de tais números.

Os resultados desta experiência ainda se tornam mais notáveis quando se considera que o processo ESP empregado no Colorado era de supor-se o mais difícil que até então se imaginara para o assunto. Chama-se de processo "DT", significando "Down Thru" (através para baixo). Em cada série, baralhavam-se as cartas, cortava-se o baralho e colocava-o virado para baixo em cima da mesa. Pedia-se ao sujeito que chamasse as 25 cartas, esforçando-se por identificar a ordem das cartas através de todo o baralho. Deixavam-se as cartas no lugar até terminar-se a série. Em seguida, depois de algumas séries introdutórias, colocava-se um anteparo opaco entre as cartas e o sujeito. Fez-se a maior parte das séries nessas condições.

Por vezes, contudo, pequena pesquisa pode ser de grande valor. Foi o que ocorreu com uma investigação realizada uma noite pelo Doutor Lucien Warner e sua associada, a Sra. Mildred Raible. Anos de experiência contribuíram para o preparo que tornou possível o trabalho feito naquela noite e experiências anteriores do Doutor Warner o levaram à descoberta da notável clarividente que funcionou na experiência. Nessa ocasião, os dois experimentadores ocuparam um cômodo do andar superior de uma residência particular, enquanto a paciente se mantinha no andar térreo. Os dois do primeiro andar não estavam diretamente por cima da paciente do andar de baixo. Utilizou-se um sistema de sinais em uma única direção, que consistia de uma lâmpada elétrica, para que a paciente indicasse estar pronta para a experiência. Os experimentadores cortavam o baralho ESP, escolhiam uma carta sem olhar e a colocava virada para baixo sobre a mesa até que a paciente desse sinal que tinha registrado a chamada dela mesma. Então os experimentadores olhavam para a carta e a registravam.

Prosseguiu-se com a série até completar 250 experiências, sem interrupção, o que equivalia a 10 séries através de todo o baralho. Substituíam-se, contudo, cada carta quando registrada e cortava-se novamente o baralho depois de embaralhar. Em lugar da média de 5 sucessos por 25 esperada pelo cálculo, conseguiu-se a média de 9,3. Este número, mesmo para séries relativamente curtas, é de enorme significação, correspondendo a probabilidades de milhões contra um. O Doutor Warner, como Pratt e Woodruff, tinham destinado esta experiência a rebater a soma total das críticas feitas ao trabalho com ESP. Ninguém ainda foi capaz de encontrar qualquer jaça séria em uma ou outra experiência.

Mencionei Somente algumas experiências que confirmam a ocorrência da clarividência - algumas das que se realizaram em Duke e outras levadas a efeito, dentre muitas, depois de 1934. Se estivesse visando à perfeição, teria de mencionar todas as pessoas que tentaram experiências de clarividência, mas não foram capazes de conseguir resultados significativos. Verificaram-se vários fracassos dessa natureza, especialmente em casos nos quais era limitado o conhecimento de problemas especiais e das necessidades peculiares em que implicam essas experiências. Existe igualmente considerável volume de provas favoráveis à clarividência que não foi possível persuadir os autores a publicar, devido à reação desfavorável por eles prevista por parte da profissão psicológica.

Entretanto, parecem já termos dito bastante para mostrar que é forte atualmente a posição da clarividência. O trabalho que contribuiu para que se firmasse, principalmente durante a década dos trinta, fê-la progredir a posição incomparavelmente melhor do que seja a clarividência, seja a telepatia tinham no começo dessa década.

A instituição da clarividência constitui um segundo passo, grande progresso, na direção da solução do problema relativo ao homem sobre o qual insistimos no CAPÍTULO inicial. As pesquisas revelaram que o espírito é capaz de ação recíproca de certa maneira direta (extra-sensorial) com o objeto material percebido, e assim o faz independentemente das diversas barreiras materiais elevadas para excluir qualquer contato sensorial.

*

Retornamos agora ao ponto em que deixamos a telepatia em 1930. Bons motivos existiam para reservarmos tratamento especial a este ramo da investigação. A verdade é que o problema da telepatia experimentava naquela ocasião sérias dificuldades, e teria sido difícil cogitar das suas complicações juntamente com a pesquisa da clarividência.

A simples verdade é que descobrimos em 1930 não se prestarem as "experiências de telepatia" a provar a telepatia. Na realidade, eram ambíguas as provas a favor da telepatia existentes. O trabalho realizado havia contribuído para provar um modo extra-sensorial para aquisição de conhecimentos, mas as circunstâncias não permitiam interpretação definida para saber se a percepção era telepática ou clarividente.

A situação era a seguinte: em todas as experiências tinha havido uma carta, um objeto, um desenho de certa espécie para o qual o emissor olhava. E verdade que se davam instruções ao sujeito para que se esforçasse por apresentar os pensamentos do emissor; mas não se dispunha de meio algum para verificar até que ponto o receptor se baseara no pensamento do emissor a respeito do objeto ou até que ponto dependera da percepção clarividente direta.

Por outro lado, nas experiências de clarividência, excluía-se a telepatia. Fora suprimido pelo simples expediente de escolher uma carta ou um objeto que ninguém sabia qual era. Por incrível que pareça agora, nunca pensaram ser necessário eliminar a possibilidade da clarividência quando se planejava uma experiência de telepatia. Para o espírito dos que procuravam provas a favor da telepatia, a clarividência era aparentemente tão-só remota possibilidade que era possível deixar de lado sem inconveniente.

Se levarmos em conta que alguns investigadores na pesquisa telepática e outros interessados eram eminentes na ciência européia ou norte-americana, é de surpreender que durante meio século de investigação ninguém tivesse posto em dúvida a propriedade do

processo utilizado na telepatia. É duvidoso se a ciência exhibe melhor exemplo da sutil influência que a predisposição pode exercer sobre o julgamento crítico. Se a preferência pela clarividência fosse mais intensa, o mesmo tipo de experiência teria servido de igual maneira para demonstrá-la. Se não formos extremamente vigilantes, inclinarmos-nos a achar simplesmente o que pretendemos descobrir.

De tal maneira, depois de cinquenta anos de experiências de telepatia, impunha-se nova experiência. Felizmente, a mudança necessária era muito simples. Bastaria, para satisfazer à nova exigência, fazer com que o sujeito pensasse a respeito do objeto sem que este estivesse presente. Era permitido fazer uso dos símbolos ESP, contanto que as cartas não estivessem presentes.

Não se procedia ao registro objetivo do pensamento senão depois de ter sido registrada a experiência. Em lugar de tomar os símbolos um a um do baralho, o emissor escolhia mentalmente o primeiro símbolo quando o receptor dava o sinal para a primeira experiência. O receptor tentava então identificar o símbolo em que o emissor estava pensando, e depois de formular o julgamento lançava-o na folha de registro. Somente depois de ter o emissor recebido o sinal seguinte, procedia ao registro da imagem em que havia pensado. Desse modo, o emissor fazia o registro sempre depois de ter o receptor registrado a própria resposta. Não existia na ocasião da experiência qualquer base objetiva segundo a qual a percepção clarividente atuasse, exceto se levarmos em conta a atividade cerebral que acompanha o pensamento do símbolo.

A princípio, emissor e receptor estavam no mesmo cômodo, mas depois se seguiu maior separação. Situaram-se sucessivamente em cômodos diferentes do mesmo edifício, em edifícios diferentes, e em situações geográficas diferentes, que implicavam em separação mais ampla.

Exercitava-se o emissor para pensar em símbolos em uma ordem qualquer que o sujeito não pudesse inferir. Imaginou-se sistema simples para fazer variar os símbolos com o fito de evitar seqüências de hábito pessoal, repetição indevida e outras circunstâncias.

O número de sucessos nas experiências de telepatia comparava-se bem aos da clarividência. Realizaram-se em Duke diversas experiências de pura telepatia com resultados significativos. Ao tempo em que estávamos prontos, em 1934, para assumir posição favorável com relação à ocorrência da percepção clarividente, estávamos também convencidos de alegações sólidas a favor da telepatia. Tal convicção baseava-se inteiramente nos resultados das novas experiências. Era menor o número de provas a favor da telepatia do que da clarividência, mas eram tão semelhantes sob muitos aspectos que os dois tipos de pesquisa se reforçavam mutuamente até certo ponto.

*

Em todas as oportunidades, comparávamos as duas aptidões. Quando encontrávamos um paciente com muitos sucessos em uma experiência, passávamos a experimentá-lo na outra, e, em geral, era possível transferi-lo de uma para outra sem lhe afetar grandemente a proporção dos sucessos. Até mesmo as flutuações diárias do número de sucessos do indivíduo refletiam-se nas médias tanto da telepatia quanto da clarividência.

O efeito de drogas era muito semelhante para ambas às experiências. O narcótico amital sódico fazia baixar grandemente a proporção de sucessos em PC ou clarividência pura, e mais tarde encontrava-se o mesmo efeito em PT, ou trabalho de telepatia pura. A cafeína exercia influência favorável na percentagem de sucessos para as duas aptidões, quando administrada para impedir a fadiga ou o efeito de narcóticos.

A mesma ordem de sucessos manifestou-se sob condições de PC e de PT. Por exemplo, depois de um sujeito ter completado 25 sucessos em uma experiência de clarividência, outro sujeito notável realizou feito semelhante em pura experiência telepática. Ambas as aptidões se manifestaram sob as condições experimentais mais rigorosas. Das duas experiências mais concludentes realizadas durante os primeiros anos dos trabalhos em Duke, uma era do tipo

PC e outra do tipo PT. Conhecem-se essas duas séries como de Pearce-Pratt e Turner-Ownbey. Possuem outros aspectos que assemelham a telepatia e a clarividência uma de outra, mas a descrição dessas experiências pertence ao CAPÍTULO seguinte.

Indivíduos que gozavam de aptidão telepática também revelavam a de clarividência. Oito dentre nove pacientes principais em Duke que tomaram parte na comparação de PC com PT exibiram proporções bastante semelhantes em sucessos nos dois tipos de experiência. O nono, contudo, favorecia forte e uniformemente a telepatia, dando como explicação a preferência para trabalhar com uma pessoa em lugar de com cartas, que dizia lhe desagradarem profundamente.

De todas essas provas comparativas, era de concluir-se serem clarividência e telepatia essencialmente a mesma aptidão. Afiguravam-se manifestações simplesmente diferentes de um processo geral de percepção extra-sensorial, capaz de apreender estados tanto subjetivos quanto objetivos da realidade, pensamentos ou objetos. A prova combinada a favor da telepatia e da clarividência corroborou fortemente a ocorrência de percepção extra-sensorial, e empreguei o termo em meu livro de 1934 para me referir a uma aptidão que compreendia tanto a clarividência quanto a telepatia. Verifiquei mais tarde que praticamente a mesma expressão "percepção extra-sensorial" fora empregada por Sir Richard Burton desde 1870.

Mencionei que a maior parte do trabalho de ESP realizado depois de 1930 foi sobre clarividência. Continuou-se, entretanto, com algumas experiências de telepatia pelo antigo estilo, a maior parte delas na Inglaterra. Reconhecia-se agora, contudo, que este tipo de experiência não podia considerar-se mais como de telepatia. Referimo-nos a ele como GESP, ou percepção geral extra-sensorial, querendo dizer que não existe diferenciação entre clarividência e telepatia.

As experiências de GESP tornaram-se muito interessantes quando comparadas às de PC e PT. Tais comparações são importantes porque nos dizem como se identificam intimamente, na

realidade, PC e PT. Se a telepatia e a clarividência são duas funções diferentes, possuindo-as a ambas o mesmo paciente, conforme verificamos acontecer em muitos casos, seria de concluir que o número de sucessos em GESP deveria ser perto de duas vezes tão alto acima da expectativa média como nas experiências de PC e PT. Naturalmente, se for possível utilizar dois processos diferentes, devemos esperar muito melhor contagem como resultado. Se, por outro lado, a proporção de sucessos não for muito melhor para GESP do que para PC e PT, a indicação a colher seria que a telepatia e a clarividência constituem o mesmo fenômeno fundamental.

Margaret Pegram realizou essa comparação entre PC, PT e GESP. Utilizando crianças como sujeitos, alternou experiências de telepatia pura e clarividência pura com as de GESP e verificou que as proporções de sucessos eram aproximadamente as mesmas para as três condições; encarados em conjunto, tais resultados são significativos. O mais alto dos três foi o PT e o mais baixo PC. Reunidas as contagens de PC e PT manifestavam média um pouco mais elevada do que as experiências de GESP. Tais resultados favorecem definitivamente a idéia de ser um processo único à telepatia e a clarividência - um ESP.

Ter-se-á de reconhecer, contudo, que a proporção mais elevada de sucessos até então referida na história inteira da parapsicologia resultou do processo GESP. Realizou-se essa contagem fenomenal nas experiências realizadas pelo professor B. F. Riess, psicólogo do Hunter College, em Nova York. A paciente excepcional era uma jovem que adquirira reputação local como "psíquica" não-profissional. Conduziu-se a experiência sob condições favoráveis, com a receptadora e o emissor em edifícios distintos, utilizando relógios sincronizados. O próprio Doutor Riess atuou como emissor, lançando mão de cartas ESP padronizadas, e procedendo à razão de uma experiência por minuto. Nessas circunstâncias, a paciente marcou a média de mais de 18 sucessos em 25 através de uma série de 74 exames do baralho. Um desses exames forneceu a contagem perfeita de 25, enquanto certo número passou de 20.

A moléstia veio interromper esta série maravilhosa depois do 74.º exame. Quando finalmente foi possível retomar as experiências alguns meses mais tarde, sob condições idênticas, a paciente conseguiu Somente a média provável. Depois de dez exames nessas condições, interromperam-se as experiências. Contudo, como não se procedeu a qualquer comparação com outro processo, não é possível dizer se alcançaria a mesma proporção de sucessos experimentando PC e PT.

*

A década dos 30 foi largamente de transição para ESP. Ao fim desse período, a situação favorável à clarividência ESP estava firmemente estabelecida. Por volta de 1940, poucos vestígios havia da controvérsia outrora ativa. A telepatia começou a década sem qualquer base experimental sólida, mas as novas experiências de PT a recolocaram em boa posição. Finalmente, o estudo comparativo de PC e PT conduziu à hipótese de trabalho quanto à existência de um único ESP, do qual a clarividência e a telepatia constituem manifestações diferentes.

Estes dez anos levaram-nos igualmente longe nas investigações com relação ao homem. Pelo fim da década, sabíamos poder o espírito conseguir efeitos fidedignos da matéria sem a intermediação sensorial. O ESP de objetos constitui demonstração dessa reação. A percepção implica em certa espécie de relação funcional entre o receptor e o objeto percebido. Se o espírito o consegue e não é material em si mesmo em certo grau, então a concepção psicocêntrica do homem adquire sólido apoio. É precisamente a respeito de tais descobertas que todos quantos se sentiram transtornados pela concepção mecânica do homem desejam conhecer algo. Os resultados indicaram que a idéia cerebrocêntrica do homem nada mais é do que invenção científica, sem qualquer base verdadeira. Todavia, em questão tão decisiva precisamos nos aprofundar um pouco mais para termos certeza. Tanto a telepatia quanto a clarividência afiguravam-se imateriais devido à própria

natureza extra-sensorial, visto como os sentidos funcionam na base de estímulos físicos do sujeito pelo objeto percebido. Mas a percepção de objetos externos, sensoriais ou extra-sensoriais, é presumivelmente uma reação entre o sujeito que percebe e o objeto percebido. Seria então possível que, na ação recíproca com o objeto, o sujeito ESP utilizasse processos físicos sutis, impalpáveis, que ainda não se reconhecem? Já estaríamos em condições de assumir posição definida e confiante quanto a ser o ESP extramaterial? Seria possível, pelo menos, mediante experiências mais especializadas, conseguir melhor focalizar a questão?

As descobertas que as pesquisas em parapsicologia nos revelaram a respeito do espírito e suas relações físicas nos levarão através de vários CAPÍTULOS. O fio de continuidade que nos guiará apresenta-se como tentativa ousada para bosquejar tanto quanto pudermos ver dos limites exteriores do espírito humano no universo.

CAPÍTULO IV

ALCANCE DO ESPÍRITO NO ESPAÇO

São numerosas as experiências que indicam poder o espírito transcender o espaço. Cita-se mui freqüentemente a percepção espontânea de acontecimentos remotos, a respeito dos quais seria impossível obter qualquer conhecimento através dos canais conhecidos. Tais ocorrências psíquicas formam grande parte dos escritos não-experimentais da parapsicologia.

Immanuel Kant, o grande filósofo alemão, relata um desses casos no livro que escreveu a respeito de Emanuel Swedenborg. Enquanto estava em Gôteborg, em 1759, Swedenborg descreveu um incêndio que ocorreu em Stockholm a 300 milhas de distância. Relatou o incêndio às autoridades da cidade, dando o nome do proprietário da casa incendiada e indicando quando foi possível extinguir o fogo. Alguns dias depois, chegou um mensageiro real que confirmou a exatidão da visão clarividente.

E característico que tais experiências não têm qualquer relação para com o espaço. Ocorrências parapsíquicas espontâneas de todos os tipos - sonhos, visões, premonições e intuições clarividentes - parecem completamente independentes da distância. A transferência do pensamento é capaz de ocorrer entre duas pessoas quando estão na mesma casa ou separadas por milhares de milhas. A percepção da morte de parente próximo ou de caro amigo pode ocorrer a qualquer pessoa que se encontre do outro lado da Terra, distante da cena.

Um psicólogo amigo contou-me uma vez que um filho, quando vivia em Java há muitos anos, teve um sonho nítido de um enterro que passava pelas ruas da sua cidade natal na Carolina do Sul. O sonho causou-lhe tal impressão que escreveu para casa perguntando se tinha qualquer significação. A ocasião do sonho coincidia aproximadamente com o enterro da genitora, falecida inesperadamente.

Um pastor eminente e a esposa passaram uma vez pelo Laboratório de Psicologia para relatar experiência semelhante. Quando estavam viajando anos atrás na Suíça, a mulher um dia teve impressão repentina injustificável de que a irmã estava morta em Chicago. A idéia era tão pouco aceitável, contudo, que resolveu não mencioná-la. Poucos dias depois, teve impressão igualmente nítida de que a irmã estava sendo enterrada. Dessa vez, contou ao marido, que tomou nota das impressões dela, embora duvidasse da exatidão. Quando chegaram notícias, descobriram que estava com a razão quanto ao que acontecera à irmã, bem como quanto às datas em que a morte e o enterro ocorreram.

Deu-me outro exemplo o presidente de uma grande universidade. Coube-lhe uma vez comunicar a um casal norte americano a morte repentina de um filho desse casal na China. Ao ouvir a notícia, o marido virou-se para a mulher e disse: "Você tinha razão." Poucos dias antes, ela dissera ao esposo que tinha certeza da morte do filho.

Durante os anos da guerra, houve notícia de muitas experiências parapsíquicas. Nesses casos, a esposa, mãe ou noiva de um indivíduo servindo nas forças armadas recebia a impressão de acidente ou morte, coincidindo com o próprio acontecimento. Em inúmeros casos, tal conhecimento chegou ao receptor através de grande espaço de terras, montanhas e mares.

A significação dessas experiências espontâneas é bastante clara. Somente pode duvidar-se dos próprios fatos. Se fosse possível ter certeza da atuação do ESP em casos tal seria de concluir-se que a ação mental não se relaciona ao espaço na maneira por que acontece com outros processos. E se estivéssemos considerando qualquer questão comum, seria possível encarar seguramente as grandes coleções de casos parapsíquicos mais bem autenticados como proporcionando prova satisfatória.

Mas não estamos cogitando de questões comuns. Assunto tão importante como o de que tratamos aqui - saber se o espírito constitui sistema puramente material - exige provas das mais sólidas que nos seja dado conseguir. Não se considera esse material espontâneo como prova; reúne-se e estuda-se pelo valor sugestivo em relação ao trabalho experimental. É possível aprender muito de tais casos e recebemos com agrado relatos em primeira mão a respeito, mas é indispensável voltarmos-nos para a experimentação controlada se quisermos verificá-los.

*

O ESP experimental deve ser, igualmente, independente do espaço. A princípio, era simplesmente acidental, quando se interpunha distância entre emissor e receptor nas experiências de

telepatia ou entre objeto e sujeito nas de clarividência. Por vezes, juntava-se à distância para ter certeza contra indícios sensoriais capazes de chegar ao sujeito. Em outros casos, a separação era questão de conveniência; emissor e receptor estavam separados por motivos outros que não experimentais. Mas à distância entre receptor e emissor ou o objeto variava bastante para proporcionar provas de não ser fator determinante dos resultados.

Já mencionei ter o paciente do professor Brugamn contado maior sucessos quando o emissor estava fora do cômodo do que quando estava presente. A distância também fazia parte das primeiras pesquisas de hipnose-ESP. Por exemplo, os Drs. Janet e Gilbert hipnotizaram um paciente telepaticamente à distância de dois-terços de milha da residência. Igualmente, as experiências de telepatia realizadas por Sinclair foram coroadas de êxito estando emissor e receptor separados pela distância de 30 milhas. Introduziram-se distâncias ainda maiores em outras experiências; por exemplo, F. L. Usher e E. L. Burt estavam separados de 120 e 960 milhas durante parte do tempo em que realizaram experiências de telepatia bem sucedidas utilizando cartas de jogar.

Nem todas as experiências de ESP realizadas à distância foram coroadas de êxito; mas o mesmo aconteceu quando não intervinha a distância. Parece que o êxito ou o fracasso nada tem a ver com a distância. Por exemplo, os pacientes de Estabrooks acusaram contagens mais baixas nas séries que compreendiam separação maior. Não se pode, contudo, atribuir tal declínio à distância por dois motivos: em primeiro lugar, tratava-se da segunda experiência para esses pacientes; em segundo lugar, ocorreu forte declínio mesmo durante a primeira sessão. Outra ainda maior observou-se na última sessão. Desse modo, a distância não estava necessariamente relacionada com a contagem de sucessos. Impunha-se, naturalmente, experiência comparativa mais específica, lançando-se mão dos mesmos indivíduos em distâncias diferentes sob condições semelhantes a outros respeitos.

A primeira dessas comparações que se realizaram em Duke compreendia distâncias medidas em jardas. Fizeram-se as

experiências entre quartos diferentes no mesmo edifício. Às vezes, notava-se declínio de sucessos com a distância, outras aumento real, mas em nenhum caso efeito sistemático que fosse possível atribuir à distância.

As duas experiências de distâncias mais concludentes já foram mencionadas - as de Pearce-Pratt de PC e as séries de Turner-Owenbey de experiências de PT. Realizaram-se essas duas séries como comparações de distâncias muito curtas com outras relativamente longas. Ambos cercados de grandes precauções e os resultados obtidos foram muito significativos.

A experiência de Pearce-Pratt é clássica e merece alguns detalhes. Foi experiência de clarividência, em que um estudante de teologia Hubert Pearce serviu de paciente e o Doutor Pratt, que se formara em psicologia, foi o experimentador principal. Primeiramente, realizou-se uma série de controle minucioso, em que Pearce sentou-se em frente a Pratt em uma mesa tendo as cartas ESP a uma jarda de distância. A média de sucessos de Pearce nos 36 exames do baralho nessa sessão de controle (900 chamadas) alcançou 8 sucessos por exame. Em seguida, a uma distância de 100 jardas, fizeram-se 30 exames (750 chamadas) nos quais Pearce apresentou a média aproximada de 9 sucessos por exame. Ora, se a identificação das cartas fosse possível devido à energia delas emanada, o aumento da distância entre o sujeito e a fonte dessa energia deveria reduzir a eficiência em proporção ao quadrado das distâncias. Em outras palavras, o aumento de uma para cem jardas daria em resultado o declínio da percentagem de sucessos de um décimo-milésimo do que fora a uma jarda. Entretanto, o receptor foi mais bem sucedido a maior distância. O que se sabe das leis da física que regem a transferência de energia não se aplica a estes achados.

A terceira parte das séries de Pearce-Pratt consistiu em 44 exames (1.100 chamadas) a 250 jardas. Nesta, a média de Pearce baixou ligeiramente a menos de sete sucessos por exame, em comparação às anteriores a pequena distância. Esta contagem ainda está em grande discordância com o que deveria ter acontecido se tratasse de experiência de física. Além disso, durante algum tempo

Pearce foi tão bem sucedido a 250 jardas como a 100; depois houve qualquer contratempo, para o qual não se encontrou explicação. Começou a vacilar e acusou várias contagens abaixo da "probabilidade", inclusive um número notável de zeros que menos provavelmente seria possível atribuir ao acaso do que contagens de 10. (Sempre que a palavra "probabilidade" aparecer entre aspas significará "expectativa média provável" conforme empregada primeiramente na sentença precedente).

A experiência à distância de Turner-Ownbey ainda é mais impressionante. A série de controle dessa experiência compreendeu onze exames de baralho da experiência de telepatia pura (275 chamadas) com a Srta. Turner como sujeito e a Srta. Ownbey como emissor-experimentador, no mesmo cômodo. Nesta parte a Srta. Turner produziu a média de um pouco menos de 8 sucessos por exame. À distância de 250 milhas acusou a média de 10 sucessos por exame, em um total de 8 exames (200 chamadas) realizados na proporção de um exame por dia. Os sucessos dia a dia revelaram declínio impressionante - 19, 16, 16, 7, 7, 8, 6, 2 - mas também neste caso o motivo do declínio não foi a maior distância entre ela e o emissor. Semelhantes declínios, conforme mostraremos mais tarde, passaram a encarar-se quase como característica dos dados de experiências parapsicológicas.

Realizaram-se outras experiências de ESP que compreendiam distância. Na maior parte, não se destinavam a serem experiências do efeito da distância, algumas delas não oferecendo qualquer base ou controle para comparação. Mas os resultados apresentam correlação geral com a questão, confirmando o achado que a aptidão ESP não depende legitimamente do espaço.

Mencionaram-se algumas dessas séries em outras correlações. Por exemplo, nas grandes experiências de Martin e Stribic, o sujeito e as cartas ESP estavam a distâncias diferentes, questão de jardas, dentro do mesmo edifício. Entretanto, o número de sucessos não declinou com o aumento da distância. Assim também, na pequena série de Werner, de 250 experiências, o paciente apresentou a média de 9 sucessos em 25, à distância de 40 pés das cartas. este resultado

compara-se favoravelmente com experiências anteriores do mesmo paciente com cartas sobre a mesa, mas variaram outras condições além da distância, tornando a comparação tão-só sugestiva. Na série de Riess, a que também nos referimos anteriormente, o sujeito alcançou a contagem média mais elevada atingida algum dia em qualquer experiência extensa de percepção extra-sensorial, muito embora estivesse colocada a 500 jardas das cartas. Em um total de 74 exames (1.850 chamadas), a paciente alcançou a média de 18 sucessos por exame.

Realizaram-se também outras experiências de ESP, cobrindo distâncias muito maiores. Alguns experimentadores do Colégio Tarkio, no Missouri, e a Universidade de Duke, fizeram experiências de clarividência com sujeitos localizados em diversas regiões dos Estados Unidos. Expuseram-se cartas ESP em dois centros, a intervalos fixados, e os pacientes remeteram pelo correio as respostas conforme o centro com o qual estavam trabalhando. Naturalmente, era preciso enviar pelo correio não só as instruções como as respostas. Os experimentadores nem mesmo conheciam alguns dos pacientes nem todos estes tinham conhecimento das normas de tais experiências nos laboratórios. Nessas condições, a dificuldade de orientação era maior para os pacientes do que se realizassem a mesma experiência em condições de laboratório. Em consequência, estávamos preparados para deparar com percentagens de sucessos não tão elevadas como em algumas experiências anteriores, embora não estivessem bastante acima da "probabilidade" para terem significação.

Estas experiências a longa distância forneceram uma prova. Comparando os resultados obtidos em zonas de distâncias diferentes, que iam de algumas milhas a alguns milhares, tem-se a impressão precisa de não ser à distância fator importante no sucesso de ESP. O único fator que parecia importar em qualquer diferença na contagem de sucessos era a própria aptidão individual do paciente para a percepção extra-sensorial sob tais condições. Os que se encontravam mais perto do alvo não eram sistematicamente os mais bem sucedidos, nem tampouco os que estavam mais longe.

Whately Carington efetuou experiência semelhante na Inglaterra. Para alvos, utilizou desenhos em lugar de cartas ESP, e os pacientes encontravam-se em diversas regiões da Europa e dos Estados Unidos. Carington assinalou no relatório que os pacientes que haviam tomado parte na Universidade de Duke mostravam percentagens mais elevadas de sucessos do que qualquer outro grupo, embora fossem, dentre os participantes, os que se encontravam mais longe.

Foi na experiência de clarividência conhecida como Zagreb-Durham que se utilizou até agora a maior distância em uma série controlada, a qual terminou pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial. A experiência realizou-se em dois sentidos, tendo sido conduzida pelo Doutor Karlo Marchesi, de Zagreb, na Iugoslávia, com um grupo de colaboradores na Universidade de Duke, a uma distância de mais de 4 mil milhas. Fazendo as chamadas das cartas ESP expostas em Duke, o Doutor Marchesi alcançou sucessos tais que excluem o acaso como explicação dos resultados. Os seus colaboradores em Durham não foram tão bem sucedidos na identificação das cartas por ele manuseadas em Zagreb. Embora os resultados fossem acima da probabilidade, não chegaram a serem significativos. O Doutor Marchesi acusou sucessos muito mais altos em experiências de que participou estando perto das cartas. As condições, porém, eram tão diferentes que não revelaram grande valor na comparação. E interessante, contudo, saber que a percepção extra-sensorial é capaz de cobrir distâncias muito grandes por maneira e sob condições que nenhuma energia física atualmente conhecida poderia igualar.

Enquanto estávamos revendo as provas deste livro, completou-se nova experiência com o Doutor Marchesi. Está também significativamente acima da "probabilidade", confirmando as séries anteriores à guerra.

Não vejo necessidade de experimentar-se ESP em distâncias ainda maiores. Por enquanto, não estamos especialmente interessados em verificar se existe limite exterior ao ESP. O problema consiste em saber se é possível reconhecer o ESP como

fenômeno físico em termos de distância e espaço. Para responder a essa indagação, o trabalho experimental já realizado é bastante satisfatório. A resposta é que no que respeita à distância como tal esta não tem revelado qualquer efeito sobre a realização do ESP.

*

O cientista, em geral, não aceitará facilmente esta exclusão da distância. Está acostumado a pensar em tudo em termos de espaço e tempo. É capaz de explicar o declínio real na intensidade de certa espécie de energia proveniente de cartas ou por meio delas, ou do cérebro do emissor, mas não que o cérebro do receptor seja capaz de novamente ampliá-la de certo modo como funciona um aparelho de rádio ou um sistema de transmissão de discursos. Todavia, esta hipótese de ampliação não satisfaz como explicação quando outras provas de ESP em relação a condições físicas vêm opor-se-lhe. Considere-se, por exemplo, os empecilhos presentes em algumas experiências de ESP. Qualquer espécie de radiação concebível emitida de um baralho seria absorvida por certas barreiras físicas, pela mesma forma que o som, a luz ou as ondas de rádio ficam bloqueadas por barreira de natureza apropriada. As experiências em ESP à distância tinham, todas elas, certas barreiras, situadas naturalmente entre o sujeito e as cartas. Tais barreiras não impediram a transmissão de seja lá o que for de que depende o ESP.

Na série Pearce-Pratt de experiências de clarividência havia quatro paredes, duas delas de pedra, entre as cartas e o sujeito. Nas experiências de Riess havia uma montanha e algumas casas de permeio. Várias cordilheiras separavam a Srta. Turner e a Srta. Ownbey na série de telepatia que lhes traz os nomes. Nas experiências que compreenderam distâncias maiores, havia a barreira da atmosfera e mesmo da própria Terra.

Ter-se-ia de levar em conta igualmente o comprimento da onda. Que forma de radiação seria capaz de emanar das cartas ou de outros alvos para servir de veículo ao ESP sob as condições das experiências? As ondas curtas do rádio têm comprimento longo mais

para transmitir símbolos de cartas e imagens de outros pequenos objetos. O cumprimento efetivo da onda precisaria ser menor que o tamanho dos objetos a representar. Assim sendo, a radiação bastante curta para realizar tal missão seria ainda mais facilmente absorvida. Portanto, as barreiras seriam eficazes contra ela.

Há ainda outras maneiras de verificar se o ESP é material. Que dizer do efeito prático da posição dos objetos-alvo nas experiências de ESP? Terá importância, por exemplo, a maior ou menor proximidade das cartas nas experiências? Terá qualquer influência o ângulo em que se toma a carta? Evidentemente teria se o ESP fosse físico. Os fatos experimentais do ESP são bastante definidos a respeito dessas perguntas. Embora não se tivesse procedido a experiências especiais para respondê-las, a observação acidental apresenta situação clara.

Considerem-se as experiências de clarividência denominadas DT, em que o sujeito chama as cartas através de todo o baralho sem que se remova qualquer uma antes de terminada a chamada. Aí estão 25 cartas em uma pilha de pouco mais de um quarto de polegada de espessura - 25 símbolos que estariam emitindo as ondazinhas de energia simultaneamente, de acordo com a hipótese física. Entretanto, o sujeito não tem aparentemente maior dificuldade "física" para identificá-las do que se fossem retiradas uma a uma do baralho. Martin e Stribic fizeram uso desse processo exclusivamente na pesquisa notavelmente bem sucedida que realizaram, e Marchesi fez o mesmo nas experiências transoceânicas. Na base da teoria física, seria de esperar que o efeito do baralho completo fosse um aglomerado indiscriminado dos 25 símbolos todos juntos.

Há provas também de não ser importante o ângulo do estímulo do ESP. Em algumas experiências, coloca-se o baralho em cima da mesa, de sorte que a beirada e não a superfície anterior ou posterior está voltada para o paciente. Se ele estiver a cem jardas, a cem milhas ou mil, quaisquer impressões que o alcancem se vierem por meio de radiação física, deverão vir, presumivelmente, da superfície das cartas. No que respeita à posição do sujeito, portanto, cada símbolo das cartas transmitido nesse plano não é de modo algum

símbolo, mas uma linha reta muito, muito fina, tão fina como a tinta da carta. Um círculo, uma estrela, um quadrado seriam todos iguais desse ponto de vista.

Mas ainda assim não acabam as dificuldades da explicação física. E preciso discutir aspecto ainda mais desconcertante da prova. Em certo tipo de experiência, utiliza-se um baralho como estímulo; em outro, um desenho; e ainda em outro certo objeto em que o receptor se concentre; há, porém, outro tipo de experiência em que não existe qualquer objeto, carta, ou desenho - nada absolutamente do mundo físico ao tempo da experiência - para servir de alvo ao receptor. Este tipo é, naturalmente, a experiência de telepatia pura. Desde que a ação do cérebro de certo tipo acompanha o pensamento de dado símbolo, é possível considerar essa ação do cérebro, no mínimo, como alvo concebível em si mesmo para ESP. Gerará essa ação do cérebro do emissor energia física capaz de produzir no receptor exatamente o mesmo efeito como o que produz o objeto na clarividência? Até agora a pesquisa na física ainda não revelou qualquer princípio energético que proporcione o mais remoto paralelo capaz de satisfazer ambos os tipos de percepção extra-sensorial.

*

Tenho trocado idéias com muitos físicos a respeito desses problemas. Os físicos se mostram, em geral, muito receptivos a novos desenvolvimentos da pesquisa em parte por terem visto os progressos rápidos das descobertas na física durante a própria existência. Mas embora estes físicos tenham-se interessado mais liberalmente pelo prova de percepção extra-sensorial do que qualquer outro grupo científico e, em muitos casos, tenham-se manifestado francamente esperançosos da possibilidade de encontrar-se de qualquer maneira uma explicação em termos da física, nenhum deles foi capaz de formular uma hipótese física do ESP que considerasse apropriada à explicação das descobertas experimentais da parapsicologia.

Alguns físicos disseram: "A física futura talvez compreenda um princípio que explique tudo quanto se conhece a respeito à percepção extra-sensorial." Isto é, porém, simples especulação sem objetivo. É possível também argumentar prontamente que a parapsicologia do futuro continuará a adicionar maiores dificuldades ainda à explicação física. Teremos de pensar em termos de conhecimento atual, tanto em física, quanto em parapsicologia.

Um físico lembrou que as experiências de ESP começam com um objeto e terminam com a resposta objetiva do sujeito. "Ora, em uma experiência de física", juntou ele, "quando temos uma situação em que as duas extremidades da experiência são físicas, sabemos que tudo quanto se passa entre essas duas extremidades da reação deve ser também reação física, ou uma série de reações físicas. Como sair da física se tem de contar com ela para o começo e fim da experiência?"

Responde-se de certo modo a esta pergunta dizendo que todas as energias que conhecemos até agora podem converter-se em qualquer outra forma de energia. O movimento produz calor, a luz energia química, a energia elétrica o calor, e assim por diante. Ninguém seria capaz de pensar que, como uma reação termina pela produção da luz, a ação inteira terá de ser forçosamente de luz. Certo número de transformações poderá ter-se realizado na seqüência. É igualmente lógico, portanto, reconhecer que, embora uma reação termine em um efeito físico, poderá em qualquer elo da cadeia da continuidade causal ter sido algo diferente de físico, que, sem dúvida, se convertesse em energia física ou então nenhuma ação recíproca seria possível.

Contudo, não precisamos apoiar-nos na lógica para sustentar a maneira de ver psicocêntrica do homem. Os dados das experiências a longa distância e outras relações físicas constituem corpo formidável de prova experimental. Em parte alguma do material de pesquisa sobre percepção extra-sensorial nos foi dado descobrir qualquer vestígio de relação sistemática e idônea entre o espaço e a percentagem de sucessos em qualquer maneira de percepção extra-sensorial. Admitindo mesmo flutuações diárias de interesses e outras

variáveis psíquicas no sujeito, não é possível descobrir qualquer tipo ou lei nas variações do número de sucessos que ocorram quando a distância intervém em qualquer experiência. Em outras palavras, não podemos apontar para uma experiência única e dizer positivamente: "Tal se deu devido à distância entre o sujeito e o alvo."

Não há, portanto, qualquer prova de que o espaço, em qualquer de suas relações, afete a percepção extra-sensorial. Verdade é que não podemos generalizar além dos fatos. Por exemplo, ainda não experimentamos a telepatia ou a clarividência em distâncias astronômicas. Mas tal consideração é acadêmica, visto como nenhuma energia física que se conheça deixa de ser afetada pelas distâncias sobre as quais já adquirimos provas. Portanto, conforme a situação atual, a percepção extra-sensorial deve reconhecidamente transcender as leis da física com relação ao espaço, sendo, portanto, essencialmente extrafísica. Até mesmo a clarividência, esse fenômeno enigmático que compreende tanto o espírito quanto a matéria em suas reações, tem de ser caracteristicamente mental e não processo primariamente físico, visto como também ficou demonstrado que está livre da dependência espacial.

A instituição desta característica da percepção extra-sensorial é o terceiro progresso importante no sentido de estabelecer-se que o espírito do homem contém algo mais que as leis físicas não são capazes de abranger. Existe, contudo, seqüência lógica para este estudo da relação de ESP para com o espaço: é a investigação da relação entre ESP e o tempo, de que cogitaremos no CAPÍTULO seguinte. Sob muitos aspectos, a questão da natureza fundamental do espírito humano concentra-se mais nitidamente nos CAPÍTULOS a seguir.

CAPÍTULO V

ALCANCE DO ESPÍRITO NO TEMPO

CHEGAMOS agora ao que é a faculdade mais estranha do homem, se é que existe verdadeiramente. O exercício dessa aptidão tem parecido miraculoso em todas as civilizações em que se tem praticado. É familiarmente conhecido como profecia. Invariavelmente e em todas as épocas os homens têm ficado aterrados pelo poder que o profeta tem de mergulhar no futuro e anunciar acontecimentos que o raciocínio mais hábil não seria capaz de deduzir seguramente do conhecimento existente. Riqueza, poder e honras, seculares ou eclesiásticas, têm ido usualmente aos que foram capazes de adquirir confiança no poder que têm para profetizar. Seja qual for a profecia aceita, as pessoas a consideram não deste mundo mas sobrenatural ou divina.

A profecia é pouco menos misteriosa hoje do que nunca. Muito embora o sobrenatural não tenha mais lugar no pensamento científico, nada afigurar-se-ia transcender mais o mundo dos acontecimentos válido do que a faculdade de predizer o futuro. Seja que o encaremos do ponto de vista do bom senso seja sob o prisma da ciência teórica, a capacidade de prever os acontecimentos que ainda não têm existência, fazendo-o além do alcance da dedução racional, parece misterioso e irreal. Face à realidade, qualquer conhecimento de acontecimentos futuros parece inversão do princípio da causalidade, colocação do carro diante dos bois, efeito antes da causa.

Considere-se por um momento primeiro a percepção de um acontecimento presente e em seguida de um futuro. O que acontece em percepção comum sensorial, como a visão? Ocorre acontecimento físico, lampeja uma luz produzindo efeito que estimula os órgãos dos sentidos, os olhos, seguindo-se a percepção

do acontecimento: vê-se a luz. Costumamos dizer que a luz nos faz ver. Mas para um acontecimento futuro a ordem fica totalmente invertida; respondemos à luz, mas Somente mais tarde lá está. É difícil compreender como o ato da percepção, que é resultado, pode ocorrer antes da causa. Do ponto de vista do conhecimento atual, é inconcebível que a precognição possa realmente existir. Se algum dia houvesse uma ocasião na ciência em que fosse conveniente fazer uso da palavra impossível, seria quando se formulou a hipótese da profecia.

Todavia, "a ciência não conhece impossíveis" e a teoria tem de conformar-se sempre à evidência. Estes dois princípios são fundamentais para a investigação científica. Sem recorrer-se a eles constantemente, a ciência torna-se dogma. Quando a evidência se torna suficientemente forte para qualquer fenômeno, impõe-se a mudança da estrutura do conhecimento e da teoria para incluir a nova descoberta. Não importa pareça logicamente improvável, contrário ao conhecimento anterior ou desagradável, o fato uma vez demonstrado não pode ser posto de lado ou negado pelo cientista. Se, portanto, for possível demonstrar a existência do conhecimento antecipado, a ciência terá de encontrar um lugar nos limites do universo para esse novo conhecimento.

Contudo, mostrar que a profecia ocorre exigirá, na realidade, provas poderosas. Conforme disse uma vez Laplace, quando menos provável uma hipótese, tanto maior o volume de provas necessárias para estabelecê-la. Mas se firmar a ocorrência da precognição, há de assinalar-se nova época no reino do pensamento humano com maior clareza talvez do que qualquer descoberta até agora registrada pela ciência.

A prova experimental da precognição é recentíssima. É verdadeiramente de admirar que a ciência tivesse desprezado este problema durante tanto tempo. Até começarem as pesquisas em Duke, no outono de 1933, não haviam sido realizadas experiências sistemáticas sobre a profecia, ao que sabemos. Tal descuido parece ainda mais estranho se nos lembramos que sempre existiram reivindicações em todos os tempos e em quase todas as partes do

mundo. Na maior parte das sociedades em que as religiões dominaram a cultura popular, os profetas pertenceram à organização religiosa dominante. Essa associação conservou naturalmente o problema fora de cogitação da ciência experimental. Por sua vez, os cientistas não depositavam bastante confiança nas reivindicações da profecia para considerá-las dignas de investigação.

Mas nem todas as alegações de conhecimento antecipado foram de natureza religiosa. Numerosos casos do que parece precognição surgem espontaneamente na vida de homens e mulheres comuns. De fato, parte bastante grande das experiências parapsíquicas espontâneas conhecidas parece exigir a precognição para que se explique. Associa-se a acontecimento por vir mais do que com o presente ou o passado. Por exemplo, tem acontecido freqüentemente que um indivíduo a ponto de empreender uma viagem tenha sonhado com um naufrágio ou outra catástrofe qualquer, vindo em seguida confirmado o sonho por acontecimentos. Inúmeras pessoas têm relatado terem experimentado impressão indefinida de desastre próximo, o que lhes afeta bastante para registrar a experiência ou comunicá-la a terceiros antes da ocorrência dos acontecimentos confirmadores.

Certo dia, não muito antes de termos dado início às experiências de precognição, um dos meus alunos, pessoa amadurecida e idônea, que agora é médico, veio procurar-me ao fim de uma preleção, para relatar-me uma experiência que com ele se dera na casa de cômodos onde morava. Nessa casa também residiam o Senhor e a Sra. G., com um tio, o Senhor Jim. Uns dois dias antes de ter eu ouvido a história, a Sra. G. acordou durante a noite devido ao procedimento violento do marido, que evidentemente estava tendo um pesadelo. Quando ela conseguiu finalmente despertá-lo, ele estava extremamente agitado e contou-lhe o horrível sonho que tivera. Estava em um quarto todo branco que tinha uma luz suspensa do teto. Em uma mesa ao centro do quarto estava uma figura coberta com um lençol, inclinada para trás, mas com os joelhos dobrados. Via-se-lhe o rosto mutilado e irreconhecível. Seguiu-se depois certo simbolismo teológico que com toda certeza queria significar a

morte. Uma figura diabólica estava puxando uma espécie de roupa de baixo que finalmente conseguiu soltar e levar com ele através de labaredas.

No dia seguinte, chamaram o Senhor G. ao hospital, interrompendo-lhe o trabalho. Levaram-no à sala de operações onde, logo que entrou, reconheceu imediatamente a cena do sonho da noite anterior. Lá estava o quarto todo branco, a lâmpada pendente do teto e a mesa no centro com a figura na posição prevista, com os joelhos dobrados para cima, e o rosto mutilado impossível de reconhecer-se. Tinham-lhe dito quando o chamaram para ir ao hospital que o tio Jim sofrera um acidente. Um automóvel o atropelara quando saltava de um bonde. Morreu antes que o Senhor G. tivesse deixado o hospital.

Tem-se feito e publicado coleções dessas experiências de precognição. Constituem leitura impressionante e não deixam dúvida alguma quanto à necessidade de investigar-se a questão da precognição. A natureza da hipótese da profecia, contudo, é tal que a maior parte das pessoas exige mais do que relatos de experiências espontâneas para aceitá-la. Não é possível a qualquer pessoa avaliar sempre corretamente as possibilidades. Inexatidões ocasionais de testemunho ou de interpretação e outros fatores concorrem para uma opinião final.

Todavia, não foram os casos espontâneos que conduziram originariamente às expressões de precognição. Representaram certo papel como telão de fundo, mas chegamos às experiências como passo lógico em seguida aos próprios resultados do ESP. A prova que obtivéramos no outono de 1933, relativamente à correlação da percepção extra-sensorial para com o mundo físico, tornou o ESP de acontecimentos futuros corolário razoável senão logicamente necessário. A concepção que o espírito é capaz de transcender as limitações do tempo apresentava-se como consequência natural das experiências à distância com ESP. Se o ESP era livre do espaço, deveria também ser livre do tempo dentro do nosso universo de espaço-tempo da física. O tempo é função da mudança espacial - isto é, o movimento físico no espaço exige tempo; donde estar fora do

espaço é igualmente estar fora do tempo. A percepção dos acontecimentos passados ou futuros estava, portanto, de acordo com a percepção de acontecimentos distantes. Não havia como fugir racionalmente a esta conclusão, mas impunha-se a confirmação objetiva empírica que a simples lógica sempre exige.

A primeira experiência de precognição que utilizamos foi o DT-precognitivo, ou PDT. Começou como simples modificação da experiência DT já descrita. Em DT o sujeito experimentava identificar as cartas através do baralho inteiro, deixando-se as 25 cartas na mesma posição até esgotar-se o exame. Na experiência de PDT, ele teria de experimentar prever a ordem das cartas do baralho como deveria ser quando fossem baralhados certos números de vezes depois de um prazo fixado. Pediu-se aos mesmos indivíduos que tinham ficado bem acima da "probabilidade" nas experiências DT que vissem se podiam atingir marcações significativamente elevadas nas experiências PDT. Os sujeitos fizeram as chamadas e as registraram como nas experiências DT e em seguida baralharam-se as cartas e registrou-se a ordem. A verificação e o cômputo do número de sucessos foram idênticos aos de DT.

Com toda a certeza algo aconteceu além do acaso. Os sucessos nas experiências PDT foram aproximadamente iguais aos que os mesmos pacientes haviam alcançado nas experiências simples de DT. Todavia, o processo DT não era o que produzia contagem mais elevada para qualquer indivíduo. Em consequência, o número de sucessos, tanto para DT como para PDT, foram comparativamente baixos, entre 5 e 6 sucessos para 25 chamadas. Mas assim se conservaram em mais de 4.500 exames do baralho, de sorte que a probabilidade era de 400.000 contra 1 para que Somente o acaso tivesse produzido tal resultado. Portanto, as experiências PDT tiveram estatisticamente grande significação. Tais resultados certamente indicavam precognição, visto como não havia diferença apreciável no número de sucessos, fizessem os pacientes às chamadas para a ordem atual ou futura das cartas.

Surgiu então a primeira dificuldade. Era natural que tivéssemos considerado as nossas experiências PDT como de exploração, e logo que conseguimos resultados positivos começamos a procurar possíveis pontos fracos na técnica da experiência. À parte da experiência a respeito da qual alimentávamos maiores dúvidas era o baralhamento das cartas. Embora o experimentador o fizesse, apresentou-se a questão de atuar o próprio ESP durante o ato de embaralhamento, contribuindo para a colocação das cartas de tal maneira que se ajustassem à coluna de predições já feita e registrada pelo sujeito.

A simples possibilidade desse "baralhamento ESP" era em si mesmo um desafio. O meio único de enfrentar a dúvida quanto à possível influência de ESP sobre o baralhamento das cartas seria realizar uma experiência de controle. De tal modo, a experiência do "baralhamento psíquico" apresentou-se como um passo na pesquisa do problema da precognição. Pediram-se ao sujeito baralhasse as cartas ESP viradas para baixo, procurando fazer com que a ordem dos símbolos ao terminar o baralhamento coincidissem com o de outro baralho ou coluna de 25 símbolos que ele não tinha visto e que, em consequência, somente poderia conhecer por ESP. A possibilidade de sucesso em processo tão complicado parecia pouco provável - mas assim também se afigurava a própria precognição!

Entretanto, apesar da complexidade, o baralhamento ESP produziu resultado. Não estava muito acima da probabilidade - exerceu-se muito pouca influência mediante essa técnica de baralhamento - contudo foi significativo. Esta demonstração do efeito do baralhamento ESP tornou evidentemente necessária outra experiência. Talvez a precognição fosse fator na produção dos resultados anteriores de PDT; na realidade, poderia ter sido a causa única, visto como, nas experiências PDT, o experimentador quando baralhava as cartas não tinha tentado conscientemente satisfazer às chamadas do sujeito, como acontecia com o baralhamento ESP. Mas, naquelas circunstâncias, não era possível ter certeza quanto à parte dos resultados a atribuir-se apropriadamente a precognição.

Assim sendo, o baralhamento das cartas teria de continuar. Logicamente, deveria recorrer-se ao baralhamento mecânico. Desse modo, em todas as experiências seguintes de precognição procedeu-se ao baralhamento por meio de máquina. A experiência continuou nas mesmas condições com essa exceção única, ficando conhecida por "PDT a máquina". Sob essa nova modalidade, realizaram-se quatro séries independentes de experiências de precognição com cartas no Laboratório de Duke, cada uma delas sob direção diferente - uma pelo Doutor C. E. Stuart, a segunda pela Srta. Lois Hutchinson, a terceira pelo Doutor J. G. Pratt e a Doutora Betty M. Humphrey e uma quarta pelo autor auxiliado por E. P. Gibson.

Os resultados dessas quatro experiências foram significativos. Reafirmaram-se dessa maneira as alegações a favor da precognição em base muito mais ampla, desta vez sem a possibilidade de ter o baralhamento ESP produzido em qualquer circunstância os resultados.

Instituiu-se em cada pesquisa umas séries complicadas de precauções, que compreendia até a presença de dois experimentadores, responsáveis pela exatidão dos resultados. Ainda uma vez as provas indicavam a precognição.

Nesse ínterim, na Inglaterra, o Senhor Tyrrell voltara-se para a precognição. Tyrrell, então presidente da S. P. R., montara máquina elétrica inteiramente automática para experimentar ESP. Mais tarde, adaptou-a as exigências da precognição. A máquina constava de cinco caixinhas perfeitamente fechadas, devendo uma delas iluminar-se por meio de uma lâmpada elétrica durante uma experiência ESP, alvo este a ser identificado pelo sujeito. A máquina escolhia automaticamente a caixinha que deveria ser iluminada e registravam-se mecanicamente o número de experiências e o total dos sucessos. O sujeito indicava o palpite relativamente à caixinha, dentre os cinco, que estava iluminada, abrindo-a. Na experiência ESP comum achava a lâmpada acesa se tivesse acertado. Cada abertura de uma caixinha constituía uma experiência.

A única alteração que Tyrrell precisava introduzir a fim de utilizar o aparelho para experiências de precognição consistia em

fazer realizar-se a escolha mecânica da caixinha depois de ter o sujeito realizado a predição. A abertura da caixa acendia automaticamente a lâmpada respectiva. Tyrrell referiu resultados significativos com este aparelho, elevando dessa maneira a cinco o número de casos distintos de prova de precognição baseada em escolha mecânica da ordem predita. Em 1940, as alegações a favor da precognição eram bastante fortes para se considerarem conclusivas.

Nesse ponto, contudo, surgiu à segunda dificuldade. Era esta menos evidente que a do baralhamento ESP. Dificilmente ter-se-ia apresentado fora do laboratório em que se estava realizando o trabalho sobre precognição, porquanto ninguém em qualquer outro lugar a levaria a sério. Era a seguinte a indagação: Poderia o espírito do sujeito ou do experimentador estar influenciando diretamente sobre as próprias máquinas? Equivalia a indagar se havia qualquer espécie de ação psicocinética em operação neste caso, realizando orientação mental direta da queda das cartas na máquina de baralhar. A idéia do "espírito sobre a matéria" apresenta associações familiares. Têm-se feito freqüentemente alegações da aptidão para influir sobre objetos de certo modo desconhecidos em correlação com a mediunidade física. Abundam na história das religiões as narrativas de milagres físicos, e ainda aparecem vez por outra em relatórios de antropólogos que descrevem povos primitivos e a respectiva magia. A hipótese de que o espírito seja capaz de influir diretamente sobre a matéria não é de modo algum admissível no mundo científico, mas assim também acontece com a precognição. Uma seria tão difícil de aceitar como a outra. A nova alternativa era, portanto, bastante razoável para merecer atenção e, até certo ponto, controle experimental. De fato, experiências já em execução no Laboratório de Duke davam-nos razão suficiente para considerar, conforme mostraremos no CAPÍTULO seguinte, necessário semelhante controle e, portanto, impunha-se nova modificação no processo da experiência de precognição.

Não era nada fácil satisfazer a essa nova exigência. Seria preciso baralhar as cartas por algum processo fora do alcance do controle

humano, até mesmo fora da possibilidade de ação mental direta sobre elas por meio de psicocinética. Ainda é discutível se conseguimos satisfazê-la, mas acho que sim. A fim de suprimir qualquer influência mental direta sobre a queda das cartas na máquina de baralhar, recorreremos à própria natureza, e resolvemos cortar o baralhe tomando por base os números diários para as temperaturas extremas obtidas de um certo jornal para certo dia prefixado. Preparamos um processo rotineiro para utilizar os números com que todos concordaram. este processo nada deixava ao acaso ou à influência humana, a menos que a temperatura ou os aparelhos que a registram estivessem sujeitos o semelhante controle. Nesta base, o Doutor Humphrey e eu realizamos duas séries de experiências sobre precognição no Laboratório de Duke, que se revelaram estatisticamente significativas. Desse modo, a hipótese da precognição sobreviveu a mais uma crise. E por enquanto, pelo menos, não existe "qualquer dificuldade número três" à vista para desafiar-lhe a reivindicação de fenômenos reconhecidos da natureza.

Outros poderão mais tarde pretender aperfeiçoar ainda mais os processos utilizados. Talvez também se apresentem novas hipóteses dignas de consideração. Mas até onde fomos, a prova a favor da precognição é boa contra todas as alternativas de contestação. Se nos basearmos em cada uma das duas séries experimentais independentemente significativas, encontraremos base suficientemente forte para chegar à conclusão.

Ainda é cedo para dizer com toda certeza que o tempo não tenha qualquer influência sobre a precognição. Mas entre as diversas experiências de precognição realizadas em Duke deparamos com certos resultados interessantes quando fizemos variar o intervalo entre a predição e a verificação. A Srta. Hutchinson experimentou comparações de um dia e de dez, conseguindo resultados além da probabilidade Somente na série de um dia. Mas para animar os pacientes indicou-lhes o resultado tão depressa quanto possível, dando em consequência ficarem eles mais interessados nas experiências de um dia. Esta diferença no interesse pode, portanto, justificar os resultados mais do que os referidos intervalos.

O Doutor Humphrey e eu experimentamos a comparação entre dois e dez dias. Conseguimos sucesso quase igual para cada um dos dois períodos. Os pacientes só souberam do resultado depois de terminada a série, de sorte que neste caso não existia a diferença de interesse observada nas experiências da Srta. Hutchinson. Na segunda experiência, fizemos uso dos mesmos intervalos, mas os sujeitos não sabiam a que intervalo correspondia à série em execução. Determinava-se a separação das séries pelo acaso por meio dos dados de temperatura empregados para baralhar as cartas. Quanto à proporção dos sucessos, os dois períodos ainda acusavam resultados quase iguais: o de dez era até um pouco melhor do que o de dois.

E assim, pelo menos até onde chegamos, não parece que o tempo tenha qualquer significação para ESP. É tudo quanto podemos dizer atualmente. Esta ausência de diferença nas experiências de ESP, entre acontecimentos presentes e futuros e entre dois acontecimentos futuros de durações diferentes, é exatamente o que deveria ser e foi predito na base de experiências de distância de ESP. Naturalmente, ter-se-á de proceder a muito maior número de experiências em relação ao assunto, sem dúvida necessárias. Mas até agora as descobertas são significativas.

*

Realizaram-se outras experiências de precognição nos Estados Unidos e na Inglaterra. Embora tenham indicado a presença de fator tal qual a precognição, todas permitem alguma possível explicação alternativa concebível, por menos provável que seja. Em cada caso existe a possibilidade teórica de ter algum outro fator originado os acontecimentos profetizados. Por exemplo, na experiência de Whately Carington os sujeitos tentaram reproduzir um desenho por meio de ESP. Verificou-se que eram capazes de antecipar desenhos ainda não escolhidos, destinados a serem exibidos, conforme se verificou, em dias sucessivos. Este resultado mostra que se havia realizado a precognição dos desenhos ainda não escolhidos. Contudo, a escolha desses desenhos de estímulo deveria ter-se

realizado por processos rigidamente mecânicos para tornar a alegação de precognição inteiramente concludente; como aconteceu, o ESP, sem precognição, poderia ter guiado o experimentador quando procedia à escolha, embora não pareça provável que tal tivesse acontecido. O processo consistia em cortar páginas de um livro de números e vez por outra na escolha de uma palavra de um dicionário. O recorte seria uma circunstância sobre a qual o ESP poderia ter atuado, se tal viesse a acontecer. É preciso reconhecer e eliminar mesmo essas possibilidades remotas para uma experiência decisiva de alegação tão difícil de aceitar como o é a precognição.

É ímpar a experiência do Doutor S. G. Soal e da Sra. K. M. Goldney. Combina uma série de aspectos extraordinários, sendo um deles ter-se realizado em Londres durante um nevoeiro. A ela nos reportaremos várias vezes em diversas correlações. Infelizmente, em tudo quanto diz respeito a precognição, tem-se de aplicar a esta experiência uma avaliação um tanto parecido com a que fizemos da de Carington. Nestas experiências, o sujeito tentava identificar uma carta para a qual o emissor em um quarto ao lado estava olhando no momento em que recebia o sinal de "pronto". Verificou-se que o sujeito acertava bem acima da probabilidade, não em relação à carta que o emissor olhava, mas na carta que vinha logo em seguida. Parecia adiantar-se ao processo, penetrando no futuro, para uma carta ainda não escolhida. Além disso, quando se apressavam às experiências, acertava igualmente bem na segunda carta à frente como o fazia para a primeira quando a experiência era menos rápida. Em grande parte desta experiência, escolhia-se a carta para cada vez retirando um pedacinho de papel colorido de uma vasilha que os continha em cinco cores, cada cor indicando uma carta de um dos cinco naipes. Se a escolha desse pedacinho de papel era fortuita, como parece ter sido na realidade, então a precognição seria a hipótese mais razoável.

Todavia, será preciso reconhecer uma alternativa. A experiência não evitava completamente a possibilidade de empregar o experimentador o ESP na escolha dos pedacinhos de papel de sorte a ajustar-se à resposta ou chamada já realizadas pelo sujeito para essa

experiência. Ao estudar o relatório, verifica-se mui improvável tal alternativa. Mas assim também o eram todas as alternativas que tivemos de enfrentar no passado nessas difíceis investigações de precognição. Conforme indiquei, a pesquisa de precognição conta ainda muito poucos anos. A base de provas provavelmente se dilatará com o correr do tempo. Mas as provas alcançaram atualmente tal ponto que quantos dentre nós a conhecem bem podem legitimamente começar a encará-las com toda a seriedade, levando em conta alguma das suas conseqüências. Bastante trabalho já foi realizado até agora para que se prepare uma experiência de precognição com o fito de revelar algo mais do que a simples prova da ocorrência da precognição. Deverá também contribuir para melhor explicação e descrição deste fenômeno ímpar e dos mais revolucionários da psicologia.

*

A precognição abala as nossas antigas concepções como nenhum outro fato poderia fazê-lo! Seria difícil de imaginar-se inovação mais radical em nosso pensamento. Considere-se, por exemplo, o que acontecerá à própria parapsicologia com a aceitação da precognição. Como conseqüência da pesquisa sobre precognição, a telepatia, o mais antigo conceito estabelecido em parapsicologia, mais uma vez perde a posição. Esta conseqüência, parece-me, é inteiramente característica do que pode acontecer em outros campos com o reconhecimento da precognição.

Este acontecimento fez voltar à telepatia ao ponto em que estava em 1930. Naquela época, reconhecemos que a clarividência constituía explicação igualmente possível para todos os resultados antigos das experiências de telepatia. Resolvemos essa ambigüidade por meio da nova experiência de PT, na qual não existiam cartas ou qualquer registro objetivo dos pensamentos a transferir até que o receptor registrasse as respostas. Então, quando a marcação dos sucessos continuava sob as novas condições, concluímos estar a telepatia firmemente estabelecida em bases experimental segura.

Agora, contudo, a experiência de telepatia pura não parece mais tão pura. Desta vez o adúlterador potencial é a precognição - ou, para ser mais exato, a clarividência precognitiva. Se o sujeito é capaz de pré-conhecer a ordem das cartas, deve supor-se possa igualmente bem pré-conhecer o que, meio minuto depois, será registrado pelo emissor na experiência PT. Assim a chamada experiência PT não fornece qualquer controle contra a precognição como alternativa. Na realidade, se fizer em qualquer ocasião o registro do pensamento do emissor, é de imaginar-se possa o espírito adiantar-se até esse registro tão bem quanto a qualquer outro acontecimento futuro. Em conseqüência, a maneira única de experimentar satisfatoriamente a telepatia seria utilizar imagens de pensamento sem fazer qualquer registro de identificação sobre o qual a clarividência precognitiva seja capaz de atuar.

De sorte que somos forçados a começar tudo de novo para descobrir o que é a telepatia. Devemos cancelar mais uma vez todas as provas acumuladas no passado a favor desse fenômeno em contraposição a outras formas de ESP. É verdade que, para muitos fins, não há grande diferença se explicam pela telepatia ou pela precognição os dados experimentais. São ambas percepção extra-sensorial. Se o sujeito percebe o símbolo proveniente do emissor, não diretamente do pensamento deste ou do registro feito posteriormente, assim o faz por ESP de um acontecimento futuro; mas a aptidão demonstrada é ESP tão seguramente como se fosse a percepção do estado mental atual de outra pessoa. Assim sendo, embora a alegação de tipo telepático de ESP seja mais uma vez de duvidar-se, é Somente questão da maneira pela qual o ESP funciona, e de modo algum qualquer dúvida sobre a ocorrência de ESP. Esta última solução não revela qualquer indício de algum dia voltar a existir.

Não há motivo para negar a ocorrência da telepatia. Não me estou colocando contra ela, como também não era contra ela em 1930. Trata-se tão-Somente do estado da prova. Tudo quanto à prova experimental das experiências de telepatia nos permite dizer,

é: "Talvez a telepatia seja a explicação!" Nenhuma delas garante a conclusão que a telepatia seja a única explicação.

Alguns casos de experiências espontâneas apresentam-se claramente a favor da telepatia. Lembremo-nos de que tais casos não-experimentais forneceram valiosos indícios no passado. Quando dois indivíduos têm sonhos semelhantes, ou um parece saber intuitivamente como o outro está se sentindo, ou quando estão tentando simultaneamente telefonar um para o outro, há certamente a aparência de percepção telepática de preferência à percepção clarividente precognitivamente. Contudo, é difícil geralmente provar em tais casos a falta de base objetiva a partir da qual funcione a clarividência. Além disso, é sempre difícil chegar a uma conclusão, partindo desse material anedótico; de outro modo, não teríamos nunca necessidade de experimentar com ESP em primeiro lugar.

Não há qualquer vantagem em argumentar simplesmente a respeito de telepatia. Muitas pessoas que estão convencidas da sua ocorrência inclinam-se a apoiar uma interpretação favorável da prova ambígua em prol da telepatia sob a pressão da grande importância potencial dessa aptidão. Tal maneira de pensar não se baseia em razões lógicas. Devemos ao invés reconhecer que a telepatia é novamente um problema de primeira ordem, que exige experiência completamente nova. Tal transtorno para as idéias de qualquer pessoa é desagradável a princípio, mas constitui parte do preço para ser cientificamente certa. E proporciona aos experimentadores uma prova daquilo que as descobertas deles devem estar fazendo em relação aos hábitos tradicionais de pensar dos cientistas mais ortodoxos.

É história bastante recente esta segunda reconsideração da telepatia. Já se iniciou a busca da telepatia autêntica com o emprego de novo procedimento experimental. Poderá acontecer que em breve tenhamos de novo a telepatia em seu lugar, restabelecida como um modo de ESP. A maior parte dos antigos experimentadores em parapsicologia parece antecipar esta solução - talvez seja o impulso natural de hábitos de pensamento há muito estabelecidos. Sem dúvida alguma, observam-se certas impressões sugestivas em apoio

da telepatia que são dignas de toda consideração. Ninguém, contudo, encarará a situação levianamente se, depois de investigação longa e exaustiva, deixarmos de descobrir provas incontestáveis da verdadeira telepatia. Nem tampouco ninguém é de parecer que se deva pôr de lado a necessidade de experiências mais concludentes para levar o assunto ao estágio decisivamente concludente que outrora acreditávamos ter atingido. Por enquanto é o bastante com relação à tempestade mais recente em parapsicologia causada pela precognição. Talvez seja Somente a primeira de uma série, se as conseqüências da precognição em relação a outros campos forem o que aparentam.

(Depois de escritos os parágrafos precedentes, as novas experiências de telepatia pura da Srta. Elizabeth McMahan chegaram a tal ponto que justificaram um relatório para o "Jornal de Parapsicologia". A Srta. McMahan mantém simplesmente um registro em código dos símbolos de que pensa quando atua como emissora. Outra pessoa conhece o código e pode conferir o registro em comparação ao das chamadas do receptor. Transferiu-se o código mediante referência a lembrança comum de caráter totalmente subjetivo. Nunca se fez qualquer concretização do código. A Srta. McMahan tem conseguido resultados acima da probabilidade, parecendo ser a telepatia a única explicação aceitável. É de concluir-se, portanto, que a telepatia está novamente firmada até o ponto a que pode chegar uma única pesquisa que tenha em mira tal objetivo.)

*

Ninguém pode ainda dizer até onde a demonstração da precognição nos conduzirá. Talvez tenha de decorrer muito tempo antes que se possa esperar tratar de todas as complicações que fizeram surgir à instituição do ESP de acontecimentos futuros. A situação assemelha-se à que confrontaria o químico que tivesse descoberto um solvente universal; raramente se defrontaria com maiores dificuldades, se pretendesse reter a nova substância do que

as que encontraríamos para ajustar logicamente o pensamento às conseqüências de longo alcance do conceito de precognição.

Tanto depende de até onde a precognição pode ir - e do que é capaz de realizar! É de grande importância, por exemplo, saber até que ponto a precognição se aplica aos processos mentais em geral. Existirá Somente ESP precognitivo ou existe também percepção sensorial precognitiva, emoção precognitiva e qualquer outra espécie de precognição? Acode-nos imediatamente ao espírito a experiência que se afigura como tendo sido vista, o sentimento que se tem de certo modo de já ter visto anteriormente a mesma cena que agora se desdobra ante os olhos, que, entretanto, se sabe nunca ter sido vista de modo sensorial. Se houve alguma experiência prévia da cena, como em um sonho esquecido, não poderia ter sido da natureza da percepção sensorial precognitiva - antecipação de vê-la realmente? Assim também, no caso da experiência espontânea, na qual se vê em uma visão, estando acordado ou em um sonho, um acontecimento que, dentro de algumas horas ou alguns dias depois, contempla-se realmente com os olhos, não poderá ser extensão precognitiva da vista normal ao invés de ESP precognitivo? Não é possível ainda responder a tal pergunta à base da experiência, que é a maneira única de respondê-la. Ainda nem temos uma idéia nítida das diversas possibilidades. A relação inteira entre o tempo e o espírito ainda é obscura, mas é um ponto em que, com boa razão, podemos nos decidir a aprofundar as pesquisas.

Provavelmente, a pergunta principal a respeito da precognição é: Qual a sua eficiência? É o alcance da precisão da precognição que importaria, em grande parte, na maior diferença de significado. Se a precognição for ou puder ser algum dia 100 por cento exata, reconhecê-lo afetaria de tal maneira a nossa filosofia da vida que se treme ante as conseqüências. Tal a verdade especialmente se, além disso, toda espécie de acontecimentos em qualquer ponto do tempo for teoricamente precognocível; porquanto, se assim o for, serão evidentemente todos determinados e inevitáveis. Teriam de ser fixos para serem prognosticáveis. Não existiria liberdade de escolha. Mesmo se alguém soubesse por precognição que estaria em um

desastre de trem, não poderia evitá-lo. De que valia poderia ser a precognição para uma pessoa em tal caso? A prova de precognição tão absoluta importaria em fatalismo da qual não poderia verdadeiramente livrar-se qualquer resolução.

São assim irreconciliáveis a liberdade volitiva e o vaticínio perfeito. Se for possível controlar os acontecimentos à luz do conhecimento antecipado, impedindo-se de tal modo que se realizem, então, sem dúvida, a precognição seguramente perfeita não poderia realizar-se. Inversamente, se, na melhor hipótese, a precognição só pode ter precisão limitada, a escolha volitiva disporá ainda de algum campo. Seria então possível não só ver à frente com certa eficiência, mas também escolher o melhor caminho com certo grau de liberdade real.

Semelhante combinação de possibilidades é suscetível de esclarecer-se concretamente com a seguinte história que um senhor idoso, o Doutor L., me contou e a irmã dele, professora de escola pública verificou, a quem conheço há muitos anos: "Quando era rapaz, tive um sonho que talvez me tivessem salvado a vida. Tinha projetado uma viagem de trem a Burlington e na noite anterior ao dia da partida sonhei que houvera um desastre com o trem e o fogão - naquele tempo aquecia-se o carro de passageiros com um fogão vertical a carvão - caíra por cima de mim, machucando-me gravemente. Fiquei tão aterrorizado com o sonho que abandonei a idéia da viagem por algum tempo, contando-o à família. Muito bem, meu senhor, naquele mesmo dia o trem sofreu um desastre e o fogão caiu em cima de um homem, matando-o."

O Doutor L. aceitou o sonho como verdadeira premunição. Entretanto, acreditava também que até certo ponto ainda estava livre para agir na base do conhecimento profético que recebera. Certamente, assim agiu. Pode perguntar-se se ele seria, conforme supunha, a pessoa a que havia de matar o Fogão ao cair se não tivesse mudado de idéia. Mas para isso não há resposta. Sabemos que ocorrem por vezes sonhos verídicos que não demonstram qualquer correlação lógica com quem sonha, ou na verdade qualquer motivo reconhecível para que ocorra de qualquer maneira. O sonho

do Doutor L. pode ter tido ou não algo a ver com a salvação da vida dele; mas, segundo a narrativa, foi precognição e, ao mesmo tempo, fê-lo alterar o curso da ação.

Há igualmente outra maneira de ver capaz de compreender a vontade livre e a profecia: se os acontecimentos físicos fossem mais prognosticáveis por meio de ESP do que as questões que implicam em decisões humanas, disporíamos de grau importante de latitude para a liberdade de escolha. Conforme esta hipótese, a previsão de ocorrências futuras na esfera da conduta humana e seus efeitos limitar-se-ia em objetivo e os acontecimentos ficariam sujeitos a decisões ulteriores. Seria possível conseguir melhor precisão cognitiva em ocorrências puramente mecânicas. Talvez o desastre do trem e a queda do fogão fossem determinados por desenvolvimentos físicos além de controle humano; digamos, a responsabilidade coube a um trilho defeituoso. O espírito de quem sonhou poderia ter conhecimento antecipado do próprio desastre e inferido racionalmente que alguém poderia sofrer, talvez mesmo quem sonhou. O resto do sonho foi construção dramática. Experiências psíquicas semelhantes podem ter muitos elementos em si, além da precognição, e esta pode ser Somente em parte correta.

Vemos à frente tão-só dessa maneira parcial, mesmo no curto alcance que a razão nos proporciona. Choverá provavelmente, alguém poderá predizer racionalmente, apanhando uma capa. Mas poderá enganar-se. Estamos acostumados a esta espécie de conhecimento limitado do futuro conforme derivado de fontes de conhecimento e julgamento que não a precognição. Se juntarmos agora a precognição à nossa bateria de poderes, talvez seja questão de estender um pouco mais o alcance de nosso conhecimento - questão relativa. O telescópio, o microscópio, o espectroscópio, a máquina fotográfica e dezenas de outros instrumentos estenderam mecanicamente a nossa aptidão para perceber, habituando-se desse modo a fazer predições mais felizes. Por exemplo, o médico pode predizer bastante exatamente quando o doente ficará em condições de deixar o hospital se, por meio do microscópio, puder identificar o germe que causou a moléstia.

Certa precognição seria realmente argumento a favor da liberdade da vontade. Porque Somente se a vontade tiver natureza diferente do mundo em que atua poderá operar baseada em princípios livres - livres, isto é, das leis de outros sistemas. Sem dúvida alguma, se nos é dado dizer algo a respeito da precognição, é que não se conforma às leis físicas. Se, portanto, o espírito pode prever os acontecimentos, tanto mais livre será do sistema físico sobre o qual atua, por isso que é diferente dele.

Depara-se aqui com duas questões distintas. Uma é que a precognição é, até onde pode ir, um meio superior de conhecimento e, ampliando o nosso poder cognitivo, é capaz de nos proporcionar realmente maior ação sobre a natureza. A outra é que, em virtude da sua natureza não-física, a precognição confirma, como nada mais concebível poderia fazer, o caráter distintivo do processo mental. Este caráter nos assegura que realmente possuímos a liberdade de que falamos.

Não será necessário dizer que a instituição da precognição merece claramente que se considere como o quarto grande progresso em nossa investigação.

A precognição não pode simplesmente ser física em qualquer sentido atual da palavra! Na realidade, a nítida oposição que apresenta à seqüência causal em que vemos comumente suceder os acontecimentos na natureza torna-a simultaneamente não só galardão científico como réprobo científico. Tanto mais extensa, em consequência, deverá ser a nossa compreensão do homem e do seu drama no mundo quando finalmente conseguirmos justificar inteiramente este fenômeno.

Naturalmente, a precognição é inteiramente estranha à ciência. Mas essa estranheza é, em grande parte, devida à nossa ignorância mais geral quanto ao espírito. Se nos lembrarmos tão-só que ainda não compreendemos o que seja a memória, o alcance do espírito para trás, muito mais familiar e há muito estudado, a idéia do alcance à frente, ou precognição, será muito menos chocante a nossa postura intelectual. A própria estranheza fantástica da precognição expõe repentinamente o estado fragmentário do nosso

conhecimento do espírito, revelando como estamos mal preparados para receber um novo fato relativo à nossa natureza.

Descobertas concretas devem finalmente acomodar-se ou harmonizar-se. Até que tal se dê, não nos é possível compreendê-las inteiramente. Mas não existe linha-limite em tais assuntos. Podemos estar certos de que a última questão capaz de nos causar preocupação é como essas aptidões finalmente se ajustarão ao esquema geral de tudo quantos existem. A frente constantemente ampliada do conhecimento encarregar-se-á dessa situação, como aconteceu com situações semelhantes no passado. Somente precisamos ver como os processos atuam realmente, ficando prontos a ajustar as opiniões que conosco prevalecem a quaisquer fatos novos que se nos apresentem. As novas idéias afinal entrarão a funcionar com bastante felicidade em esquema total melhor de ação recíproca das forças pessoais e não-pessoais do universo.

CAPÍTULO VI

FORÇA MENSURÁVEL DO ESPÍRITO

Depois da leitura do capítulo sobre precognição, qualquer pessoa deve sentir-se preparada para considerar sem preconceitos as descobertas da parapsicologia que vêm a seguir. Resultam de experiências de psicocinética ou PC, pesquisas realizadas com o intuito de descobrir se o espírito é capaz de influir diretamente sobre o movimento de objetos materiais. No Laboratório de Duke, onde começaram, fala-se geralmente desses estudos como o "trabalho dos dados", porque a maior parte das experiências de PC implicou em

lançamento de dados. Chamam-se experiências de psicocinética porque se dão instruções ao sujeito para forçar o dado a cair com certa face ou combinação de faces para cima. A expressão popular é "espírito sobre matéria".

A hipótese da PC é conseqüência lógica do próprio trabalho com ESP. Na percepção clarividente dos objetos é forçosa a existência de certa operação entre o espírito e o objeto material. Cada um terá de exercer certa influência sobre o outro; pelo menos é dessa maneira que funcionam todas as reações conhecidas. O espírito, portanto, faz algo ao objeto, muito embora esse algo seja por demais leve para que se observe. Naturalmente, a experiência de clarividência não se destinava a descobrir qual fosse esse efeito; precisava-se tão somente de um meio para medir suficientemente sensível de modo a registrar qualquer efeito mental dessa espécie sobre o objeto material. Seria de esperar a ação recíproca psicofísica revelando efeitos tanto do lado físico quanto do lado psíquico. Por que não resposta extramotor tanto quanto percepção extra-sensorial?

Afinal de contas, a psicocinética é tão-só palavra nova para idéia antiga. Consta até do dicionário: "ação do espírito sobre sistema físico". A crença em semelhante aptidão do espírito, especialmente em suas relações com o corpo, é provavelmente tão antiga quanto a distinção entre espírito e corpo. É um desses conceitos familiares, que se têm como certos e a que não se presta mais atenção na vida intelectual. Certa espécie de ação psicocinética tem de ocorrer evidentemente toda vez que o pensamento dá início à ação neuromuscular supondo-se que assim o faça. Esse efeito psicofísico produz evidentemente certas alterações eletroquímicas e físicas no cérebro, e inicia uma cadeia de reações físicas nos nervos e nos músculos do corpo.

No passado, esse problema de PC conservou-se inteiramente fora do alcance da ciência. Naturalmente tem sido muito difícil estudar o tipo pensamento-cérebro de ação psicocinética. Se fosse possível trabalhar mais penetrantemente sobre o cérebro, registrando-se a introspecção e os comportamentos associados, há muito estariam solucionados os enigmas relacionados com esta

grande falha psicofísica. Nas condições atuais, quase que se dispõe tão-só de suposições, especulações e dogmas, juntos à ignorância geral relativamente aos problemas fundamentais do que fazem realmente o espírito e o cérebro um para o outro quando o indivíduo pensa e age.

Agora, contudo, parece que o problema espírito-corpo chegou a um ponto em que é possível atacá-lo com êxito. Nas experiências de PC que vamos descrever, as relações entre espírito e matéria de natureza mais simples podem estudar-se em situação mais elementar e mais controlável do que proporciona o complexo pensamento-cérebro. Por igual maneira, o lado perceptivo da ação recíproca entre espírito e objeto pode encontrar-se nas experiências de clarividência. A vantagem da pesquisa poderá ser muito grande.

Não foi, portanto, desarrazoada a idéia de PC. Na realidade, havia necessidade de algum princípio semelhante para preencher a lacuna existente em nosso conhecimento quanto à maneira pela qual operam reciprocamente o pensamento e o cérebro. Ajusta-se ao que sabemos até agora a respeito do ESP e suas relações com a pedra de fêcho do arco. O passo que faltava para completar a demonstração consistia em descobrir se a PC era experimentalmente eficaz sobre objetos externos e se era possível descobrir maneira suficientemente delicada para medir semelhante ação direta do espírito sobre a matéria. Precisava-se de uma experiência de PC tão eficaz e apropriada como a experiência de ESP com cartas mostrara ser.

*

O trabalho com dados começou em Duke em 1934. Contudo, muito antes desse ano foram realizados esforços em outros lugares para conseguir provas de PC por outros meios. Se formos bastante compreensivos, encontraremos grande variedade de tentativas para descobrir se o espírito pode provocar diretamente alterações no ambiente físico. A pesquisa realizada em Duke pode ter introduzido a experiência de PC mais sensível utilizada até então, ou a primeira tentativa de influir sobre um objeto em movimento ou a primeira

experiência a empregar instrumento de exploração de medida estatística, seja a primeira experiência semelhante a jogos. A pesquisa sobre o efeito direto do espírito sobre a matéria já era bastante conhecida em 1934.

Algumas das afirmações mais antigas eram merecedoras de atenção. Por exemplo, acontecimentos físicos espontâneos relatados Somente poderiam explicar-se em termos de algum poder psíquico desconhecido. Tais casos tinham sido seriamente encarados por pessoas ponderadas. Como todos sabem, é difícil ponderar todos os fatores que entram em um caso não-experimental. Mas embora seja preferível não tirar conclusões finais de tais casos, seria muito de repreender se a ciência os deixasse inteiramente de lado.

Conhece-se, por exemplo, a experiência de professor bem conhecido de colégio, que ensina no departamento de religião. Um dia, ao discutir a questão da imortalidade com um aluno, logo depois de lhe perguntarem se algum dia tivera qualquer prova concludente do mundo dos espíritos, houve manifestação nítida. O estudante ficou realmente assustado. Pesado tinteiro de vidro, que estava em cima da mesa, partiu-se ao meio. O próprio professor considerou a ocorrência como sendo efeito de força não-física de alguma espécie, provavelmente associada a espírito desencarnado. Pensador mais conservador preferiria a hipótese de coincidência. Certamente nada prova a ocorrência, visto como sabemos que por vezes o vidro se quebra espontaneamente.

Outros casos, contudo, compreendem mais do que a quebra de vidro. Na ocasião em que estávamos começando as experiências de PC, correspondia-me com um psiquiatra de fama mundial, que me comunicou certos fenômenos físicos estranho, que ocorrera na residência dele quando ia começar a fazer o estudo de um médium residente a algumas milhas de distância. Uma dessas ocorrências consistiu no arrebatamento do tampo de velha mesa bem seca, acompanhado de um ruído como de disparo de pistola. Ninguém estava perto da mesa na ocasião e seria impossível recorrer a qualquer princípio conhecido para explicar o curioso acontecimento. Contudo, a madeira também está sujeita a rebentar em virtude de

causas naturais. É de fato pouco comum à ocorrência, mas não é de todo impossível. Mas quando li na carta do psiquiatra que uma velha faca de aço de cortar pão se reventara em pedaços mais ou menos na mesma ocasião, acompanhada de ruído semelhante ao da mesa, fiquei realmente intrigado. Tenho uma fotografia da faca que mostra claramente a lâmina partida em quatro pedaços. O fenômeno ainda me parece inexplicável em termos de tudo quanto se sabe atualmente. O próprio psiquiatra considerou esses fatos como casos de PC, de certo modo relacionados com o médium, embora não pretenda saber como se produziram aqueles efeitos.

As casas mal-assombradas merecem igualmente pelo menos breve alusão. A ocorrência de efeitos inexplicáveis associados a certa casa tem-se repetido sucessivamente através do tempo. Depois de estudar inúmeras narrativas dessas assombrações, compreendendo contatos com fantasmas, ruídos, portas escancaradas, às vezes com aparições vistas até mesmo por crianças e - a julgar pelo comportamento - por animaizinhos de casa, o cientista acha-se incapacitado de acreditar neles ou de rejeitá-los totalmente. Vez por outra a prova é de tal ordem que satisfaz a qualquer exigência menos a da experiência e, contudo, a própria excepcionalidade exige algo mais, tendo-se de deixar o julgamento em suspenso.

Em certos casos, o assombramento é de uma pessoa, e os fenômenos físicos injustificáveis parecem associados a um indivíduo, muita vez uma criança. Quebram-se pratos inexplicavelmente, soam campainhas de portas, forças invisíveis jogam pedras através de portas ou janelas abertas, encontram-se móveis em desordem em cômodos fechados, pessoas adormecidas acordam sentindo que lhes puxam as cobertas, e por vezes reina por toda a parte verdadeiro pandemônio. Cientistas e outros profissionais, homens ou mulheres têm investigado algumas dessas ocorrências. Mesmo assim, quando se ponderam todas as provas, o estudioso cauteloso de tais problemas exige mais do que uma decisão a favor ou contra. Muitas vezes, não é possível afastar inteiramente a suspeita de fraude nem tampouco justificá-la. Fica-se

a vacilar entre um estado atormentador de julgamento suspenso e a esperança de oportunidade para proceder a experiências.

Contam-se também histórias estranhas a respeito de pessoas menos requintadas. Quando se conversa com algum antropólogo que tenha acabado de estudar o índio americano ou os habitantes do Extremo Oriente ou as Ilhas dos Mares do Sul ou a África, pode ouvir-se falar de fenômenos misteriosos observados que desafiam explicação natural. Digo "conversa" porque se omitem à publicidade as observações mais incríveis, por questões de conveniência. Tais efeitos inexplicáveis passam-se muita vez em cerimônias religiosas que fazem parte dos costumes tribais da respectiva sociedade. Vão desde a levitação de objetos, lanço de pedras por mãos invisíveis até a citação de casos de provocação de chuvas. Mas, ainda uma vez, é difícil dizer o que se deva concluir com relação a essas narrativas sem dispor de observações de natureza mais controlável.

Em todas essas situações, a necessidade gritante é a favor de experiências. Aproximamo-nos mais da atitude experimental no estudo dos fenômenos físicos de mediunidade. Seria necessário livro bastante volumoso para exame e ponderação dos inúmeros estudos experimentais de mediunidade em que ocorrem manifestações físicas. Mas temos de deixar de lado todos esses estudos porque não é possível examinar convenientemente e definitivamente nem mesmo o melhor deles - nem bastante aprofundadamente para formular uma resolução quanto à PC. Alguns deles, contudo, não podem deixar de impressionar o estudioso que ler os relatórios.

Salientam-se melhor alguns dos casos mais recentes. Por exemplo, seriam de desejar mais estudos como o da mediúnica inglesa Stella C., por Harry Price, no curso dos quais se conseguiram quedas de temperatura grandes, registradas automaticamente - chegando a atingir 11 graus Fahrenheit. Outra investigação notável foi realizada pelos dois Drs. Osty, pai e filho, no Instituto Metafísico de Paris. Nesta série de experiências, o médium austríaco, Rudi Schneider foi controlado por uma cortina de radiação infravermelha destinada a registrar automaticamente qualquer movimento fraudulento que acaso fizesse. Conseguiram-se, contudo, efeitos tais

que os experimentadores ficaram intrigados. Essas experiências, porém, ainda não são suficientes. Torna-se necessária melhor confirmação, baseada no mesmo tipo de experiência, com alguns controles adicionais, se for possível introduzi-los. Ainda não é possível tirar conclusões, mas pode dizer-se que essas investigações justificaram amplamente o interesse crescente em semelhante tipo de pesquisa.

Impõem-se experiências, condições e aparelhos mais simples. De outra maneira será difícil ter certeza no que se está passando. As experiências mediúnicas geralmente estão cercadas das exigências que se denominam de leis psíquicas. Por exemplo, comumente é necessário que exista escuridão absoluta. Não é possível observar com precisão suficiente efeitos que se realizam na escuridão, nem o controle é suficiente para permitir qualquer conclusão. A descoberta freqüente de médiuns praticando fraudes faz duvidar se os que não foram pilhados praticando fraudes estavam igualmente bem vigiados. Mais uma vez a sentença escocesa: Não provado.

As alegações de cura pela fé pertencem, talvez, aos efeitos de PC. Não há certeza se podem atribuir os sucessos de cura pela fé à sugestão, acidente ou reivindicações exageradas, ou se omite algo que não se possa atribuir a processos corpóreos. Vez por outra, um médico cita alguma cura pela fé que não é suscetível de explicação pela medicina. Alegam-se também efeitos fisiológicos diferentes da cura. Por exemplo, o antropólogo Geoffrey Gorer refere o caso de um negro da África Ocidental que ficou debaixo de água durante 45 minutos, conforme o relógio do observador. Dizem que faquires orientais vivem horas ou mesmo dias em um túmulo comum. Muitos outros realizadores de maravilhas em partes menos requintadas do mundo desafiam investigações. Ainda não é possível dizer se realmente realizam algo que não se explique pela física do corpo. Mas se o fizerem, tanto mais será preciso descobrir com relação ao homem de sorte que se torna evidente estarem as ciências acadêmicas trabalhando Somente em uma fração do seu verdadeiro domínio.

Talvez a psicocinética se tenha intrometido na medicina sob disfarce. De qualquer maneira, no novo campo denominado "medicina psicossomática" atribuem-se bastante casualmente certos efeitos orgânicos ao estado de espírito do paciente. Ainda é discutível o que se passa entre o estado de espírito e a mudança resultante; mas a íntima ligação dos dois como unidade causal na produção da moléstia é atualmente conhecimento médico aceito. A menos de uma geração tudo isso era superstição para o médico ortodoxo.

Todos conhecem, sem dúvida, o antigo processo de fazer desaparecer as verrugas por meio de qualquer magia rústica que importa em procedimento inteiramente absurdo (embora bastante conveniente a Tom Sawyer) que evidentemente não poderia ter qualquer efeito sobre as verrugas; entretanto, elas desaparecem. Atualmente, os médicos fazem uso desse tratamento psicossomático das verrugas em grande número de clínicas, em substituição a tratamento que pode parecer mais científico enquanto continua da mesma forma puramente psicológico. Diz-se que as verrugas desaparecem em virtude de um "efeito psicogênico" sobre o tecido. Inúmeras moléstias da pele, grande número de distúrbios intestinais, e, até certo ponto, do resto do corpo, sabe-se agora terem por causa estados mentais, e estão sendo adotados por médicos tratamentos puramente mentais.

Neste ponto também volta à cena a hipnose. Tem-se referido freqüentemente a produção de certos efeitos orgânicos por meio de sugestão hipnótica. Há, por exemplo, informações sobre o aparecimento de borbulhas por sugestão hipnótica, às vezes sob a vista vigilante do psicólogo ou médico. O Doutor R. Schindler contou o caso de uma mulher que era capaz de fazer aparecer uma borbulha em qualquer parte do corpo dentro de cinco minutos sempre que o hipnotizador ordenava o aparecimento. Mais impressionante talvez o fenômeno da dermatografia, ou escrita na pele. Quando tal acontece, aparece sobre a pele do paciente o bosquejo de um desenho ou de um texto em que está pensando. Realizaram-se diversos estudos do caso especial de dermatografia

telepática apresentado pela Senhora Kahl em Paris. Os relatórios descrevem a aptidão dessa senhora em reproduzir sobre a pele do braço ou do peito uma figura ou uma letra em contornos vermelhos, nítidos, em que o experimentador estivesse pensando. Os experimentadores estavam de acordo como única explicação razoável que a telepatia era responsável pela escrita sobre a pele.

Existe ainda uma alegação talvez a mais estranha de uma série esquisita. Entre todos estes efeitos orgânicos, seja médico ou experimental, nenhum parecem mais cientificamente significativos e mais promissores do que a arte muito caseira e deselegante de fazer desaparecer verrugas ou outras excrescências do couro de animais domésticos. Nos escritos antigos da S. P. R., registram-se casos de remoção de verrugas do gado na Inglaterra e na Irlanda. Investigações preliminares na América do Norte chamaram a atenção para informações semelhantes deste efeito psicogênico à distância. Não é possível supor produza a simples sugestão a remoção de excrescência de um animal, como pensamos aconteça provavelmente com verrugas humanas por meio de encantamentos. Em se tratando de animais, deverá haver aparentemente ação psicofísica direta sobre a própria excrescência. Se as informações justificarem finalmente sólida conclusão científica quanto à eficácia do encantamento como agente de cura, tais ocorrências constituiriam exemplos de PC em aplicações práticas.

Assim se encontrava a questão quando começaram as experiências de PC em Duke. Esta recapitulação muito revelou, nada, porém, final. A característica que se salienta através de todos estes exemplos de ação psicofísica aparente é a impossibilidade de chegar-se a uma conclusão. É preciso, porém, reconhecer que se esta recapitulação não permite aceitem-se tais casos como capazes de demonstrar efeito psicocinético, também não permite se rejeitem sob a alegação de não merecerem maior investigação. Se existir PC em qualquer dessas ocorrências, a grandeza de sua importância justifica qualquer volume de investigação paciente e exaustiva.

Na realidade o problema da PC estava à espera de um processo conveniente. Precisava ser interessante, rápido e, a exemplo da experiência com as cartas ESP, fácil de controlar, visto como toda sorte de suspeitas se concentraria sobre ele se os controles experimentais não fossem manifestamente adequados e transparentemente simples. O processo deveria prestar-se, como a experiência de ESP, à avaliação rápida por processos estatísticos padrões. Deveria ser simples e bastante adaptável de modo a aplicar-se a qualquer indivíduo comum, sem se limitar aos indivíduos raros. Finalmente, teria de ser experiência a realizar-se à luz meridiana, fugindo às exigências de escuridão, aparelhos complicados ou condições confusas.

O lançamento de dados constituía processo ideal para a experiência de que precisávamos. Felizmente para o problema de PC, muitos indivíduos se julgavam capazes de influir mentalmente sobre os dados. Julgam-se capazes, quando em certa disposição, de influir sobre a queda de dados mediante ação direta da vontade, independentemente por completo de artifícios no lançamento dos dados ou de carga de chumbo para certa face. Quando jovem membro da profissão do jogo de dados chamou a nossa atenção para essa opinião no Laboratório de Duke, verificamos que o lançamento de dados seria ideal para uma experiência de laboratório sobre a hipótese de PC. Era possíveis aplicar-lhe os diversos controles experimentais, e a experiência em si despertaria a atenção dos sujeitos e lhes apresentaria um desafio. Seria fácil marcar os sucessos e podia calcular-se rapidamente o número médio de sucessos a esperar tão-só pelo acaso. Tinha tudo!

Realizou-se uma experiência típica de PC da seguinte maneira: Se o sujeito parecesse interessado depois de saber qual a natureza da experiência, dava-se-lhe um par de dados e um copo para lançá-los. Suponhamos que o alvo escolhido para a série fosse o número sete. Pedia-se ao sujeito que sacudisse os dados e os jogasse sobre uma mesa acolchoada. Observavam-se as faces voltadas para cima, diziam-se os números em voz alta e o experimentador o registrava.

Todas as combinações somando sete (6 e 1, 5 e 2, 4 e 3) ficavam marcadas na folha de registro com um círculo em torno. Depois de cada série de 12, contavam-se os sucessos e registrava-se o número deles. Eram de esperar duas vezes o sete, como resultado do puro acaso em uma série de 12.

O trabalho nessa nova experiência começou com toda a espontaneidade de novo jogo. Empreendemos estas primeiras experiências por meio de dados com curiosidade exploradora ansiosa, que conduziu a entusiásticas ramificações e freqüentes variações. Muitas vezes chamávamos cooperadores para tomar parte e relatar as experiências. Introduziram-se novas maneiras de experimentar; os resultados acumularam-se. Passo a passo e mês após mês fomos encontrando respostas para todas as indagações que atormentavam cada lanço de dados nas primeiras experiências, à proporção que juntávamos várias precauções ao processo.

Fizemos os primeiros esforços sem grande planejamento. Naturalmente, tivemos de descobrir primeiramente se era segura uma experiência bem planejada. Começamos com o lanço simples, natural, de um par de dados com a mão. A princípio, lançavam-se os dados sobre superfícies não preparadas, soalhos ou tampos de mesas. Mas em muito pouco tempo, de fato, logo que os primeiros passos justificaram a continuação, passamos a lançar os dados de um copo. Ainda mais tarde, revestimos os copos internamente com um material áspero e construímos mesas especiais. Introduzimos meios semi ou completamente mecânicos de atirar os dados. Juntamos certo número de maneiras de controlar para ter a certeza de não produzir qualquer imperfeição nos dados ou interpretações enganadoras dos resultados. Supúnhamos, naturalmente, que qualquer dado que adquiríssemos era imperfeito ou podia tornar-se imperfeito pelo uso. Sabíamos não ser possível tirar nenhuma conclusão se os dados apresentassem qualquer defeito.

Como na pesquisa de ESP, precisávamos de uma série-padrão de PC para unidade de comparação. Desde cedo, uma série fixa de 24 leituras singelas de dados tornou-se a unidade estabelecida para todas as experiências de PC. Não importava se fornecesse esse

número 12 lances de 2 dados, 8 de 3 ou 24 de um único. Criamos certo número de tipo de processos, que diferiam não só no número de dados lançados, na espécie dos dados e maneira de lançá-los, mas também porque compreendiam várias condições deliberadamente destinadas a afetar o sujeito e a respectiva percentagem de marcação.

Em uma experiência, por exemplo, lançavam-se os dados para uma face única. Naturalmente, era preciso especificar previamente qual a face-alvo. Em algumas experiências, realizava-se número igual de lances para cada face do dado, de sorte a cancelar qualquer efeito de tendência no próprio dado. Em certas séries, lançava-se um par de dados para uma combinação de faces, como sete, oito ou mais, seis ou menos ou para duplos de certa face do dado.

A primeira experiência de PC foi negócio de família. Minha senhora, a Doutora Louisa E. Rhine, e eu realizamos as primeiras experiências, atuando em geral alternadamente como sujeito e registrador, mas tendo alguns amigos que participavam no lançamento dos dados. Lançava-se um par de dados à mão, sendo o alvo um número alto. Logo que os resultados indicavam não ser possível atribuir a explicação ao acaso, introduzíamos maneira mais mecânica de manusear os dados, para ter a certeza de que não estávamos produzindo inconscientemente os números mais altos mediante habilidade nossa ou na maneira de tomar os dados. Nas novas experiências, tomávamos os dados conforme regras fixas, levávamos-los de cada vez ao mesmo lugar na linha de partida, e deixávamos que rolassem por gravidade em um plano inclinado com a superfície enrugada. Mediante este processo mecânico de soltar os dados, os sucessos eram tão elevados ou mesmo 25 cento mais elevados do que haviam sido nas experiências de lançamento à mão.

As primeiras 900 séries para número elevado apresentaram indiscutível importância. A média esperada do acaso era de 5 por série, supondo no momento fossem os dados perfeitos. Obtivemos realmente 5,5 por série. Este resultado é Somente 0,5 acima da probabilidade mas mesmo esse pequeno desvio da média significa uma acumulação total de 446 sucessos acima da expectativa

provável média, o que representa de fato grande desvio total. Seria necessário um número de 20 algarismos para representar a probabilidade contra a obtenção de tal resultado por puro acaso com dados perfeitos. O ganho médio sobre a expectativa provável média não tem de ser grande para que tenha significação, contanto que se mantenha sistematicamente para grande número de experiências.

Desde o princípio, o número de sucessos em PC tendia a ficar acima da "probabilidade". Não se observou nunca qualquer número de pontos excessivamente elevado, nenhum que fosse quase tão elevado como o haviam sido muitas contagens para ESP. Nunca aconteceu, durante os catorze anos de experiências com PC, deparar-se com o equivalente de uma série perfeita de 25 sucessos, conforme se conseguiu em ESP, ou mesmo uma quase tão perfeita. Mas, por outro lado, maior número de pessoas parecia tomar parte nas experiências de lançamento de dados com êxito moderado. Assim sendo, não se tornou necessário procurar sujeitos especiais para experiências de PC. Os próprios experimentadores passavam a sujeitos quando não se encontravam melhores à mão.

Utilizaram-se as mesmas medidas de significação estatística para avaliar os dados dos sucessos em experiências de PC como se fizera nas de ESP, com aprovação de autoridades idôneas em matemática. Quando se apresentavam problemas especiais de matemática nas pesquisas de PC, como aconteceu várias vezes, deles se encarregava o consultor matemático do Laboratório de Parapsicologia na ocasião, o Doutor J. A. Greenwood, cuja especialidade é o cálculo das probabilidades.

Permaneceu o problema do dado defeituoso. Era possível ter confiança na contagem de pontos além da probabilidade, somente supondo que os dados fossem perfeitos. Perseguiu-nos a possibilidade de justificarem as imperfeições naturais dos dados que estávamos utilizando a média de sucessos que obtínhamos. Não procuramos conseguir os assim chamados dados perfeitos; no princípio, as experiências eram demasiado exploratórias para exigí-los. Além disso, sabíamos que, se obtivéssemos os mesmos resultados com dados perfeitos, suspeitaríamos da perfeição e assim

voltaríamos ao ponto em que estávamos. Reconhecíamos a necessidade de conduzir as experiências de tal maneira que as tendências dos dados ficassem equilibradas ou controladas de algum modo seguro. Resolvemos procurar realizar experiências perfeitas de preferência a dados perfeitos.

A primeira tentativa de experiências controladas quase nos fez abandonar a questão. Imaginando que se os dados favoreciam contagem alta haviam de desfavorecer contagens baixas, os sete ou ambos, resolvemos empregar essas combinações como alvos para igual número de séries. Daí resultou obtermos aproximadamente o mesmo número de pontos tanto com os sete como com as combinações mais altas. Mas quando, depois de nos termos satisfeito com os resultados acima da probabilidade com as experiências de combinações altas, passamos a lançar os dados para combinações baixas, não foi possível sustentar a marcação acima da "probabilidade" média de 5 por série. Tais resultados indicavam fortemente que estávamos lidando com dados tendenciosos; e aí poderia ter cessado a pesquisa, se tivéssemos agido impulsivamente. Deparamos, contudo, com outra descoberta que não se ajustava a essa interpretação, a qual nos intrigou o suficiente para que não abandonássemos a pesquisa.

A esquisitice consistia em que nas experiências de combinações baixas as combinações altas também acusavam marcação inferior. Estavam de fato igualmente abaixo da probabilidade média. Ora, se a tendência nos dados favorável a combinações altas explicasse a alta marcação primitiva, deveríamos esperar que as combinações altas continuassem a aparecer quando se mudava o alvo. A única mudança na experiência estava em nosso espírito. Mas as combinações altas não continuaram a aparecer! Tanto as combinações altas como as baixas caíram abaixo da expectativa média provável. Não descobríamos qualquer maneira de explicar tais resultados como devidos aos dados, visto como utilizávamos os mesmos nos dois casos.

Se então tivéssemos sabido o que hoje sabemos - palavras estas que todos os exploradores muita vez repetem - teríamos deixado

inteiramente de nos preocupar com o problema dos dados defeituosos. Os próprios dados dessas experiências de combinações altas continuam a melhor prova possível contra a teoria dos dados defeituosos. Era a espécie de prova completamente tranqüilizadora de que havíamos precisado naqueles primeiros tempos de ansiedade relativamente a esta questão, muito embora Somente oito anos depois viéssemos a descobri-la. A maneira por que a descobrimos também oferece interesse por si mesma, conforme veremos um pouco adiante; mas podemos apresentar aqui bastante do que descobrimos, antecipando-nos à narrativa, para mostrar que as imperfeições dos dados não poderiam ter produzido os resultados obtidos. De certo modo, esta prova tardia é tanto melhor por ter sido descoberta muito depois da realização das experiências por outro pesquisador, o Doutor Humphrey.

Quando o Doutor Humphrey examinou, em 1942, os primeiros dados de PC em minha companhia, verificamos que nas experiências de combinações altas quase todos os sucessos acima da probabilidade se encontravam na primeira série dos grupos de duas ou três que se tinham tornado regra. Havia 134 sucessos acima da "probabilidade" em 123 primeiras séries. Nas 123 seguintes ocorriam Somente 19 e Somente 4 nas 75 posteriores. A Figura 1 a seguir mostra a comparação para as três séries na devida proporção.

Empregamos os mesmos dados para os três grupos de três exames; de sorte que qualquer mudança na marcação de pontos não era devida aos dados. Se dados defeituosos produzissem o grande desvio de + 134 no primeiro exame, teriam continuado a produzir a mesma percentagem de pontos com os dois outros exames. Diz o matemático que tão grande diferença na percentagem de marcação de pontos como a que se observa entre o primeiro e o segundo exames é de esperar tão-só pelo acaso uma única vez em 100 mil séries de experiências como estas. Fica assim definitivamente afastada a teoria do acaso ou sorte.

Todavia, tem de considerar-se igualmente uma combinação dessas explicações contrárias. Suponhamos os dados inclinados a favor de combinações altas; imaginemos também que o lançador

emprega mais energia no primeiro lanço do que nos seguintes; e quanto mais fortemente lança os dados tanto mais intensamente se revela a inclinação para produzir combinações altas. Todas essas possibilidades são razoáveis; resta saber se aplicam. Poderia essa combinação ter produzido as contagens conseguidas?

De modo algum. As experiências respondem definitivamente às perguntas formuladas e invalidam a combinação de hipóteses contrárias. Não se jogaram à mão os dados algumas vezes. Realizou-se grande parte das experiências utilizando o processo mecânico de lanço, atrás mencionado. Nesta maneira de proceder não existia a força muscular atuando sobre os dados; Somente a gravidade atuava sobre eles, quando se soltavam por meio de um dispositivo de alçapão. Entretanto, encontrou-se o mesmo declínio nos resultados do lanço mecânico como dos que eram arremessados à mão. Na realidade, a maior diferença encontrada foi entre as contagens médias do primeiro e segundo exames do lanço mecânico. É também o que se verifica pelo gráfico.

Havia assim boas razões contra a hipótese dos dados tendenciosos - mesmo que a ignorássemos em 1934. Agora só podemos ver explicação para esses resultados na PC. Se tivéssemos de repetir aquelas primeiras experiências agora, haveríamos de realizá-las de maneira diferente à luz do que sabemos atualmente. Provavelmente sempre assim acontece com uma pesquisa exploratória. Felizmente, a experiência foi melhor do que sabíamos e, por meio dos resultados confirmadores do declínio da contagem que descobrimos mais tarde, satisfaz inteiramente os requisitos de prova do efeito de PC.

*

Os números têm força, tanto na ciência como em qualquer outra parte. Logo que começamos a pensar dispor de algo nas experiências de dados, afigurou-se importante descobrir se outros seriam capazes de conseguir resultados idênticos. A primeira pesquisadora fora de Duke a atacar a investigação de PC foi Margaret Pegram, ora

Senhora Reeves, que cursava o último ano de Psicologia no Colégio Guilford, próximo da instituição da Carolina do Norte. Realizou longa série de experiências com dados, empregando combinações altas e baixas como alvos com quase o mesmo número de exames para umas e outras. Conseguiu sucessos médios significativos tanto em um caso como no outro, empregando os mesmos dados. O sucesso com as duas combinações revelou concludentemente que dados defeituosos não concorriam para os resultados.

Mais uma vez, permitam-nos lançar os olhos sobre os achados que vieram depois. A pesquisa da Srta. Pegram, conforme a análise do Doutor Humphrey realizada oito anos depois, mostrou o mesmo declínio no número de sucessos como as nossas. Desde o início adotara um grupo de três exames. Quando se retomou o estudo do declínio anos mais tarde, com o exame dos dados por ela colhidos, o primeiro exame do grupo acusava percentagem muito mais alta de sucessos, o segundo um pouco menos e o terceiro bem próximo da média. O primeiro declínio era significativo; os dois primeiros causavam impressão. De sorte que nesta série se encontra dupla prova de que dados defeituosos não explicam os resultados. Esta série levou-nos a pensar que os nossos antigos insucessos nas experiências de combinações baixas eram devidos à tendência psicológica. Tínhamo-nos fixado mentalmente em direção a combinações altas, sendo impossível mudar com facilidade. Mais tarde tivemos provas de que este tipo de fixação atua muita vez por essa maneira.

Alguns estudantes de Duke tomaram igualmente parte no trabalho de PC nesse primeiro estágio. As atividades deles ampliaram grandemente a base de prova para PC. Contribuíram igualmente para mostrar como era possível repetir as experiências - que a prova não resultava de uma única experiência ou que foram colhida por alguns observadores Somente. Os primeiros estudantes experimentadores de Duke foram Homer Hilton Jr. e George Baer. Os dois conseguiram também contagem significativamente alta de sucessos nas experiências de combinações elevadas para os dados. Outros estudantes atacaram experiências em que se escolhia por alvo

certa face do dado; nessas experiências esperava-se como probabilidade média 4 sucessos por exame de 24 lanços. Introduziram-se igualmente outras variações, como número diferente de dados por lanço, tamanhos e tipos diferentes de dados, maneiras diferentes de lançar e outras mais. A narrativa completa dessas aventuras distintas em campo temerariamente não-ortodoxo de pesquisa constitui, só por si, um volume em separado. O trabalho que estamos empreendendo exige continuemos a examinar os achados que entendem com a questão principal em foco.

Na ocasião não publicamos essas experiências. Embora desejassemos interessar outros pesquisadores na repetição das experiências, pretendíamos resolutamente evitar qualquer publicidade a respeito dos nossos trabalhos em PC. Naquela ocasião, 1934 a 1937, desencadeava-se a tempestade da controvérsia sobre as pesquisas de ESP relatadas em 1934, e julgamos fosse preferível reter o trabalho sobre PC até que amainasse. Foi possível, porém, conseguir a cooperação de alguns outros pesquisadores aqui e ali que vieram a saber das experiências de um ou outro modo.

Alguns nomes servirão de exemplo quanto à diversidade dos primeiros exploradores no reino de PC. Um deles foi Frank Smith, formado em silvicultura por Yale; outro E. P. Gibson, já mencionado pela pesquisa que fez em ESP, engenheiro municipal em East Grand Rapids; um terceiro foi o professor McDougall na Inglaterra, em gozo de licença da Universidade de Wayne; e H. L. Frick, um dos pioneiros no trabalho de ESP. Bastante curiosamente, poucos anos depois, um zoólogo, Doutor C. B. Nash, então na Universidade de Arizona, sem ter conhecimento de nosso trabalho, e agindo independentemente, realizou experiências um tanto parecido com as nossas de lanço de dados para experimentar a hipótese de PC. A primeira de suas experiências foi animadora embora não concludente; mas levou-o a tentar outros trabalhos mais tarde na Universidade Americana que produziram provas bastante significativas do efeito de PC.

*

Por volta de 1936, PC tornara-se de grande interesse no Laboratório de Dulce. Chegou mesmo a uma dúzia o número de homens e mulheres que apresentaram relatórios sobre PC, tanto de Dulce como estranhos, quase todos confirmando a hipótese de PC. O efeito acumulado tornou-se grandemente impressionante e convincente para todos quantos, como nós, acompanharam o desenvolvimento das provas a partir do nada para dimensões demasiado extensas e complicadas para que fosse possível segui-las sem dispor de razoável volume de preparo científico. Agora a psicocinética promete tornar-se um ramo da própria ciência.

Já em 1943, nove anos depois da primeira experiência de PC em Dulce, verificamos ter chegado à ocasião para a publicação do primeiro relatório. A crítica das experiências de ESP chegara ao fim. Esperáramos até acumular grande acervo de provas em confirmação do efeito de PC. Introduzira-se grande variedade de precauções, como o lançamento mecânico dos dados. Lançou-se mão de vários meios destinados a assegurar que os resultados não fossem devidos a imperfeições dos dados. Por exemplo, tínhamos conduzido experiências em que realizávamos número igual de lanços para cada face do dado; qualquer tendência a favor de uma face compensaria o respectivo efeito, obstando uma ou mais de uma das outras. Houve igualmente certas séries em que se lançava o mesmo dado por igual maneira sob dois grupos de condições, destinando-se um a ajudar ou obstar o sucesso em relação à face-alvo, e o outro para servir de controle; na comparação das percentagens de sucessos o efeito de qualquer tendência ficaria contrabalançado. Se, depois, se observasse qualquer diferença significativa entre as percentagens de sucessos para as duas condições não seria possível atribuir tais sucessos a dados defeituosos.

Tomaram-se também outras precauções que diziam respeito às tendências dos dados. Mas foi a prova de declínio que veio acabar com qualquer dúvida que ainda alimentássemos a respeito de PC. Era bastante suficiente para fazê-lo! Já dissemos como foi concludente a prova do declínio no grupo de três exames no caso da

primeira série de PC em Dulce e nas experiências da Srta. Pegram no Colégio Guilford.

Esta prova do declínio era, sem dúvida alguma, primordial na importância como perfeita resposta à questão da tendência dos dados. Contudo, tal se dava simplesmente devido a ser a hipótese dos dados defeituosos a mais difícil em nosso espírito nos primeiros anos de experiências com PC. Na realidade, esta mesma prova é igualmente forte em apoio da hipótese de PC contra outras explicações.

Uma das hipóteses contrárias é a de erro. Seriam os resultados de PC devidos a erros por parte dos observadores? Não havia motivo para declínio na frequência dos erros cometidos nestes três grupos curtos de exames, seja na leitura dos dados seja no seu registro. Além disso, sabemos serem os declínios inteiramente gerais - não invariáveis, mas característicos. Por que experimentadores diferentes cometeriam o mesmo tipo de erro? Os exames ou os grupos não eram tão longos que provocassem fadiga. Se esta estivesse presente e fosse o motivo, então seria difícil justificar a elevação na marcação de sucessos ao dar-se início a novo grupo.

Ocorreram declínios idênticos em séries em que se utilizavam máquinas para lançar os dados. Não podiam, portanto, depender da maneira pela qual se arremessava o dado. Verificaram-se tanto nos dados de lanços à mão como nos de lanço com o copo. O experimentador ignorava que os dados fossem mais tarde examinados em busca de declínios. Os achados são totalmente independentes do investigador primário. Assim, como prova de PC, fornecem confirmação completa do trabalho originário. Baseia-se em análises separadas e independentes; são, em si, extra-acaso; e Somente eles podem vir em apoio das alegações de ocorrência do efeito de PC.

Sem dúvida, tais declínios têm valor maior do que de simples prova. Voltaremos a discuti-los mais tarde em outro papel. Mas convém dizer aqui mais algumas palavras quanto ao simples valor que têm como prova de PC. Procuraram-se estes e outros declínios em todos os registros disponíveis de dados de PC, verificando-se

estarem presentes em extensão e harmonia que em muito ultrapassavam tudo quanto se atribuísse ao acaso - com probabilidade de milhões contra um em apoio. Quando a prova de declínio em PC atingiu o ponto em que parecia incontestável por si mesmo, reconhecemos finalmente estar preparado para qualquer espécie de discussão que viesse possivelmente a ocorrer. Foi momento decisivo para a pesquisa.

Os dados ocultos nos registros de PC lembravam fósseis guardados nas camadas da Terra. Qualquer pessoa capaz poderia examiná-los sucessivamente até fazer desaparecer qualquer motivo de discordância. Nós mesmos não podemos ver qualquer interpretação diferente; outros se eximiram de propor qualquer outra. Só podia tê-los causada a interferência progressiva com o processo da PC, devido à natureza da própria experiência. O efeito era de natureza psicológica. Não estava nos dados; não variavam. Não residia na maneira de lançar os dados; até mesmo a máquina de lançá-los dava os mesmos resultados. A permanência deste efeito de declínio representa a relação mais legítima até agora encontrada em dados de parapsicologia. Afigurava-se que o espírito do sujeito estivesse dirigindo o dado quando rolava. Estávamos certos, portanto, de ter encontrado a PC.

Apareceu em março de 1943 um primeiro relatório em que descrevíamos a primeira experiência. Sabíamos que nem todos seriam capazes de demonstrar a PC a pedido. Por igual a ESP, não é essa espécie de processo. Mas qualquer pessoa podia e ainda pode tornar a verificar as análises do declínio; e estas constituíam a melhor prova para a PC em qualquer caso. Publicamos um convite permanente a qualquer pessoa competente para que repetisse a análise do declínio nos registros arquivados em Duke - ainda o mantemos.

O espírito tem, portanto, certa força capaz de atuar sobre a matéria. Seja lá o que for a PC e seja qual for a maneira por que funciona, causa algo à matéria capaz de medir-se estatisticamente. Produz resultados no ambiente físico impossível de explicar por meio de qualquer fator ou energia conhecida em física. Temos de

supor, apesar de tudo, certa energia presente sempre que se realiza trabalho; e os registros de PC demonstram que algo mais atuava sobre os dados cadentes do que as forças conhecidas que os lançavam. Em conseqüência, deve existir certa energia conversível em ação física certa energia mental. Esta descoberta constitui o quinto grande passo em direção ao objetivo de resolver-se o problema da relação do homem para com o mundo material. No primeiro passo, reconhecemos a ocorrência de ação de espírito para espírito sem um meio físico conhecido. No segundo, que tratou do ESP de objetos, mostramos que o espírito pode entrar em relação cognitiva ativa com a matéria sem fazer uso de qualquer meio sensorial-mecânico que se conheça. O terceiro passo verificou que essa capacidade mental é capaz de transcender ao espaço e o quarto afirmou o mesmo quanto ao tempo. Agora, neste quinto passo, o sistema extrafísico do espírito retorna ao objeto material para exercer influência muito leve e caprichosa mas ainda significativa sobre dados em movimento, bastante forte para alterar a queda em extensão que Somente podem patentear os processos delicados da estatística, mas merecedores de fé para permitir se acumulem dados em confirmação mediante investigações independentes.

Produz-se efeito cinético sobre os dados. Não estaremos então manuseando necessariamente um processo físico de PC? Talvez o cérebro, utilizando a própria energia física, seja responsável pelo efeito sobre os dados. Ou certa função mental não-física atua diretamente sobre o objeto? A resposta será experimentalmente clara pelo trabalho que descreveremos em seguida. Dessa resposta dependerá a extensão do alcance do espírito no reino da matéria, ao qual pertence o próprio cérebro.

CAPÍTULO VII

MASSA E ESPÍRITO

A LÓGICA favorece, até certo ponto, que se encare a PC como físico. O resultado final nas experiências de PC com dados é certamente físico. Algo acontece aos dados que lhes alteram a queda. A força muscular ou de gravidade aplicada aos dados é naturalmente física. Seria então natural pensar que qualquer energia atuando sobre os dados para vencer o efeito da gravidade teria de ser bastante parecida com qualquer força física que conheçamos para que também seja possível chamá-la de física. É difícil imaginar qualquer outra espécie de fator em tal situação. A tendência inicial é com toda certeza contrária à concepção espírito-energia de PC.

Reveste-se de grande importância saber se a energia que causa a PC é cerebral ou espiritual. Se for possível ao espírito ultrapassar o cérebro e influir diretamente sobre o dado cadente, a nossa idéia do alcance das faculdades mentais sobre a ordem física terá de dilatar-se grandemente. Se o espírito for capaz de atuar eficazmente sobre a matéria por outra maneira que não através do próprio cérebro, tal descoberta revestir-se-á de grande significação para a descoberta do lugar que deve ocupar o espírito no esquema da natureza bem como quais sejam as suas possibilidades totais. Assim sendo, a questão reduz-se, para fins experimentais, à simples pergunta: Obedecerá a PC a leis físicas?

Felizmente as experiências de PC revelavam-se idealmente apropriadas para a solução deste problema. Tudo quanto se precisava fazer era variar as condições físicas ou fatores da experiência e comparar os resultados obtidos. Se o sucesso nas experiências acompanhasse as alterações materiais, a conclusão seria a favor de hipótese física para a PC. Ao contrário, se a percentagem de sucessos não variasse com a mudança das condições físicas,

verificar-se-ia ser a energia diferente de qualquer agente que conhecemos como físico.

*

A primeira das comparações físicas produziu surpresa. Em uma das primeiras experiências de PC comparou-se o efeito respectivo sobre um dado por lançamento com o efeito sobre dois. Tanto o sujeito quanto o experimentador partiram naturalmente da hipótese de bom-senso quanto à possibilidade de concentrar-se uma força sobre um objeto mais eficazmente do que sobre dois, mas aconteceu que o sujeito obtinha maior número de sucessos quando lançava dois dados ao mesmo tempo do que um só. As séries realizadas com um dado único eram relativamente curtas, porque em geral os sujeitos não se sentiam inclinados a jogar um dado de cada vez. Era maçante trabalhar dessa maneira. Realizaram-se Somente três séries moderadamente longas com um dado único por lançamento e, embora os resultados, em média, fossem superiores à "probabilidade" nenhum forneceu percentagens significativamente elevadas de sucessos. Todos ficaram abaixo dos resultados conseguidos pelos mesmos sujeitos em experiências com maior número de dados.

Fizeram-se igualmente outras experiências. Em lançamentos de 2 a 6 as experiências com 6 alcançaram contagens mais elevadas do que com 2 dados. A porcentagem com dois dados não foi muito acima da "probabilidade" mas os resultados com 6 foram altamente significativos. Este achado não é evidentemente o que seria possível esperar de um ponto de vista físico.

A preferência do sujeito por certo número por lançamento verificou-se ter importância. Em certa ocasião das investigações de PC um grupo do laboratório interessou-se por verificar até onde na escala de números-por-lançamento se manifestaria o efeito de PC. Pulando de 2 dados para 6 e depois para 12, 24, 48 e finalmente 96 por lançamento, verificamos que, quando seguíamos entusiasticamente uma campanha para números por lançamento cada vez maiores, a melhor percentagem de sucessos era fornecida pelo número maior. Durante

algum tempo, a experiência principal de PC realizou-se com 96 dados por lançamento. Era evidente que as leis do interesse motivador e não as da dinâmica determinavam o número de sucessos.

Outros experimentadores revelaram comparações semelhantes. H. L. Frick, que mencionamos anteriormente, começou lançando 6 dados de cada vez, alternando com a esposa como sujeito. Mais tarde dobraram o número de dados por lançamento, e depois dobraram ainda uma vez lançando 24 dados de cada vez. O número de sucessos melhorou quando dobraram. A contagem só foi significativamente elevada com as experiências de 24 dados por lançamento. Em série posterior, Frick aumentou ainda mais o número de dados por lançamento, jogando 60 de cada vez, atingindo igualmente percentagem significativa. Não é possível tirar convenientemente conclusões desses casos porque não eram idênticos os dados utilizados, mas pode afirmar-se que os achados não se conformam a princípios mecânicos.

Teremos de deixar o assunto neste ponto, pelo menos por enquanto. Realizaremos outros estudos comparativos para determinar se o número de dados por lançamento exerce qualquer efeito sistemático sobre a percentagem de sucessos. Todavia já se fez o bastante para proporcionar impressão decisiva. Se a força implicada fosse de natureza física, seria de esperar a mais alta percentagem de sucessos quando se lançasse o menor número de dados. Não encontramos, contudo, tal resultado.

Todavia, há outra maneira de encarar o problema. Sugeriu-se que talvez não fosse o volume real de energia que afetasse a percentagem de sucessos, mas a ineficiência ou alvo precário da energia ao fazer o contato. Argumenta-se ser mais provável que a energia deixe de alcançar um objeto do que vários e, em consequência, quando se aumenta o número de objetos o número de sucessos também sobe.

O defeito deste argumento está em que se refere a números e não a percentagens. Nas experiências de PC, a percentagem de sucessos elevou-se ou permaneceu estacionária quando se aumentou o número de objetos-alvo. Um caçador é capaz de matar maior

número de pássaros por tiro de um bando grande do que de um pequeno, mas esperará igualmente alcançar menor percentagem do total. Se fosse certa a hipótese do alvo precário veríamos elevar-se o número de sucessos com o número de alvos, mas a percentagem de sucessos caindo. Vimos que tal não se dá.

Teoria mais sutil, muitas vezes formulada para justificar os resultados da PC, sugere a possibilidade de atuação de algum efeito geral de campo (muito vago) comparável ao campo magnético ou gravitacional, sendo de esperar que o número de objetos sob influência fosse naturalmente proporcional ao número exposto. Segundo esta teoria física, o sucesso não deveria ser afetado pelo número de dados por lança. Esta teoria, contudo, não leva em conta o que acontece nas experiências de PC. Tão aproximadamente quanto seja possível representar a ocorrência de PC, cada lança de dado tem posição diferente em que e ocasião na qual deve sofrer a influência se houver sucesso. Quanto maior o número de dados lançados de cada vez, tanto maior o número de objetos distintos que devam receber impulso distinto de intensidade particular em certa ocasião e em certa direção. Cada dado é uma tarefa especial em si mesmo. E difícil de ver como o efeito não diferenciado de um campo favorecia certa face-alvo especificada, produzindo combinações de alvo como os sete ou as combinações mais elevadas. Poderia causar simplesmente o nivelamento geral que designamos como resultados prováveis, puxando um dado na direção certa e puxando outro na direção errada com igual frequência e seguranças

*

Compararam-se também tamanhos diferentes de dados em algumas experiências de PC. Uma das melhores dentre essas comparações é a primeira série de Frick a que aludimos acima, na qual se lançaram 24 dados de uma vez. 12 eram de tamanho médio e 12 pequenos, sendo o material e a forma idênticos. Os primeiros eram aproximadamente de volume duplo dos últimos, mas os

maiores produziram quase duas vezes tantos sucessos acima da média provável. Lançavam-se todos os dados de uma só vez com um copo, de sorte que a única diferença nas condições era o tamanho. Ainda uma vez os resultados alcançados foram exatamente o contrário do que seria de esperar de uma teoria física.

Em uma série realizada em Duke com máquina, utilizaram-se dados de dois tamanhos. Lançaram-se dois pares de dados de tamanhos diferentes, um par de cada vez, para a mesma face-alvo por meio da caixa de tela acionada por motor elétrico. Os dados de tamanho médio tinham quatro vezes o volume dos de menor tamanho, sendo de material idêntico e idêntica construção. Os dois pares produziram aproximadamente o mesmo número de sucessos, em média. Nesta experiência com máquina, como nas séries de Frick com copo, a maneira de manusear os dados garantia contra a introdução de qualquer diferença física no lanço dos dados de tamanhos diferentes.

Outras experiências comparativas vêm em apoio destes achados, embora nenhuma delas forneça exatamente a mesma semelhança de condições. Em todo o trabalho existente não se observa qualquer prova que venha a favor de aspecto físico para o processo de PC, tudo indicando que o tamanho não influi para a determinação do sucesso em experiências de PC mais do que o número de dados por lanço. O favorecimento dos dados maiores em uma das experiências foi provavelmente devido à preferência do sujeito pelos dados de tamanho médio.

Seja qual for a força PC, terá de entrar em concorrência com a gravidade. As duas forças atuam juntamente na queda dos dados. O empuxo devido à gravidade, representado pelo peso do dado, não parece influir sobre a percentagem de sucessos. A indiferença da PC para com a lei da gravidade é certamente algo a ponderar.

*

Realizaram-se também experiências a distancia para PC que valem contra a hipótese física. Seria de esperar, se a PC fosse reação

física do cérebro sobre o dado cadente, quanto mais longe o sujeito estivesse dos dados tanto mais baixa seria a percentagem de sucessos. Todavia, o trabalho experimental sobre o efeito da distância não indica semelhante efeito. Em uma experiência realizada em Duke, o sujeito estava separado dos dados por uma distância de 25 pés, puxando um cordão amarrado a um dispositivo de alçapão, que fazia cair os dados por gravidade. Introduziu-se também um fator de atitude. Quando se garantia ao sujeito que os resultados seriam melhores a maior distância, os resultados conseguidos a 25 pés mostravam-se muito melhores do que quando se conservava perto dos dados. Depois que se demonstrou esta circunstância, pôs-se de lado a vantagem da distância, dando-se ênfase à posição próxima aos dados. Em consequência, a relação entre as duas médias de sucessos inverteu-se, favorecendo a proximidade. Tais experiências indicam que pelo menos distâncias curtas conforme mencionamos acima não influem em experiências de PC. Haverá necessidade de mais trabalho quanto ao efeito da distância, mas estes primeiros estudos são mais do que sugestivos.

Compararam-se também dados de densidade diferentes. Conseguimos certos dados construídos especialmente, executados por uma companhia de engenharia e aperfeiçoados para a margem de erro de 3 milésimos de polegada. Empregaram-se diversos materiais - chumbo, aço, alumínio, madeira de lei e madeira branca. Quando se compararam os dados mais pesados com os de madeira de lei, verificou-se que aqueles produziam as contagens mais elevadas de sucesso. Na realidade, Somente os dados metálicos produziram sucessos em número bastante elevado para terem significação, enquanto os resultados de igual número de lanços de dados de madeira - embora ficassem acima da "probabilidade" - não eram significativos. Na maior parte, os sujeitos preferiam a impressão que lhes causavam os dados mais pesados; consideravam os dados de madeira demasiado leves. É de supor que a preferência dos sujeitos contrabalançasse as características materiais dos dados na determinação da percentagem de sucessos. Estes achados,

igualmente, deixam de oferecer qualquer apoio à hipótese de ser físico o processo de PC.

Fez outra experiência comparativa com dados de formas diferentes. Naturalmente, seria importante a forma física dos objetos sobre os quais se fizesse atuar o efeito de PC, de um ponto de vista mecânico para esse efeito, visto como certas formas do dado rolam mais facilmente do que outras. Mas se a forma afeta os resultados de PC, ainda não foi possível descobrir. Arranjaram-se quatro pares de dados de baquelita especialmente construídos, um com os cantos nítidos, outro com eles perfeitamente arredondados e os outros dois pares intermediários. Realizaram-se experiências comparativas de PC nas quais se lançaram os quatro dados mais arredondados em um grupo e os de cantos nítidos em outro. O número de sucessos foi aproximadamente idêntico, sendo significativo o resultado dos dois grupos. Desde que a PC atuava igualmente bem tanto sobre uma forma quanto sobre outra independentemente da diferença em características mecânicas, tem-se de atribuir outro ponto à opinião que a PC não atua por princípios físicos.

Além de cubos, os primeiros objetos que se utilizaram foram chatos, como as moedas, lascas de madeira, quadrados de papelão e discos. Experimentaram-se por pouco tempo durante os primeiros anos das pesquisas de PC, mas deram somente resultados ligeiramente positivos, muito pouco acima da "probabilidade" de sorte que se passou a dar maior atenção aos processos mais compensadores de lançamento de dados. Mais tarde, contudo, retomou o trabalho com objetos chatos tanto o professor R. H. Thouless na Universidade de Cambridge, como a Srta. Elizabeth McMahan do Laboratório de Duke, aqueles e esta tendo conseguido resultados significativos. Os resultados das experiências com discos parecem comparáveis com os que se conseguiram com dados, mas a comparação não pode ser bastante precisa. A percentagem de expectativa resultante da probabilidade é diferente para as duas espécies de objetos não tendo sido possível ainda completar uma comparação controlada em condições exatamente semelhantes nas

duas experiências. Os resultados que temos, porém, já mostram que o processo da PC não se limita a um tipo único de objeto.

Há dezenas de outras maneiras de experimentar a PC. Se houver tempo, equipamento e outros elementos necessários à pesquisa, sem dúvida realizaremos experiências em número suficiente para poder formular uma generalização a respeito de todas elas. A PC ainda está, por enquanto, em grande parte, no estágio pioneiro.

*

Difícilmente poder-se-á alimentar qualquer dúvida sobre a natureza não-física da PC. Não existe qualquer trabalho experimental em apoio da hipótese física para ela, e encontram-se provas satisfatórias que impugnam definitivamente semelhante hipótese. Verificam-se variedade e concordância consideráveis a favor das provas que evidenciam não seguirem os resultados da PC as leis da mecânica. Essa divergência não é meramente superficial; é radical, visto como as relações físicas examinadas nessas experiências formam a verdadeira base da mecânica. A descoberta que a massa, o número e a forma não constituem condições determinantes nas experiências de PC vem ocupar o seu lugar, nessas condições, juntamente com a descoberta de não serem espaço e tempo fatores restritivos em ESP.

A razão está também de acordo com estes fatos experimentais. Se a PC tem de influir sobre um dado, este terá presumivelmente de sofrer essa influência em certo ponto do espaço e do tempo, recebendo um impulso em certa direção particular específica para certo dado nessa ocasião particular. A quantidade e a direção, como o ajustamento do tempo e a colocação do impulso, variarão com cada queda do mesmo dado no mesmo aparelho. Variarão também, tudo mais sendo igual, conforme a face-alvo adotada para o exame. Quando se está utilizando uma combinação de alvo como sete ou mais alta, serão necessários dois dados rolando simultaneamente. A situação exige, portanto, a ação de um impulso unicamente orientado para cada dado, para cada lanço, e para cada alvo. A

atuação desse impulso causador conforme o ímpeto volitivo do sujeito exige no próprio instante, e ponto de atuação, certa espécie de inteligência motivada.

Em outras palavras, a PC é simplesmente uma operação orientada propositalmente e, portanto, não pode ser física. Qualquer físico rejeitaria imediatamente a sugestão que energias puramente físicas algum dia atuarão de tal maneira que manifestem propósito inteligente de per si. Nesta questão não há escolha a fazer. As características da ação inteligente, volitiva no comportamento humano, são tão diferentes que sob certos aspectos chegam a serem contrárias às dos princípios causais, básicos para as ciências físicas.

Assim sendo, não produzem a psicocinética forças simplesmente cegas e sem objetivo. Embora fraca e caprichosa, a PC reage com o objeto físico de acordo com desígnio e direção inteligentes. No curso de tal ação recíproca, a energia da PC, juntamente com outras existentes no dado cadente, converte-se na energia cinética resultante que realiza a colocação do dado. Até onde é possível compreender o processo neste ponto temos de inferir a existência de pronta convertibilidade recíproca dessas energias, terminada a energia psíquica como energia cinética.

Portanto, o processo da PC não é reação do cérebro sobre o objeto. Não é o cérebro como processo físico, mas o espírito como força não-física que influi sobre os dados que rolam. Não podemos ter idéia da maneira pela qual se realiza essa ação psicofísica direta, mas estamos igualmente no escuro quanto à maneira pela qual o pensamento atua reciprocamente com a matéria do cérebro. A transformação da relação entre espírito e matéria em situação mais simples, mais controlável da experiência de PC pode proporcionar melhor atitude experimental do que a situação complexa de cérebro e espírito até agora apresentou. Neste estágio é Somente uma esperança de pesquisa, que não deixa de ser razoável.

*

A psicocinética deixa-nos intrigado com muitas questões. As provas revelam tão-só os mais fracos vislumbres da aptidão. Contudo, algumas das energias conhecidas apareceram primeiramente aos descobridores em manifestações vagas - simples lampejos. A grande quantidade não é nunca indispensável para estabelecer-se um fenômeno. Também neste caso, demonstra-se a PC só indiretamente por intermédio dos seus efeitos físicos, mas grande parte dos nossos conhecimentos científicos mais recentes deriva-se por igual maneira indiretamente por dedução de provas mais visíveis. Todas as descobertas da física nuclear são desse tipo; a biologia da hereditariedade também o é; e a maior parte da química é toda ela dedutiva. Até mesmo astrônomos e geólogos não vêem realmente as suas maiores descobertas; as suas maiores realizações intelectuais são quase tão intangíveis como o princípio da PC. Derivam-se, sem dúvida, de dados objetivos, mas assim também são as conclusões a respeito da PC.

O menor vestígio de um princípio, deduzido pela maneira mais indireta, pode ser extremamente importante e concludente para o cientista. A aplicação prática e as quantidades comerciais são outra questão.

Até onde as deduções da PC nos levarão? O espírito como sistema não-físico, atuando por maneira não-física sobre objetos físicos produz efeito físico. As condições físicas comuns catalogadas até hoje não fazem diferença senão pela maneira por que afetam o estado de espírito do sujeito. Por menores que sejam os efeitos quantitativos conseguidos, o processo da PC parece atuar independentemente das leis que regem a matéria. Que é que governará a PC, então, se transcende os princípios físicos? Quais os seus limites? Se tamanho, densidade, número, distância, forma e outras condições semelhantes não importam nas experiências com PC, o que importará? Essencialmente, tais perguntas exigem maiores pesquisas.

Todavia, estamos em condições de dizer, neste ponto, que a descoberta de não ser física a PC representa sexto progresso importante na direção da compreensão da real natureza do homem

no universo. este achado ajusta-se exatamente por igual aos achados anteriores, desde que a PC serve de complemento à percepção clarividente. Na PC a reação registra-se no objeto; na clarividência produz um resultado no espírito do sujeito sob a forma de conhecimento do objeto. Quão fundamental será a relação entre essas duas manifestações parapsíquicas aparentemente muito diferentes? E em que lugares se ajustam na ordem natural? Seguiremos esta trilha de significação, eis que nos conduzirá a relações entre as novas descobertas e o antigo cenário ao qual parece que se ajustam.

CAPÍTULO VIII

ONDE APARECE A PSICOCINÉTICA (PC)

O FATO mais revelador com relação a PC é a íntima correlação com ESP. Assinalei páginas atrás que a PC se deduz logicamente do ESP. Os que acharem aceitável tal conexão não ficarão de modo algum surpreendidos com a prova de parentesco que descobrimos entre os fenômenos de ESP e PC. Teriam esperado relação muito íntima; mas talvez ainda apresente interesse verificar até que ponto é possível estabelecer a identificação das duas aptidões por meio de provas.

Revela-se a semelhança mais impressionante entre ESP e PC por meio das diversas experiências físicas a que se submeteram as duas. Os achados que passamos em revista no capítulo anterior mostram que a PC parece independe das condições físicas

conforme experimentadas; estas consistiam principalmente em dispositivos mecânicos, relações de massas e outras mais. Os resultados com PC corresponderam bem de perto ao que se descobriu a respeito de ESP e sua independência em relação às condições de espaço-tempo sob as quais se realizaram as experiências. Até onde chegaram as experiências, os dois fenômenos, ESP e PC, destacam-se claramente como inexplicáveis em termos de princípios físicos conhecidos. Desde que nunca se encontrou qualquer outro fenômeno na ciência tão completamente independente de princípios físicos conhecidos, nada mais preciso dizer quanto à significação ímpar desse aspecto comum a ESP e PC.

Mas se as condições físicas não afetam a PC, os estados mentais a afetam definidamente. Aqui, também, a situação apresenta-se semelhante à do ESP. Ainda não se descobriu aproximadamente tanto a respeito das condições psicológicas que afetam a realização de PC como até agora foi possível quanto às que afetam ESP, mas existe bom número de informações para nos dar boa idéia de como as duas aptidões se portam em comparação. Em geral, qualquer condição que se sabe afetar um processo tem efeito semelhante no outro. Ainda não se encontrou qualquer exceção; não há qualquer diferença.

A experiência realizada por Woodruff-Price sobre a distração é de interesse neste ponto. Realizou-se para verificar se a falta de atenção afetaria o desempenho em experiências de PC; há muito se sabia que certos tipos de distração afetam o sujeito em experiências de ESP. Mesmo na década de 1880 o professor Oliver Lodge observara que a presença de maior número de pessoas em experiência de ESP causava distração a menos que fosse parte da situação experimental. Nas primeiras experiências em Duke a presença de visitas fazia baixar a marcação de sucessos ao nível da probabilidade. Tal efeito parecia resultar da distração; de qualquer maneira, quando o sujeito se acostumava à visita a marcação se elevava novamente à percentagem anterior.

A princípio não sabíamos se PC era tão sensível como ESP. O Doutor J. L. Woodruff, que na ocasião completara o curso em Duke

e era sujeito com bons êxitos em experiências de PC, sentia bastante confiança na capacidade própria para marcar pontos acima da "probabilidade" mesmo sob condições de distração. A Srta. Margaret Price, que, como Woodruff, era assistente nesse Laboratório, pensava que a confiança por ele manifestada não se justificava, e desafiou-o a marcar sucessos acima da probabilidade enquanto ela procurava resolutamente distrair-lhe a atenção e diminuir-lhe a confiança em si próprio.

Montou-se a experiência sob a forma de arrastamento lhamo de vontades. Woodruff fazia sessenta exames trabalhando sozinho e outros sessenta na presença da Srta. Price, que provocaria a maior distração possível. Woodruff já tinha, em experiência um tanto parecido, demonstrado ser capaz de marcar acima da probabilidade de maneira significativa na presença de um observador neutro que tomava nota dos sucessos. Esta experiência anterior serviria como controle adicional.

O lançamento dos dados fazia-se por meio de uma caixa rotativa de arame, acionada por motor elétrico. Utilizou-se o mesmo par de dados em todas as séries experimentais e nos controles. O alvo foi sempre à face de 6.

Foi evidente o efeito da distração. Woodruff conseguiu a melhor marcação quando trabalhou sozinho. Nos 60 exames conseguiu acertar 58 vezes acima da expectativa média provável de 4 por exame. Tinha conseguido resultados quase iguais nas primeiras séries na presença do observador neutro, quando acertou 27 vezes acima da "probabilidade" em 32 exames. Mas quando a Srta. Price o distraía ficou realmente abaixo da média esperada da probabilidade, acertando 10 vezes abaixo da "probabilidade" nos 60 exames naquelas condições. Todavia, ainda não satisfeito, insistiu pela continuação da experiência em mais 20 exames; mas nestes acertou igualmente abaixo da "probabilidade".

As mesmas condições físicas existiam nas três situações das experiências. Em consequência, devem atribuir-se as diferenças nos resultados a fator psicológico, a impossibilidade de concentrar o sujeito toda a atenção no que estava fazendo.

*

Um dos efeitos mais impressionantes, conseguidos por meio de ESP, ocorreu quando demos um narcótico ao sujeito. Grandes doses de amital sódico, que provoca sonolência mas não chega a adormecer, privavam-no praticamente de acertar acima da probabilidade em experiências de ESP. Clark e Sharp confirmaram mais tarde na Universidade de Nova York essas experiências com drogas. Nas duas experiências com narcóticos, administrou-se uma droga estimulante, a cafeína, depois de algum tempo, a fim de contrabalançar o efeito do narcótico, e o efeito foi o mesmo em ambos o estudo. A cafeína, administrada em doses equivalentes a várias xícaras de café forte, restabeleceu a marcação do sujeito na média normal. O efeito dessas drogas em ESP concordava com a influência bem conhecida sobre os processos mentais mais familiares. Questão interessante seria saber se afetavam igualmente a PC por maneira idêntica.

As experiências indicam que sim. Até o ponto em que chegamos, grandes doses de amital sódico (bem como o narcótico mais comum, álcool) parece que fazem baixar em geral a percentagem de sucessos em experiências de PC, agindo a cafeína em sentido contrário. Há necessidade, contudo, de mais amital para conseguir-se este efeito, provavelmente porque a experiência com os dados proporciona mais estímulo do que as de ESP, conservando o sujeito mais atento e integrado. Por outro lado, a doses menores de amital sódico seguiu-se elevação na marcação, exatamente como, em uma experiência de Brugman com ESP, quantidade relativamente pequena de álcool foi acompanhada de melhor marcação em ESP. Todavia, embora precisemos de mais confirmação antes de formular conclusões finais, a prova que temos dos efeitos das drogas em PC concorda com a dos trabalhos com ESP.

Verificou-se igualmente que a hipnose afeta tanto a PC como o ESP. Por enquanto, pouco mais podemos dizer a esse respeito, visto

como estamos Somente começando a examinarem sujeitos hipnotizados para PC. Até agora há mais problemas do que soluções com relação ao que a hipnose pode fazer para ESP. O trabalho recente de John Grela na Universidade de São Lourenço indica fortemente que a hipnose é capaz de influir apreciavelmente sobre a percentagem de sucessos nas realizações de ESP. Grela verificou que os sujeitos acertavam melhor quando lhes davam sugestões hipnóticas positiva, estimulantes e menos quando os sugestionava negativa e desanimadoramente no estado hipnótico. As diferenças não são importantes, mas o total o é.

As primeiras experiências com ESP e hipnose nas décadas de 80 e 90, conforme realizada na maior parte por cientistas europeus, eram muito mais impressionantes, mas não tão bem controladas. Não era possível determinar até que ponto a hipnose era responsável pelos resultados.

Até hoje Somente se realizou um estudo sobre o efeito da sugestão hipnótica sobre a PC. No laboratório de Duke, hipnotizamos os sujeitos, dizendo-lhes que deviam ter grande confiança na própria aptidão. Deu-se-lhes forte sugestão no sentido de que haviam de interessar-se profundamente pelo trabalho e concentrar-se atentamente sobre a face do dado que desejavam ver aparecer quando se soltasse mecanicamente para ir cair na mesa almofadada.

Contudo, os resultados dessa sugestão foram exatamente contrários ao que antecipáramos. A percentagem de sucessos caiu abaixo da "probabilidade". Assim sendo, resolvemos tentar re-hipnotizar, empregando tipo diferente de sugestão. Dois sujeitos ainda estavam disponíveis quando se juntou a sugestão suplementar. Nessa re-hipnose, dissemos aos sujeitos que ficassem despreocupados e não tentasse especialmente concentrar-se, considerando a experiência como brincadeira ou divertimento. Quando os submetemos a outra série de experiências, depois da re-hipnose, acertaram acima do nível anterior.

Parece seguro concluir Somente que a hipnose é capaz de exercer algum efeito sobre ESP e PC: tal o ponto a que podemos

chegar. Entretanto, está bastante longe para indicar outra semelhança entre as duas aptidões. Talvez seja mais significativo que não é possível trazer qualquer uma delas sob controle tão prontamente como as funções motoras ou sensoriais. É possível tornar o hipnotizado funcionalmente cego ou provocar-lhe alucinações de imagens, ou ainda torná-lo paralítico ou fazê-lo mover-se sem autocontrole. Constitui mais um motivo de semelhança, talvez excepcional, ser possível tão-só controle limitado nos casos de ESP e PC.

*

ESP e PC também produzem efeitos semelhantes de posição. A posição da experiência no exame faz grande diferença na percentagem de sucessos nos dois tipos de experiências. É importante até mesmo a posição do exame no grupo (grupo de vários exames) ou no registro como um todo. Por exemplo, provavelmente as primeiras experiências no exame acusam as percentagens mais elevadas de sucesso, enquanto as experiências na parte média do exame aproximam-se muito mais da "probabilidade". Sob certas condições a percentagem de sucessos tem possibilidades de melhorar quando se vai chegando ao fim do exame. Desse modo, a curva que representa a percentagem de sucessos para o exame total afetaria a forma de um U, com o braço que corresponde ao início mais elevado do que o do fim. Encontrou-se pela primeira vez esta curva em forma de U para a percentagem de sucessos no trabalho de ESP, associada à técnica de DT descrita anteriormente. Diversos investigadores acharam estas curvas em forma de U para o registro de DT, quando faziam o diagrama da percentagem de sucessos para as 25 experiências em um exame. Achamos mesmo mais tarde que, decompondo o exame em 5 segmentos, se manifestava a tendência para a formação de pequenas curvas em U para cada um deles, em cada exame, enquanto ao mesmo tempo o exame em conjunto formava uma curva em U maior.

Não foi possível encontrar nos registros de PC analisados até agora resultado que se aproximasse do tipo DT de experiência, mas estamos de posse de algumas séries em que o mesmo sujeito realizou muitas centenas de exames, ficando tão familiarizado com todo o processo que se desenvolveu um tipo de hábito. Este indivíduo geralmente começava com percentagem elevada, baixava no meio do exame e terminava com ligeira elevação nas últimas experiências.

Conforme disse, nota-se uma tendência geral para a primeira parte de o exame marcar maior número de sucesso do que a parte final. Encontrou-se este declínio no número de sucessos em muitas séries de ESP, mas é especialmente característica dos registros de PC.

Somente durante os últimos anos começou-se a submeter a intenso estudo esse efeito de posição, e decorrerão muitos anos antes que seja possível analisar os dados disponíveis para descobrir até que ponto os registros de ESP e PC são suscetíveis de comparação. Todavia, já dispomos de informações suficientes para revelar que a distribuição dos acertos na folha de registro em ambas experiências obedece a padrões legítimos. Tornam-se bastante notáveis quando se verifica aparecerem em uma série de pesquisas realizadas muitas vezes por experimentadores diferentes sob condições também diferentes. A mesma tendência a padrões legítimos de sucesso conforme a posição parece prevalecer nos tipos de experiência.

Via de regra, os vários efeitos de posição - curvas U, declínios verticais no exame, bem como outros que descreveremos mais tarde - todos demonstram fortemente tratar-se de dois processos semelhantes. Essa semelhança é tanto mais notável quando se considera que as próprias experiências são distintamente diferentes em caráter, uma devendo medir efeitos de percepção e outros efeitos cinéticos.

*

Os aspectos peculiares convêm mais à identificação do que os comuns. Notam-se dois efeitos raros em relação a ESP que, visto ocorrerem de maneira comparável com PC, contribuem muito para indicar que os dois fenômenos, ESP e PC, são muito intimamente parecidos sob certo aspecto fundamental. Primeiramente, quero referir-me à tendência de alguns sujeitos para rejeitar o alvo, acertando sistematicamente abaixo da "probabilidade" sob certas condições; e, em segundo lugar, ao efeito denominado deslocamento, tendência a acertar o alvo adjacente ao que se visa.

No trabalho de ESP, os desvios negativos importantes ocorreram, em regra, sob condições que eram particularmente decepcionantes. Em um destes casos, as cartas a identificar estavam encerradas em envelopes opacos fechados, não havendo qualquer possibilidade de verificação do sucesso durante período relativamente longo à frente. No trabalho de PC os maiores desvios negativos ocorreram com sujeitos que trabalhavam sob condições desfavoráveis, seja circunstância inibidora como a escuridão, que fazia demorar a experiência, seja a existência de graves dúvidas quanto à ocorrência de PC.

O deslocamento em experiências de ESP tornou-se fenômeno bem estabelecido, muito embora não seja bastante comum. Discutimos este efeito juntamente com o trabalho de precognição de Whately Carington e o de Soul e Goldney. Não era possível ocorresse em PC pela mesma forma, devido à diferença de técnicas, mas observou-se efeito comparável. Conforme mencionei anteriormente, quando um sujeito tomou parte em uma experiência de dados com alta contagem, e mudou-se o alvo para combinação baixa dos dados, parece manifestar-se uma tendência no sentido de aparecer contagem neutra de sete em grau impressionante. Assim se deu em certo número de experiências, parecendo efeito fidedigno. Neste caso, dá-se o deslocamento do alvo em mira para combinações que são mentalmente adjacentes, mas não fisicamente. Assim também o "efeito de retardamento", há pouco introduzido por Pratt e Woodruff como explicação possível dos dados que obtiveram, constitui uma espécie de deslocamento em PC. Indicam

que, quando um sujeito esteve lançando os dados para certa face particular como alvo, passa a lançá-los para nova face pode conseguir maior número de sucessos para o antigo alvo do que para o novo; se assim acontecer, será provavelmente devido ao efeito de retardamento do alvo anterior.

Observa-se uma característica comum de mudança de alvo tanto em ESP como em PC que atrai a atenção quando se buscam aspectos para identificação. Em ESP como em PC nota-se a tendência sob certas condições, não só de evitar o alvo, mas às vezes de fixar-se no alvo mais próximo de certa maneira ao que se visava.

O caráter caprichoso, instável e imprevisível tanto de ESP como de PC apresenta semelhança que qualquer experimentador reconhece imediatamente. Tal característica aplica-se melhor a uma e outra aptidão mais do que a qualquer outro processo mental.

*

Quanto mais se examina a relação entre ESP e PC, mais íntima se nos afigura. Na realidade, a maneira mais plausível de encarar a PC seria representá-la como dependendo de ESP. Se supusermos que o espírito do sujeito influi de certo modo sobre o rolamento do dado sobre ele operando em algum ponto do espaço e do tempo, ESP fará necessariamente parte do processo de PC. Este argumento parece de tal maneira decisivo que, se houvesse descoberto PC sem se dispor de qualquer conhecimento anterior de ESP, ter-se-ia de supor imediatamente este último, para que aquele se tornasse compreensível. ESP faz necessariamente parte do processo de PC. Este argumento pareceria tão decisivo que, se houvesse descoberto PC sem qualquer conhecimento anterior de ESP, ter-se-ia imediatamente de supor por este último, a fim de que aquele se tornasse inteligível.

O raciocínio é simples: Quando o sujeito influi sobre os dados, tem de acompanhá-los de certa maneira inteligente, a fim de exercer qualquer ação causativa responsável pelos resultados. Naturalmente, terá de fazê-lo atuando no ponto certo do espaço e no momento certo

do tempo. A ação mental essencial sobre o cubo em movimento realiza-se em algum ponto no respectivo curso antes que entre em repouso, e mesmo que o sujeito tentasse concentrar-se visualmente sobre os dados, o movimento é invariavelmente por demais rápido para que se possa adquirir o conhecimento necessário por esse modo. A vista não é bastante rápida; o tempo de reação é demasiado lento e, de tal maneira, tem-se de excluir o possível papel da percepção sensorial. Em parte alguma será mais bem excluído do que nos saltos rápidos e violentos dos dados sacudidos nas longas caixas de tela de arame da máquina de lançamento nas experiências. Entretanto, tem-se de supor a existência de algum conhecimento orientador do dado ao sofrer a influência da ação mental do sujeito. Nessas condições, tem-se de obter a percepção por maneira exterior aos sentimentos. Portanto, ESP faz essencialmente parte de PC.

Todavia, essa relação também vale no sentido oposto, conforme vimos anteriormente. No raciocínio originário, que nos fez racionalmente passar da causação da clarividência para PC, a explicação do próprio ESP supõe a necessidade de certo efeito físico exercido sobre o objeto, ou sobre qualquer sistema físico intermediário, quando se percebeu o objeto. Resulta agora das experiências de PC que certa ação psicofísica delicada pode ter lugar e às vezes tem mesmo lugar em certo instante e em certo lugar no movimento dos dados. Desse modo, as experiências de PC corroboram o raciocínio que se origina no extremo da relação de ESP. Este e PC, portanto, representam ação que é, ao mesmo tempo, cognitiva e cinética.

PC implica em ESP e este naquela. O ciclo lógico em apoio, amplamente abraçado pela extensa sucessão de dados experimentais independentes, reunidos para cada um dos dois fenômenos, perfaz o quadro real da relação PC-ESP em conjunto bem unificado. Cada fenômeno resulta do outro e a ele conduz; cada um recebe apoio confirmador do trabalho que estabeleceu o outro.

A investigação de ESP a PC, e vice-versa, percorreu um círculo completo. ESP e PC formam uma espécie de unidade. Provavelmente, são manifestações diferentes da mesma reação

fundamental, um processo ESP-PC. A luz do conhecimento que temos, é mais simples considerar os dois fenômenos como os pontos terminais de uma reação psicológica única - uma de percepção e outra cinética. Cada uma das experiências que revelaram essas aptidões aparentemente diferentes sem dúvida empresta ênfase a um aspecto - aquele que a experiência devia medir. Seria de esperar obscurecer-se uma extremidade da reação enquanto se demonstrava a outra.

*

Acabamos de dar o sétimo passo importante no caminho em direção ao objetivo principal. ESP e PC são relacionados tão intimamente e tão unificados lógica e experimentalmente, que agora podemos considerar ambas as ações recíprocas espírito-matéria como um único processo fundamental de dois sentidos. Quando esta ação recíproca nos proporciona conhecimento extra-sensorial, chamamo-la ESP. Quando essa mesma ação recíproca realiza mudança extramotor no ambiente denominamo-la PC.

Reforça grandemente o conhecimento mais recente quanto ao espírito poder sintetizá-lo por essa forma. Primeiramente, verificamos que a telepatia e a clarividência se reduzem a um único processo de ESP, capaz de transcender espaço e tempo. ESP, portanto, compreende, precognição. Agora vemos relação recíproca bastante entre ESP e PC para reduzir esses fenômenos a um único processo fundamental sotoposto a essas duas manifestações. Ficamos, portanto, em muito melhores condições para investigar como o processo ESP-PC se ajusta ao esquema factual mais vasto do homem e seu mundo.

Ultimamente, dois cientistas ingleses, os Drs. Thouless e Wiesner, sugeriram que se designasse esses processos parapsicológicos fundamental, que inclui as atividades de ESP e de PC, pela letra grega "psi". Servirá perfeitamente para substituir a palavra corrente psíquica e a mais longa parapsíquico. Daqui a diante, portanto, quando nos referirmos a processos psi ou

fenômenos psi, ou simplesmente psi, estamos nos referindo ao processo inteiro ESP-PC.

A questão seguinte consiste em saber qual o lugar que ocupa psi na organização psíquica total do homem. Sabemos, agora, que constitui demonstravelmente uma parte do espírito humano. Mas que espécie de parte? Qual o lugar que ocupa no sistema da personalidade? Onde e como a psicologia colocará os fenômenos psi no esquema do conhecimento da natureza humana?

CAPÍTULO IX

ATÉ ONDE VAI A NORMALIDADE DAS FUNÇÕES PSÍQUICAS?

Até o momento concentramos o nosso interesse em ESP e PC. Entretanto, não pretendemos propriamente adquirir conhecimentos a respeito dessas aptidões, como tais, mas sim quanto ao homem. Precisamos saber com que parte normal, representativa do espírito humano, está tratando quando estudamos essas estranhas aptidões. Temos de descobrir se nada mais são do que manifestações singulares, isoladas, atípicas que se encontrem tão-só em raros indivíduos. Naturalmente, se tivermos de nos haver Somente com aspectos fragmentários e esquisitos da personalidade, não podemos

generalizar as nossas descobertas para incluir a totalidade dos homens.

O problema gira em torno da questão da normalidade das aptidões da psi. Serão fenômenos normais o ESP e a PC? Esta pergunta não importa em indagar se são naturais. Outrora, consideravam-se ocorrências dessa natureza como sobrenaturais, supondo-se implicar na participação de agentes sobrenaturais em lugar de naturais. Não teremos de nos ocupar aqui dessa distinção. Mas, com o emprego dos termos normal e norma em condições de expressões científicas, caracterizaram-se manifestações semelhantes a ESP e PC como anormais, sobrenaturais, extranormais, metanormais, paranormais e outras. Destinavam-se especialmente tais termos a significar não serem tais aptidões características da personalidade humana sob condições comuns, mas sim propriamente excepcionais. A maior parte dos prefixos relativos à normalidade dos fenômenos frisava também a idéia de parecerem às ocorrências em causas inexplicáveis por princípios ortodoxos.

Aliás, é possível definir a parapsicologia bastante exatamente lançando mão das duas últimas sentenças; é o ramo da psicologia que trata dos fenômenos mentais e de comportamento que atualmente parece exigirem princípios ainda não aceitos. Tal definição torna evidente que a parapsicologia constitui uma linha de frente pioneira da própria psicologia, setor que se volta para pretensões mais hereges e problemas mais exóticos resultantes da natureza e das faculdades da personalidade. Tão logo qualquer problema estudado por parapsicólogos se torna convenientemente compreendido e aceito, suprime-se o prefixo para quando dele se trata. O mesmerismo proporciona excelente exemplo em confirmação. Era um dos principais problemas para a Sociedade de Pesquisa Psíquica em 1882, quando a psicologia o deixava de lado. Já em 1930, contudo, quando o Laboratório de Parapsicologia começou a funcionar em Duke, o hipnotismo - termo que veio substituir mesmerismo - tinha-se separado da parapsicologia, sendo, portanto, considerado como projeto de pesquisa nos planos para as atividades do Laboratório.

O ponto a que chegaram PC e ESP no caminho para compreensão geral reveste-se de importância com relação às discussões que virão em seguida. Não nos será possível aplicar as nossas descobertas à natureza total do homem se não houver certeza de ser a psi aptidão aceitável de entes humanos normais, harmonizando-se com o que conhecemos a respeito da personalidade.

*

E possível esclarecer definitivamente uma questão como passo preliminar. Não estamos cogitando de anormalidades. Conforme dissemos em capítulos anteriores, verificou-se, nos primeiros anos de estudo, não serem a telepatia e a clarividência aptidões anormais no sentido geral da palavra; isto é, nada tinham a ver com moléstias mentais. Não se descobrira qualquer associação geral entre elas e os estados psicopáticos dos indivíduos examinados. Nos últimos anos procedeu-se a uma série de estudos experimentais a esse respeito em hospícios da América do Norte. Tais investigações confirmaram inteiramente a impressão anterior. Nada há que indique sejam anormais a telepatia e a clarividência.

Há o que se poderia denominar de "síndrome de pseudotelepatia". Encontra-se às vezes entre indivíduos que experimentam a ilusão de perseguição por parte de alguém. Alguns pensam que os inimigos estão fazendo uso da telepatia para forçar sobre eles algum mal ou pensamentos destruidores. Estes infelizes supõem que os inimigos possuem tal capacidade telepática que não lhes será possível evitar a perseguição. Entretanto, a investigação não revelou nunca em qualquer caso que qualquer desses pacientes tenha aptidão telepática excepcional. Pelo menos se procedeu a duas investigações e a inúmeras experiências não formais com pessoas que sofriam dessa ilusão pseudotelepática, e em caso algum se mostraram capazes de alta contagem de sucessos. Infelizmente, os resultados dessas experiências raramente exercem qualquer influência no sentido de abalar aquela idéia do paciente.

Seria errado deduzir daí que não se encontre ESP em hospícios. Tem-se citado provas de capacidade de ESP nas investigações prolongadas realizadas nessas instituições, embora em nenhum caso a pseudotelepatia figure em primeiro lugar nas listas. Ao contrário, pacientes acusando desordens de comportamento deram melhores resultados. Em grande parte, a descoberta mais reveladora que se realizou nessas investigações dos doentes mentais foi acusarem contagens mais elevadas acima da média os quais se mostravam mais cooperadores no comportamento geral dentro do hospital.

Uma paciente muito capaz, contudo sofria das faculdades mentais. A paciente do Doutor Riess, famosa embora anônima, sofria de crises nervosas. O que isto significa precisamente neste caso é difícil de dizer. Sabemos Somente que essa moça estava em tratamento de hipertiroidismo. Antes da crise, acertara 18 vezes em 25 em 74 exames. Depois do tratamento que durou vários meses, realizou-se segunda série de experiências, mas a média conseguida manteve-se muito perto da "probabilidade". Não é possível tirar qualquer conclusão de um caso único desse tipo quanto a possível ligação causal entre a crise nervosa e o número elevado de sucessos ou o declínio subsequente. Ainda não há qualquer prova quanto à ligação entre a sanidade mental e a capacidade que se está investigando.

Neste ponto pode inserir-se, de passagem, uma palavra quanto a ESP e subnormalidade. Pelas informações que possuímos atualmente, parece que quanto menos inteligente o sujeito, quanto menos provavelmente as experiências de ESP acusarão resultados positivos. Duas investigações realizadas em instituições de débeis mentais deram Somente resultados equivalentes à probabilidade. Lançando mão de indivíduos de nível intelectual inteiramente diferente, o Doutor Humphrey encontrou, em um estudo a que procedeu de alunos de colégio em Earlham, Indiana, correlação significativa entre o grau de inteligência e o sucesso em ESP. A relação era positiva, os indivíduos que melhor se saíam em uma experiência eram também os que mais sobressaíam na outra.

Devemos, entretanto, mencionar uma exceção interessante. É o caso de um rapaz sofrendo de hipotiroidismo, examinado por um psicólogo, Doutor Raleigh M. Drake, que então fazia parte do Wesleyan College, Geórgia. Concluiu ter o rapaz capacidade excepcional de ESP, embora se mostrasse bastante abaixo da inteligência normal. As condições experimentais de Drake não eram tão bem controladas como as de Riess, cujo paciente se encontrava a mais de um quarto de milha das cartas durante a experiência. O Doutor Drake teve de empregar a mãe do menino como emissor, conservando-a no cômodo em que ele próprio estava para fins de controle. Tinham trazido o menino ao Doutor Drake pela dificuldade que sentia em aprender as primeiras letras, descobrindo-se por acaso que lia muito melhor quando a genitora estava presente. De tal modo, veio a sugerir-se a experiência de telepatia. Contudo, quando o submeteram ao tratamento do hipotiroidismo, perdeu a capacidade de acertar repetidamente. Mas ainda aqui, seria imprudente generalizar de um só exemplo dessa natureza. Tanto o rapaz hipotiróidico como a menina hipertiróidica perdeu a capacidade de marcar muitos pontos depois de se submeterem a tratamento médico, indicando desse modo, superficialmente, certa conexão. Trataram-nos, porém, de moléstias de caráter oposto. Provavelmente teriam perdido aquela faculdade de qualquer maneira. Inúmeros indivíduos têm declinado por maneira semelhante, depois de algum tempo, sem que tenham recebido cuidados médicos. E, sem dúvida, a maioria dos que foram mais bem sucedidos nas experiências não sofreu de doenças da tiróide a ponto de chamar a atenção.

Até este ponto, portanto, parece, impõem-se duas conclusões: Primeira, não há motivo algum para nos voltarmos para indivíduos anormais a fim de descobrir capacidade notável de ESP; e, segunda, há todo motivo no sentido de não nos voltarmos para o subnormal.

*

São de notar ainda mais dois outros aspectos nesta questão de normalidade. O primeiro implica em saber se a capacidade para ESP

ou PC se distribui em geral entre as pessoas ou se Somente indivíduos excepcionais a possuem. Este segundo aspecto entende com a maneira pela qual essa capacidade se ajusta à vida mental do indivíduo. Liga-se bastante bem ao resto da personalidade para que se possa considerá-la normal?

Ainda não sabemos bem qual o grau de generalidade das aptidões para psi, mas é possível indicar a tendência conforme a revelam os estudos feitos. Já mencionei que mesmo antes de 1930 os experimentadores começaram a utilizar indivíduos não escolhidos como sujeitos. Esta maneira de proceder se generalizou até que atualmente o experimentador médio, embora sempre atento ao talento especial, está disposto a receber de braços abertos quem quer que deseje tomar parte nas experiências.

Não que todos os pacientes tenham potencialmente a mesma aptidão. Sem dúvida algumas não a revelam por igual. Defrontamos com a extraordinária dificuldade de conseguir verdadeira medida da aptidão individual. Não é possível dizer que qualquer indivíduo possua aptidão para ESP ou PC até o ponto em que seja capaz de demonstrá-la seguramente a pedido. O melhor paciente pode ser bem sucedido em uma experiência e fracassar na seguinte, com o mesmo experimentador e nas mesmas condições. É tão-só provavelmente favorável continue a sair-se bem quem bem se saiu no passado.

Nem tampouco é possível dizer quem possui capacidade para ESP ou PC. Uma demonstração bem sucedida pode depender das condições experimentais e até mesmo do próprio experimentador. Nem sempre um experimentador encontra bons pacientes de ESP. Na extremidade oposta, Price e Pegram encontraram em um asilo de cegos cerca de um terço dos indivíduos experimentados capazes de marcar significativamente acima da "probabilidade". Mais tarde, trabalhando com rapazes e moças em um orfanato, a Srta. Price encontrou aproximadamente a mesma percentagem. Esta é, naturalmente, relativa ao número de exames a certa percentagem de sucessos. A Senhora Price pensa que a percentagem aumentaria se fosse possível realizar série mais longa de experiências; tal teria

naturalmente acontecido se conservasse a mesma percentagem. Mas se algum outro experimentador trabalhasse com os mesmos pacientes, poderia obter tão-só resultados iguais à probabilidade.

Na realidade, algo de parecido aconteceu. A Srta. Price e um co-experimentador começaram a trabalhar lado a lado em séries paralelas de experiências que realizaram no orfanato. Embora fizesse uso dos mesmos processos, o experimentador não conseguiu encontrar um único indivíduo capaz de alcançar percentagem significativa. Mas quando os dois combinaram os esforços, Miss Price proporcionando as relações com os sujeitos e o experimentador ocupando-se das precauções e do registro, a percentagem elevou-se aproximadamente à que ela obtivera trabalhando sozinha. A vista destes achados, não ousamos simplesmente concluir venha a provar algo se deixar de obter mais do que resultados iguais à probabilidade, sejam em ESP, seja em PC, ou com relação a um indivíduo ou grupo. É mais do que provável seja devida à deficiência quanto à boa marcação a falta de certa condição essencial no indivíduo ou no ambiente da experiência na ocasião.

Desde que as influências mais sutis parecem perturbar o funcionamento dessas aptidões, seria perigoso generalizar quanto à extensão da distribuição de ESP e PC em estado potencial. Mas acredito que muitos investigadores experimentados cada vez mais aceitem que, embora os indivíduos difiram grandemente nas respectivas potencialidades, a maioria - ou provavelmente todos possuíam em certo grau algumas dessas aptidões parapsíquicas. Mais do que tudo, o sucesso em conseguir-se demonstração mensurável das aptidões depende da presença de atitudes favoráveis nos pacientes, bem como da disposição de condições favoráveis à experiência.

*

Finalmente, serão ESP e PC para, extra, super ou metanormal? Ou fazem parte de equipamento padrão da personalidade individual?

Tal pergunta equivale a indagar se psi está pronta para naturalizar-se. As leis que dão admissão à psicologia ortodoxa são bastante simples: a nova alegação tem Somente de mostrar que obedece a certas leis já correntemente familiares. Por exemplo, o hipnotismo, enquanto era o grande Mistério Mesmérico, não poderia ter sido admitido. Mas o hipnotismo como caso particular dos princípios já familiares de sugestão poderia ser geralmente aceito e agora o foi. A questão é que a sugestão já era o fenômeno conhecido em certo número de ramos da psicologia. Não quer dizer precisassem os psicólogos saber o que vem a ser a sugestão; até hoje ainda não o sabemos. Basta que um novo efeito revele alguns aspectos familiares para ser aceito.

Vejamos, então, o que tem aspecto familiar em ESP e PC. Precisamos encontrar aspectos que lembrem certo sentimento de aceitação, levando-nos a dizer: "Ah! sim, é semelhante à memória!" Ou então: "Ah! um rato em labirinto produz exatamente uma curva destas!" Ou ainda: "Há alguns anos, Freud indicou um tipo semelhante de pensamento!"

Somos capazes de especificar perfeitamente bem onde ESP e PC não se ajustam e onde se ajustam. As nossas observações resultam de experiências reais destinadas a ajustar essas aptidões a situações normais. Quando em certas pesquisas as comparamos com os princípios da percepção sensorial (SP) e comportamento motor, verificamos serem radicalmente diferentes. Estão em inteira discordância com estas funções psicofisiológicas; obedecem a leis distintamente diferentes. Por outro lado, quando comparamos ESP e PC com o menos psicológico dos processos mentais, as atividades mais puramente psíquicas, começamos a notar relação positiva íntima verdadeiramente notável.

Conforme disse, o contraste mais nítido é entre SP e ESP! A maior parte do mistério quanto a ESP está nas diferenças que apresenta em relação a SP e em nossa incapacidade de conceber a percepção como sendo nada mais que sensorial. O ESP não é limitado no espaço e no tempo, não é determinado por certas

características físicas nem afetado por ângulos, barreiras e outras relações físicas. Em todos esses pontos é o oposto de SP.

No caso de PC nota-se contraste semelhante. O conflito que confronta a PC é com a física que governa a reação neuromuscular conhecida. A própria PC, por igual a ESP harmoniza-se bem com as camadas superiores do espírito.

Existem leis mentais familiares que se aplicam a ESP e a PC. Situam-se todas, porém, nas funções de níveis mais elevados - raciocínio, valores, imaginação e outras mais. As funções da psi assemelham-se mais aos processos mais remotos da operação das antenas físicas do indivíduo, órgãos receptores e executores, utilizados pelos processos sensoriais e motor. Revisão resumida de algumas das descobertas mais importantes mostrará a maneira pela qual ESP e PC se ajustam ao andar superior da vida mental, e por esse modo indicarão quão normais são.

O efeito das drogas nas experiências de ESP e PC constituem bom exemplo. Os efeitos do narcótico e das drogas estimulantes a que nos referimos no último capítulo são comparáveis aos que se produzem em atividades mentais mais elevadas. Grandes doses de narcótico forçam a queda nas experiências de ESP praticamente ao nível da probabilidade. As drogas estimulantes opõem-se aos narcóticos, bem como à fadiga, fazendo subir por esse modo a percentagem de acertos. Tais são precisamente os efeitos que essas drogas exercem sobre os valores, juramentos e autocontrole do indivíduo.

Por outro lado, as drogas não afetam quase tão rapidamente ou tão seriamente a eficiência das funções sensorimotoras. Na realidade, estes processos de nível mais baixo terão de ser operadores para que o indivíduo seja capaz de tomar parte nas experiências.

Estamos, sem dúvida, lidando com operações delicadas. Teremos de levá-lo sempre em conta se quisermos que a comparação seja bastante rigorosa. Teremos de procurar semelhanças a ESP e PC entre os processos igualmente difíceis de controlar, dependendo de espontaneidade e, em geral, de caráter

incerto. As funções do espírito mais originais e criativas, como o humor, planejamento, invenções, solução de problemas e as diversas belas-artes, são as que mais se prestam as comparações com ESP e PC. Todos os caprichos de ESP e PC encontram contrapartida nas belas-artes, no reino das Musas. Depois de ter comparado apontamentos durante muito anos com artistas de campos diversos, inclinar-me-ia a dizer que as condições mais favoráveis para ESP e PC são idênticas às que exigem os trabalhos mais delicadamente originais e criativos das artes.

*

Existem inúmeras outras experiências que dizem respeito especificamente à questão da normalidade das capacidades de psi.

Há alguns anos o Doutor Stuart pediu aos pacientes que tomavam parte em experiências de ESP que acompanhassem as pancadas de um metrônomo quando dessem as respostas. Variou-se o compasso do metrônomo para diferentes exames. Em alguns, fazia-se o metrônomo marcar o tempo conforme mais agradava ao paciente; noutros fazia-se o aparelho bater maior ou menor número de pancadas do que da primeira vez. Uma vez completa a série de experiências, verificou-se que o único compasso em que se obteve prova de ESP foi o preferido pelo paciente. Quando a marcação o impelia demasiado depressa ou o retardava, algo lhe inibia a capacidade de ESP. Provavelmente adquiria maior consciência do compasso ou de certo modo ficava irritado consciente ou subconscientemente. O ESP sofria, como poderia ter sofrido atividade artística sutil quando acelerada ou retardada.

Todos sabem como é importante a atitude em qualquer realização delicada. Um exame dos escritos de parapsicologia revelaria muitos comentários, salientando o papel da atitude quando se examinam pacientes para aptidões de psi. A Senhora Rhine observou, ao relatar experiências de ESP com crianças que parecia saírem-se melhor quando se encontravam em meio de brincadeiras livres, barulhentas, em alegria generalizada. Mais tarde, a Srta. Price

realizou uma experiência que proporcionava três condições experimentais, invocando atitudes diversas: em uma, a criança trabalha sozinha com a experimentadora; na segunda, duas crianças trabalhavam juntas mas não sabiam as marcações respectivas; e na terceira as duas crianças competiam entre si de maneira inteiramente amistosa. Conseguiram-se as marcações mais elevadas na terceira modalidade. Foram realmente significativas. A melhor marcação seguinte foi quando as crianças trabalharam separadamente e a menor percentagem ocorreu quando trabalharam sem saber as respectivas marcações. Conforme seria de esperar, esta última situação seria a que menos interessava às crianças. Não ficava satisfeita a curiosidade natural de saber quantas vezes acertavam; era provavelmente decepcionante a falta de liberdade para falar dos respectivos sucessos.

Já me referi às experiências da Srta. Price com pacientes mentais. Introduziram também o efeito de atitudes diferentes. Foi notável ter verificado que os sujeitos mais cooperadores forneciam os resultados mais elevados. A cooperação a que nos referimos aqui é a classificação fornecida pelo guarda, a qual não se baseava na participação nas experiências. Os pacientes cooperadores marcaram mais de duas vezes mais acertos acima da probabilidade do que os classificados como "irritáveis", enquanto os "apáticos" ocupavam posição média em relação aos outros dois grupos.

Descreveu-se igualmente terceira experiência da Srta. Price quanto à atitude. Trata-se da pesquisa em que conseguiu elevada marcação em experiências de ESP sob condições que somente proporcionaram ao outro experimentador marcação igual à probabilidade. É também interessante notar que a experiência deu ocasião para comparar as relações afetuosas, sem pretensão, mais pessoais com os pacientes por parte da Srta. Price com o tratamento mais formal, mais real, à maneira de negócio, do outro experimentador. Uma das regras da Srta. Price era não começar a experiência antes que sentisse ter afastado qualquer acanhamento inicial, estabelecendo no paciente um sentimento de bem-estar e interesse normal para ver o que ele próprio seria capaz de realizar na

experiência. Poder-se-ia perfeitamente recomendar essa introdução para qualquer tipo de experiência ou exame mental, sendo de especial importância no trato com crianças conforme acontecia com a Srta. Price.

A Srta. Price realizou ainda mais uma experiência com atitudes para verificação de PC. Já me referi também a este trabalho, dizendo como a Srta. Price tentou distrair Woodruff e abalar-lhe a confiança, enquanto ele tentava influir sobre a queda de dados na caixa rotativa de arame. Foi importante verificar que, embora Woodruff tivesse número significativo de acertos quando sua atitude não sofria qualquer perturbação, a influência distraidora dos gracejos da Srta. Price fez declinar a marcação a um ponto abaixo da "probabilidade".

Não são absolutamente de surpreender estes efeitos de atitude sobre ESP e PC. Em cada caso o que aconteceu à marcação nas experiências de ESP e PC estava perfeitamente de acordo com o que seria de esperar se estivessem em jogo as aptidões mentais mais elevadas. As quatro experiências revelam o íntimo parentesco de ESP e PC com os processos familiares do nível mais elevado da vida mental. Logo que ultrapassamos as funções sensorimotoras, desaparece a estranheza das capacidades de psi.

"Pode quem pensa que pode" é outra regra comum de comportamento que se reflete no trabalho de ESP. Provavelmente, nenhum outro trabalho em parapsicologia demonstrou mais concludentemente a importância da atitude do que o realizado pela Doutora Gertrude Schmeidler, psicóloga do Colégio da cidade de Nova York, com os estudos de "carneiro e cabrito". O carneiro é o paciente que antes de começar a experiência, revela, mediante um questionário, atitude mais ou menos favorável em relação a ESP. Aceitam pelo menos a possibilidade da ocorrência de ESP. O cabrito é o que a considera inteiramente impossível. Em oito experiências, o carneiro marcou contagem expressivamente mais

As mais das vezes os últimos caíram abaixo da "probabilidade" nas respectivas médias. A Fig. 2 representa o desvio da "probabilidade" para o número médio de pontos alcançados pelos

carneiros (os que acreditavam) e os cabritos (os que não acreditavam).

Já descrevemos o emprego da hipnose em experiências de ESP e PC. Embora muito se tenha ainda de aprender quanto à melhor maneira de combinar a hipnose com o exercício dessas aptidões, não pode haver dúvida alguma que a sugestão hipnótica afeta o resultado das experiências. E desde que a hipnose pode, conforme é bem conhecido, influir sobre a maior parte de outras aptidões normais, as experiências com sugestão contribuem ainda mais para pôr de acordo ESP e PC com relações familiares.

Esperamos que o aborrecimento e a frustração nos afetem prejudicialmente as faculdades mentais mais elevadas. Tais estados mentais evidentemente não auxiliam as aptidões psi. Quando Woodruff, trabalhando sob o Doutor Murphy no Colégio da Cidade de Nova York, experimentou pacientes encerrados em uma pequena câmara de pressão utilizada em pesquisas de aviação, verificou que ficavam aborrecidos com as longas horas de prisão e monotonia, mas que acertavam realmente abaixo da média provável esperada; de fato, declinaram tão sistematicamente que o desvio negativo se tornou significativo. Já me referi às experiências em Duke, nas quais fizemos uso de cartas ESP fechadas em envelopes opacos. Se o sujeito sabia que decorreria longo prazo para que conhecesse o número de acertos, passava a acertar significativamente abaixo da "probabilidade". Esta experiência pode conduzir a resultado contraproducente se o paciente estiver ansioso para saber como se está saindo. Os que tomavam conhecimento dos acertos dentro de alguns minutos acertavam seguramente acima da "probabilidade". Desse modo, o aborrecimento e a frustração parece levarem a ESP a funcionar às avessas. Tal reação é comum tanto ao psicólogo como ao leigo. É de esperar seja comum à reação negativa sob frustração.

Seria então de esperar que novidades e compensações elevassem a percentagem de acertos em ESP e PC. Foi exatamente o que aconteceu. Pratt e Woodruff compararam certo número de tamanhos diferentes de símbolos de cartas em algumas experiências de ESP. Quando analisaram os dados verificaram que o tamanho real não

tinha importância, mas cada vez que se introduzia outro tamanho a marcação se elevava durante algum tempo vindo depois a declinar novamente. A simples novidade, só por si, revelava-se fator importante em repetição monótona, continuada por muito tempo do processo essencialmente o mesmo. Qualquer mudança, por menor que fosse, era bem-vinda, exercendo efeito animador por igual sobre o interesse do paciente e do experimentador. Têm exatamente a mesma importância as recompensas. Quando Woodruff e George introduziram no Colégio Tarkio até mesmo pequenos prêmios, intrinsecamente sem importância - o prêmio era uma entrada de cinema - observaram que a marcação logo se elevava. A oferta de prêmios parecia por si mesma cercar a experiência de atmosfera de interesse intensificado, possivelmente competição intensificada, visto como a omissão do prêmio em semanas alternadas não causava qualquer diferença.

No Laboratório de Duke verificamos o mesmo efeito motivado pela recompensa. Quando introduzimos prêmios, todo o trabalho realizado na sessão respectiva exibia melhor nível médio de acertos, mesmo quando Somente metade dos exames devia ser recompensada. Os exames sem qualquer compensação eram muito mais elevados na contagem de acertos em tais ocasiões do que nas sessões em que não se dava qualquer compensação. Parece que o efeito divertido de ter a possibilidade de ganhar um objeto qualquer conduz só por si ao sucesso.

*

Há pessoas que reagem mui favoravelmente a desafio folgazão. Esta observação é tão conspicuamente verdadeira em experiências de parapsicologia como em outras situações muito mais comuns. Em certa ocasião, um dos meus colegas estava tomando parte em experiências de PC sendo Woodruff o experimentador, fazendo uso de dois dados lançados pela caixa de arame acionada a motor. O alvo era sete e 12 0 número máximo de acertos que se podiam conseguir em cada exame. O sujeito estava-se saindo só

moderadamente bem, com a média abaixo de 3 acertos, sendo a "probabilidade" de 2. Pouco antes de um exame, contudo, Woodruff ofereceu-lhe de brincadeira uma garrafa de cerveja se ele marcasse 10. (Esse tipo de compensação não era comum na prática do Laboratório!). O paciente aceitou o desafio com o mesmo espírito, e o exame produziu a contagem de 9, única marcação tão elevada até então conseguida com o alvo de sete. Um 9 ou melhor só se poderia esperar por acaso uma vez em um milhão.

No volume "Novas Fronteiras do Espírito" relatei a perfeita marcação de Pierce de 25 em um baralho de cartas ESP. Desafiavam-no zombeteiramente antes de cada experiência com uma aposta sobre a impossibilidade de acertar na próxima carta. Era evidente, enquanto o exame estava prosseguindo, que Pierce estava sendo instigado a alto nível de intensidade. A aposta era simplesmente meio conveniente de obrigá-lo a lançar-se à experiência sob a própria motivação espontânea. Vez por outra atua como magia em experiências de ESP e PC, mas naturalmente exige grau considerável de espontaneidade. Não dá resultado se tornar habitual.

O caso de Lillian é outro exemplo semelhante. Tinha Somente nove anos, fazendo parte de um grupo de crianças do Wright Refuge em Durham, examinadas pela Srta. Pegram com relação à aptidão de ESP. A experimentadora prometeu recompensá-la com 50 centavos se o número de acertos fosse 25, não supondo seriamente que tivesse de dá-los. Doces como prêmio corresponderiam a contagens mais baixas. Lillian, menina séria, estava resolvida a alcançar contagem perfeita para ganhar o meio dólar. Pensou bastante no assunto para declarar qual a sua intenção a Srta. Pegram em uma carta que escreveu depois de uma das seções. Alguns dias depois, quando chegou à ocasião da sessão em que ia tomar parte, disse: "Não fale nada - vou fazer uma tentativa!" Voltou às costas para a experimentadora e ficou por um momento com os olhos fechados. Quando se voltou para submeter-se à experiência, movia os lábios como se estivesse falando para si mesmo. Ao lhe perguntarem o que estava dizendo, respondeu: "Durante todo o tempo estava fazendo

votos para ganhar os 25." E ganhou mesmo! É evidente que no caso de Lillian temos o exemplo de uma atitude elevada a alto nível, concentrando-se na conquista da recompensa. Na contagem seguinte, Lillian conseguiu média pouco acima da "probabilidade", embora sob as mesmas condições de experiência.

Contam-se outros exemplos semelhantes. Um estudante da Universidade de Geórgia, que mais tarde se tornou assistente no Laboratório de Duke, William Russel, referiu contagem perfeita que um rapaz de 16 anos conseguiu mediante desafio de caçada. Tais resultados, repito, estão de acordo com o que chamamos normal. Todos têm certo aspecto comum; acham-se na direção que seria de esperar. Não queremos dizer com isso que os entendemos. Os próprios processos a que estamos comparando essas aptidões especiais estão, em si mesmas, cheios de mistérios. O critério da ortodoxia não é a compreensão, mas a semelhança ao que está aceito.

*

Revelam-se cada vez mais os sinais da normalidade nos fenômenos psi, sendo que um dos mais normais dentre eles é a saliência. A palavra significa a tendência das extremidades de uma coluna ou seqüência de experiências a salientar-se na percentagem de acertos. Conseguiu-se maior número de sucessos no começo e no fim do exame de "Down Through" ou DT do que no meio. Ao desenharmos o diagrama de distribuição dos acertos, encontramos uma curva em forma de U - elevada nos dois extremos do exame.

A mesma curva aparece em tipos mais comuns de realização cognitiva. Tome-se, por exemplo, a função comparável de aprender a repetir sílabas sem sentido. Mandam-se os pacientes decorar 25 sílabas exibidas em seqüência regular, aí também o maior sucesso se manifesta no começo e no fim, tendo a curva à forma de U. Mesmo quando se põe um ratinho branco a aprender longa série de voltas em um labirinto, é provável que aprenda as dos extremos melhor do que as do meio. Há muito mais a dizer quanto à saliência. As

extremidades de fileiras ou seqüências têm a tendência de salientar-se como circunstância comum na vida cotidiana. A criança que decora uma poesia aprende mais facilmente as primeira e últimas estrofes, ou o indivíduo que soma uma coluna ou executa qualquer trabalho em longa seqüência de operações, provavelmente faz o melhor trabalho nas primeiras e, em seguida, nas últimas. E assim por diante. Os fenômenos de saliência são comuns na vida mental. Na psicologia ortodoxa são tão comuns que têm nomes próprios: "efeitos primários e finais" e "gradiente" contam-se entre os termos usados.

Mas ainda há as pesquisas que mais contribuem para mostrar que psi é normal. estes estudos são ainda muito recentes e pouco conhecidos ferra dos laboratórios. Certo número de pesquisadores estão atacando ativamente nos dias de hoje, contando-se entre eles os Drs. Schmeidler, Stuart e Humphrey. Essas pesquisas têm por objetivo geral descobrir os estados e as características que afetam as realizações da psi. A maneira de atacar consiste em lançar mão das técnicas da psicologia clínica a fim de descobrir características mentais, tanto passageiras como permanentes, associadas a ESP em ação. Evidentemente, quanto maior o número de ligações que se encontra, tanto mais se poderá ver o processo psi integrado com a vida mental mais comum do indivíduo.

Coube à Doutora Humphrey dar o primeiro grande passo nesse novo desenvolvimento, quando descobriu ser possível separar os pacientes de ESP de alta e baixa contagem examinando desenhos de experiências por eles realizados. Classificou os desenhos por um sistema imaginado pela Doutora Paula Elkisch destinado a verificar o grau de ajustamento individual. A Doutora Humphrey utilizava desenhos que o Doutor Stuart conseguira em resposta nas experiências de ESP. Classificou-os pelas características de expansão e compressão. Os sujeitos que fizeram os desenhos mais expansivos conseguiram média mais elevada em experiências de clarividência do que os compressivos. Era significativa a diferença entre os dois grupos. Mas observava-se inversão sistemática no trabalho de GESP; isto é, nas experiências que admitiam tanto a

telepatia quanto a clarividência, apesar de as considerarem os sujeitos como experiências de telepatia. Em todas estas experiências, o grupo de sujeitos compressivos conseguiu maior número de acertos do que o expansivo. Classificaram-se os desenhos para o sucesso de ESP por um processo imaginado pelo Doutor Stuart, denominado combinação preferencial, que é tão seguro como a verificação das experiências com cartas, mas por demais complexo para que se possa descrever aqui.

As inúmeras descobertas que resultaram desse novo projeto são por demais abundantes para se mencionarem aqui. Contudo, o ponto mais importante é a correlação significativa do sucesso de ESP com a maneira de desenhar empregada pelo sujeito na ocasião; e o caráter do desenho, conforme diz o psicólogo clínico, pode servir também para identificar um aspecto específico da personalidade. É quase certo que esta maneira de encarar a questão amplie o conhecimento da função de psi na composição humana.

Há vários anos, quando o Doutor Stuart estava na Universidade de Stanford, realizou uma experiência de clarividência com desenhos fechados em envelopes opacos. Mas Stuart submeteu também um grupo de pacientes a uma Experiência de Interesse pedindo verificassem o que lhes agradava ou não em uma relação de 60 tópicos interessantes. Verificou serem inteiramente diferentes os interesses para os que acertavam muito ou pouco em experiência de ESP com desenhos. Imaginou um processo para utilizar esta Experiência de Interesse a fim de predizer quais os que acertavam muito ou pouco em novas experiências de ESP realizadas em Duke. Até hoje se experimentou este processo em doze séries e os resultados são significativos e igualmente uniformes. Os grupos por ele preditos como acertando muito ou pouco diferem até certo ponto de maneira que não se pode atribuir ao acaso.

A técnica clínica mais amplamente empregada atualmente é o método do Rorschach. Faz uso de respostas verbais do sujeito ao que vê em uma série de manchas de tintas, a eles mostradas uma de cada vez em uma série de cartas padronizadas. Permite-lhe formular uma série de respostas a um grupo de estímulos padronizados. Utilizando

este método de avaliação de características da personalidade, a Doutora Schmeidler agrupou os sujeitos ESP, examinados pelo processo DT (clarividência) em quatro combinações de duas características. As duas combinações de características extraídas do método de Roeschach eram "constritos contra não-constritos" e "bem ajustados contra mal-ajustados". Descobriu que os sujeitos que eram ao mesmo tempo bem ajustados e não-constritos se revelavam predominantemente na contagem de acertos de ESP.

Neste grupo, os carneiros se inclinavam por ESP, acertavam muito mais e os cabritos, que lhe punham em dúvida a ocorrência, acertavam muito menos do que os restantes três grupos de pacientes. A diferença apresenta-se relevante. Notam-se outros aspectos importantes desta pesquisa que se podem examinar com proveito no relatório original publicado no Journal of the American Society for Psychical Research.

Mas quanto a estas outras realizações e inúmeros progressos realizados nesta ativa frente de Stuart-Schmeidler-Humphrey terei de reportar o leitor às pesquisas originais e ao futuro, que encerra perspectivas brilhantes para este setor da pesquisa. (*)

* Depois de ter escrito estas linhas, esse pequeno grupo de pesquisadores sofreu a perda irreparável do Doutor Stuart a 23 de março de 1947, aos 39 anos de idade. O Doutor Stuart tinha sido membro do Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke desde o início e foi um dos fundadores da "Revista de Parapsicologia" em 1937. Ocupava-se por ocasião da sua morte prematura de uma pesquisa que deveria ser a sua contribuição mais importante nesse campo.

*

Em tudo quanto diz respeito a ESP e PC pode, portanto, abandonar-se o termo "paranormal" e todos os seus equivalentes; por isso que são aptidões normais ante todos os critérios essenciais exceto físicos. Não é mais preciso assinalar como não-ortodoxo tal estudo entre todos os pesquisadores que conhecem a prova

acumulada. É importante manter a linguagem à altura dos fatos experimentais. Não é mais possível chamar a hipnose de fenômeno paranormal.

ESP e PC são necessariamente funções do espírito total. Afiguram-se isolados de outros aspectos do espírito devido à natureza analítica das condições experimentais em que o espírito tem de operar para demonstrá-las. Mas o espírito humano integral tem de participar de ESP e PC exatamente como o faz em qualquer outra operação mental normal. Estas manifestações psi representam a maneira conveniente pela qual o espírito opera sob as condições especiais proporcionadas pelas experiências de ESP e PC, pela mesma forma que a cólera, o saber ou a memória são funções normais adequadas aos estímulos particulares que os provocam.

Torna-se agora evidente onde colocar ESP e PC no esquema do espírito. Ajustam-se às funções mais particularmente mentais em contraste com os processos sensorimotores mais fisiológicos que nos engrenam eficazmente ao universo físico. Até onde as pesquisas têm ido mostram ser a concordância de ESP e PC com a parte mais puramente psíquica do espírito de harmonia não-interrompida. Estes níveis mais elevados da personalidade, dominando por meio da volição inteligente os níveis receptor-efetivador da vida constituem a "terra própria" da psicologia, domínio independente da fisiologia.

Se o raciocínio constante deste capítulo é bem fundado levou-nos bastante longe no oitavo avanço. Quando as aptidões de psi transcendem espaço e tempo por mais ligeiramente ou por menos freqüentemente que seja, revelam propriedades fundamentais do espírito humano como um todo. Essa capacidade de ação recíproca em relação ao mundo físico por intermédio de ESP e PC é assim função da personalidade total, não de estado mental abstrato, isolado, momentâneo. A energia psíquica necessariamente deduzida para explicar os resultados de pesquisas de ESP e PC não constitui, portanto, possessões casuais, remotas; tem-se de aceitá-la como parte real do ser humano integral. De tal maneira, o que descobrimos se reporta ao objeto real deste estudo: o homem em geral.

CAPÍTULO X

ACEITAÇÃO DE ESPÍRITO E PSICOCINÉTICA

A Ciência não aceitava, no ano de 1947, ESP e PC como demonstrados, embora muitos cientistas os tivessem aceitado. Até onde nos é dado saber, praticamente todos os que têm suficiente conhecimento das provas estão, de modo geral, convencidos das respectivas descobertas. Mas a ciência, significando a maioria dos cientistas, ainda conserva provavelmente a atitude tradicional que considera tais assuntos como superstição. Muitos dentre eles são, sem dúvida, altamente especializados, não se podendo esperar conheçam bastante o trabalho técnico experimental em pequena subdivisão como a parapsicologia. Assim sendo, o cientista, em geral, precisaria dispor de muito tempo para adquirir conhecimentos sobre novo campo, de modo a poder aquilatar-lhe o valor.

Será preferível indagar das perspectivas para aceitação subsequente. Estamos em condições de responder a semelhante indagação com segurança e a resposta é: não há alternativa à aceitação. Qualquer explicação contrária concebível foi considerada, verificando-se não ser aplicável às descobertas.

São palavras fortes e confiantes. Ainda não tinha feito uso de tais palavras nos treze anos em que tenho escrito a respeito das aptidões da psi. Todavia, sustenta-as agora tal rolde pesquisas que

qualquer um é levado a depositar confiança nos que conhecem as descobertas. Vamos passar em revista as alegações favoráveis e esforçar-nos por determinar como se tornou forte e irrefutável a posição dos fenômenos de psi. Consideraremos em primeiro lugar o trabalho sobre ESP e, em seguida, mais resumidamente, as pesquisas de PC.

*

Em toda a história da ciência não se encontra qualquer outro fenômeno que tenha tido tão pouca aceitação em comparação ao enorme volume de pesquisa experimental como a percepção extra-sensorial! Surpreende a qualquer um descobrir como abundam as provas a favor de ESP.

Os escritos sobre as pesquisas excederam agora a todos nós. Tornaram-se tão extensos e variados e se espalham tão amplamente em inúmeras publicações em muitas línguas diferentes que se pode dizer com segurança que ninguém poderá lê-los todo. Contudo, não é necessário examinar a todos, a menos que se formule julgamento negativo. Todos quantos se aprofundaram bastante nessa leitura verificaram a impossibilidade de dar sentença em contrário.

Assim sendo, não é possível dispor de completa avaliação de todo o trabalho sobre ESP. Pode obter-se avaliação parcial da extensão dos escritos sobre ESP quanto ao simples número de relações pela obra "Percepção Extra-Sensorial Depois de Sessenta Anos". Quando se escreveu este livro, há sete anos, organizou-se uma relação de todos os relatórios sobre ESP que contivessem resultados suscetíveis de avaliação matemática. Destes, havia 142 na ocasião, e muitas dúzias seria possível acrescentar devidas ao trabalho dos anos que se seguiram. Assim também, grande número de pesquisas, algumas bastante impressionantes, não foi incluído nas relações porque não tinha sido avaliado matematicamente. Por exemplo, as experiências de telepatia com o emprego de desenhos de Sinclair, Bruck, Warcollier e Tischner; as experiências de "clarividência ambulante" em hipnose; e as realizações de Gilbert

Murray em telepatia foram todas excluídas, juntamente com outros muitos estudos de tipos diferentes.

A quantidade não é elemento de importância primordial, embora seja importante, para quem tiver de julgar das provas, levar em conta tudo quanto leu dos escritos sobre as experiências. A força das provas a favor de ESP não depende do simples número de relatórios ou do número de experiências. Mais importante ainda é a questão da qualidade e da justeza das experiências relatadas, e a firmeza das interpretações e conclusões alcançadas. É preciso levar em conta muitas questões na avaliação de tais provas, algumas de caráter geral a qualquer pesquisa científica, outras peculiares aos problemas de ESP.

Nem será de reportar-se à autoridade a alegação a favor de ESP. Menciono esta questão porque a pergunta "Qual o valor das alegações a favor da percepção extra-sensorial?" significará para muita gente: "Será geralmente aceita pelos psicólogos?" O leigo que não pode compulsar pessoalmente os escritos originais procura basear-se na aceitação de nova descoberta pelo setor profissional a que ela pertence. Esta maneira de julgar de uma questão só é segura se houve tempo suficiente para a generalização dos conhecimentos a respeito. Como não teria sido enganador perguntarem aos astrônomos contemporâneos de Galileu ou aos físicos da época de Mesmer se achavam certas as respectivas proposições. Quarenta anos depois de ter Newton proclamado a prova da lei da gravitação universal ainda a refutavam autorizadamente em certas escolas na própria Inglaterra.

A preeminência profissional não dá direito a autoridade com relação a novas descobertas. Muita vez, conforme a história prova, são os mais distintos da profissão que mais combatem as idéias novas. O eminente anatomista, Cuvier, combateu vigorosamente a teoria da evolução. O grande Agassiz, da Universidade de Harvard, pioneiro científico, estava convencido que Darwin não tinha razão na questão da seleção natural. Foram os membros da própria profissão que mais incomodaram Semmelweiss e Mesmer. É bastante observar quantas vezes os relatórios das comissões da

Academia Francesa de Ciências foram contrários aos progressos das novas descobertas para verificar como é perigoso - e igualmente contra a ciência -fiar-se alguém em autoridade ou nas impressões da maioria entre os que, seria razoável supor, deveria saber. Não daria resultado, portanto, confiar no acordo das opiniões entre psicólogos quanto ao que diz respeito à ocorrência de ESP.

*

Mas como vamos saber que estamos de posse da verdade? Como avaliar o mérito científico de uma pesquisa? Se não se deve confiar na apuração da opinião da maioria ou dos pronunciamentos autorizados, como será possível saber o que é certo e o que não é? Responde-se: por método científico. É exatamente para isso que existe. Devemos todos, idealmente, leigos e cientistas, lançar mão da maneira científica de resolver problemas como o único meio de alcançar a verdade. O homem não tem conhecimento de qualquer outra maneira que mereça confiança.

O experimentador só pode julgar se o trabalho realizado é fraco em qualquer ponto comparando-o a um padrão, a uma estrutura idealizada da maneira pela qual se deve conduzir a pesquisa científica para que mereça confiança. Maneira igual de proceder, generalizada para ajustar-se a qualquer gênero de problemas, apresenta-se a qualquer cientista que lê um relatório, ao redator de revista científica a quem se submete um memorial para publicação, e a quem quer que deseje julgar por si próprio do valor de uma experiência. O método científico é para o pesquisador o que é o diagrama anatômico para o cirurgião, o mapa para o navegante ou a cópia heliográfica para o engenheiro.

O investigador sério que pretenda averiguar o mérito de um relatório sobre ESP terá de formular perguntas como as que se seguem:

Primeira, o autor partiu de problema claramente formulado, nítido, específico e livre de suposições sem base?

Segunda, dá provas de ter reunido o conhecimento já disponível relativo ao assunto, a favor e contra? (ou reuniu Somente a favor?)

Terceira, ponderou em seguida todas as respostas possíveis à questão, que representem todos os pontos de vista? (ou Somente as próprias hipóteses favoritas?)

Quarta, o relatório revela ter o autor feito uso de lógica segura e de objetividade ao escolher para hipóteses de trabalho uma das respostas experimentais que melhor se ajuste ao conhecimento de que então se dispõe?

Quinta, deduziu então da hipótese de trabalho consequência lógica segura, capaz de submeter-se a exame experimental?

Sexta, imaginou em seguida uma experiência capaz de proporcionar verificação realmente decisiva da hipótese de trabalho?

Sétima, foi a experiência levada à conclusão lógica conforme o plano e as condições?

Oitava, a interpretação dos resultados e as conclusões resultaram necessariamente das condições experimentais e suas consequências?

Nona, a conclusão fornece resposta realmente específica - isto é, a única resposta certa possível - à pergunta inicial?

Décima, foi o trabalho confirmado por qualquer outra pesquisa?

Somente em comparação a semelhante padrão é possível julgar com segurança uma pesquisa. Contudo, dele dispondo, será possível anotar e avaliar as deficiências, quando existirem. Poderemos acompanhar o autor do relatório, até o ponto a que nos permita chegar, no caminho da pesquisa por ele seguido, podendo mesmo repeti-lo com ele. E Somente assim fazendo ficaremos em condições de avaliar-lhe o trabalho em qualquer sentido verdadeiro da palavra. Sem dispor de semelhante padrão, recuamos para simples concordância, autoridade ou outra qualquer razão imprópria para tomar uma decisão; e o nosso julgamento tornar-se-á não-científico, quase nada mais do que opinião pessoal.

O método científico não é de fácil aplicação, seja em pesquisa, seja na avaliação de pesquisas. Sendo o maior instrumento intelectual até hoje inventado pelo homem, não seria de esperar fosse simples e fácil. Poucas pessoas dele fazem uso, mas há quem o

aplique, mais ou menos conscientemente, à solução dos problemas com que se confrontam. São estes poucos que julgam eficientemente da alegação de novas pesquisas e é a influência instrutiva deles que leva finalmente aos outros a convicção. Tal processo, porém, é lento e, devido à falta geral de familiaridade com as avaliações do método científico, torna-se necessário decorrer muito tempo até que finalmente tenham aceitação as novas descobertas em campos difíceis.

*

Assim sendo, a posição atual de ESP no espírito do comum dos psicólogos ortodoxos não tem qualquer relação com a força das provas a favor de ESP. Essas provas resistiram a intenso fogo de controvérsia, obrigando os críticos a silenciar. Até hoje esteve sob exame crítico agudo por tanto tempo que se pode supor terem sido expostas todas as fraquezas e liquidados todas as explicações contrárias. Tal resultado não foi acidental.

Durante muitos anos destinaram-se às experiências de ESP a enfrentar toda crítica possível. Em nosso livro "Percepção Extra-Sensorial Depois de Sessenta Anos", publicado em 1940, consideramos separada e conjuntamente 35 hipóteses contrárias para a avaliação da prova de ESP. Incluídas nesta relação de possíveis explicações alternativas estavam todas as críticas publicadas dos trabalhos de ESP, e mais algumas pelos próprios autores. Dentre os 142 relatórios publicados, contavam-se seis que excluía todas as combinações possíveis de hipóteses contrárias por maneira inteiramente sem ambigüidade.

Algumas das nossas precauções parecerão fantásticas. O padrão dessas seis pesquisas estava acima do que se utiliza em trabalho científico em qualquer outro campo de investigação. Nenhuma experiência algum dia realizada em psicologia, segundo todos os informes de que dispomos, excluiria hipóteses contrárias como as que admitimos. Por exemplo, muitas pesquisas, como as de Martin e Stribic na Universidade do Colorado, foram excluídas da nossa lista

escolhida, simplesmente porque estava presente Somente um experimentador capaz durante a experiência e, assim sendo, seria necessário aceitar-lhe a boa-fé. Quase nunca se presta atenção a considerações dessa ordem em trabalho científico ordinário.

Contudo, embora Somente seis experiências independentes fossem aprovadas no nível extremamente crítico estabelecido naquela ocasião, hoje se encontra muitas vezes aquele número. Entre os relatórios publicados nestes últimos sete anos, é possível contar mais de uma dúzia de relatórios de pesquisa independentes em confirmação, que satisfariam os padrões instituídos na ocasião em que escrevi o livro acima citado.

Sem dúvida, a melhor maneira de avaliar estas pesquisas recentes consiste em lançar mão dos relatórios originais. Mas para os que desejarem avaliação mais simples e mais curta, poderá tranquilizá-los observar como se portou o ESP na prova decisiva a que se submeteu durante a última parte da década de 1930. De 1935 até 1940 desencadeou-se verdadeira tempestade de crítica contra o trabalho de ESP. Durante algum tempo os artigos críticos excederam em muitos os próprios relatórios de pesquisa. Em uma apreciação da controvérsia, escrita por Dorothy H. Pope e J. G. Pratt, citam-se os números seguintes: cinco artigos de crítica a ESP em 1935-36; 42 em 1937-38; Somente 12 em 1939-40; e nenhum em 1941-42.

O ataque passou de um ponto a outro enquanto prosseguia. O primeiro surto de crítica dirigiu-se aos processos matemáticos de avaliação de que estávamos lançando mão a fim de determinar se era ou não possível atribuir ao acaso os totais de acertos. Ora, tais processos, conforme dissemos anteriormente, foram empregados por mais de meio século em trabalhos exatamente da mesma natureza dos que estávamos executando. Tínhamos consultado muitas vezes matemáticos capazes a respeito, não podendo pairar qualquer dúvida quanto à aplicabilidade do processo estatístico empregado. Todavia, os que criticavam as pesquisas sobre ESP durante a década de 1930 não tinham evidentemente conhecimento da longa história do emprego desses processos. Procurando os pontos fracos de uma pesquisa que conduzia a resultados tão excepcionais, era bem natural

fossem as estatísticas o primeiro ponto a sofrer ataques, visto como este ramo da matemática prestá-se facilmente a mal-entendidos e abusos.

Quase toda a crítica matemática veio logo em primeiro lugar - em 1935-37. Não será necessário entrar aqui em detalhes, visto como, conforme se deu, a controvérsia despertou o interesse de alguns matemáticos especializados em probabilidades, entre os quais se contavam alguns proeminentes. Alguns deles empreenderam, em conferências e artigos, esclarecer a confusão crescente com relação à matemática de ESP. O ponto culminante deste capítulo da história de ESP verificou-se na reunião anual do Instituto Americano de Estatística Matemática, em Indianópolis, em dezembro de 1937, quando o Instituto autorizou a publicação do seguinte comunicado:

As investigações do Doutor Rhine têm dois aspectos: experimental e estatístico. Pelo lado experimental, sem dúvida, os matemáticos nada têm a dizer. Pelo lado estatístico, contudo, trabalhos matemáticos recentes estabeleceram que, supondo-se terem sido as experiências realizadas convenientemente, a análise estatística é essencialmente aceitável. Se tiver de atacar honestamente as investigações de Rhine deve-se fazê-lo em terreno diferente do matemático.

Esta manifestação independente foi muito oportuna e valiosa. Poucos meses depois, na primavera de 1938, o professor E. V. Huntington, distinto matemático da Universidade de Harvard, explicou e resumiu a situação das soluções matemáticas relacionadas à pesquisas de ESP em um artigo para a revista *American Scholar*. esse artigo, que ainda se pode ler com interesse e proveito, terminava com precisão: "Se a matemática desfez-se com êxito da hipótese do acaso, o que tem a psicologia a dizer com relação à hipótese de ESP?"

Ante a resolução do Instituto, abandonou-se a questão matemática. De 1937 em diante, Somente se observou pouca crítica decrescente da matemática do trabalho sobre ESP.

Se não é o processo estatístico, então é o processo experimental que tem de estar errado! Tal a tendência do pensamento depois de 1937. Acumulou-se rapidamente a crítica dessa espécie durante o inverno de 1937-38. Tranqüilizadas as dúvidas em relação à matemática, conforme indicou o professor Huntington, a questão passou diretamente aos psicólogos. Grupo pequeno mas ativo de críticos de psicologia levantou a luva e se esforçou por mostrar em conferências e artigos para revistas científicas e populares o que estava errado no trabalho de ESP do ponto de vista experimental. Acusavam principalmente as condições inadequadas das experiências para permitir conclusão favorável a ESP.

Neste caso tinham pelo menos algo de que falar. Conforme acontece provavelmente em qualquer investigação pioneira, grande parte do trabalho experimental nos primeiros tempos das investigações em Duke se realizara de maneira exploratória que não se destinava a prevenir qualquer crítica concebível. Trabalhos preliminares desta ordem não se incluem em geral em relatórios científicos. Mas ao escrever o meu primeiro livro, "Percepção Extra-Sensorial" pensei fosse instrutivo para colegas experimentadores contar-lhes a história inteira desde o princípio. Incluímos assim essas experiências preliminares, com um relato das respectivas condições, juntamente com os últimos achados conseguidos sob condições críticas e avançadas de precauções contra erros. Naturalmente, eram as últimas que teriam de suportar o peso das conclusões. Mas alguns críticos não compreenderam muito bem tal apresentação, ao que parece. Atacaram as condições preliminares mais livres, como se dependesse delas tudo o mais.

Observava-se outro motivo de confusão que poderia ter sido evitado se tivéssemos onisciência. Foi o aparecimento no mercado, em 1937, de algumas cartas ESP muito mal impressas. Aprováramos as cartas, cujos direitos autorais possuíamos. O defeito era devido a empeno, que não se revelou durante a fase de prova, lançando-se as cartas ao mercado antes de verificar-se o defeito. Os críticos se apoderaram imediatamente deste descuido do impressor, como

indicando más condições experimentais, ampliando a crítica aos sete anos de trabalhos antes do aparecimento das cartas. O aviso por nós publicado com relação a estas cartas ou a quaisquer outras - muito embora perfeitas para o começo, destinavam-se em qualquer experimentação séria a ficar inteiramente ocultas do paciente - passou completamente despercebido. Grande parte do que se dizia com relação ao problema - nem sempre em tom elevado - espalhou-se pelas diversas reuniões psicológicas de 1937 e 38.

Mas o efeito não foi de todo mau. Era tão grande a discussão que a Associação Psicológica Americana tomou providências para a realização de uma mesa redonda a respeito dos processos experimentais de ESP na reunião de setembro de 1938 em Columbus, Ohio, a fim de concentrar sobre a crítica e talvez liquidar a questão de ESP. Combinou-se que três críticos e três representantes das pesquisas de ESP apresentassem memoriais curtos, à maneira de debate. Ao fim, realizar-se-ia uma discussão geral franca.

Este simpósio constituiu acontecimento decisivo na história da pesquisa de ESP. O comparecimento excepcional de membros da profissão psicológica demonstrou o interesse da questão. Apreciou-se, sem dúvida, parte da importância da sua significação possível. Apesar da tensão evidente, a audiência foi cortês, respeitando todos os pontos de vista apresentado. Os oradores atacaram imediatamente as questões fundamentais. A revisão que o Doutor T. N. E. Greville fez da matemática de ESP e a reação que o confrontou provou claramente que neste particular haviam terminado as nossas dificuldades.

Em breve também se tornou evidente ser possível ficar de acordo sobre o que entender por boa experiência de ESP. Na segunda apresentação de memórias verificou-se acordo fundamental entre os oradores quanto à adequação das condições experimentais às pesquisas apresentadas como mais concludentes. Mencionaram-se e descreveram-se especificamente as experimentações, e o orador crítico exprimiu a aprovação pública das condições ali mesmo. Concordou-se, por exemplo, que, se encerravam as cartas em

envelopes opacos ou se as conservavam por trás de um anteparo opaco ou em outro cômodo durante todas as experiências, conforme tinha acontecido em sem-número de experimentações, não havia dúvida quanto à adequação das precauções contra indícios sensoriais.

Também se alcançou acordo geral quanto às precauções contra erros nos registros. Na terceira sessão, o Doutor Gardner Murphy mostrou mui eficazmente existir ampla prova de terem sido satisfeitas as exigências mais rigorosas quanto a este problema, isto é, provas de experiências em que as chamadas e as cartas eram registradas independentemente em folhas diferentes de papel. Ante a apresentação desta prova, as questões críticas desapareceram praticamente no mesmo momento. Observou-se muito pouca crítica de qualquer espécie desde essa reunião de ESP em 1938. Ao considerá-la retrospectivamente, torna-se evidente que a reunião de Columbus foi um momento decisivo para a aceitação científica da pesquisa em percepção extra-sensorial. Importante resultado benéfico foi à liberação de grande volume de energia que até então se havia aplicado a atividades defensivas.

Apesar disso, as nossas dificuldades não estavam inteiramente vencidas. Não seria de supor que a simples resposta às críticas dos trabalhos de ESP levasse para todos uma convicção imediata e completa. Todavia, a cordura e o interesse revelados em Columbus reconfortaram-nos grandemente o moral. Começamos a pensar em novas experimentações e a acumular precaução após precaução, esforçando-nos para sufocar qualquer dúvida restante quanto à adequação das condições das experimentações de ESP. Nos anos que se seguiram imediatamente ao simpósio de ESP, realizaram-se algumas experimentações especiais sob condições de precaução das mais complicadas.

Tais precauções sobrecarregaram as experimentações com questões técnicas. Exagerou-se a solenidade das experiências; suprimiu-se qualquer zombaria entre sujeito e experimentador. Era inevitável, tão complicada mostrava-se à técnica. Estavam sempre presentes pelo menos dois experimentadores, uns verificando os

outros. Havia caixas fechadas em que o sujeito devia colocar as folhas de registro, aparelhos para fotografar as cartas, duas séries de registros para evitar erros nessa aparelhação, e muitas outras inovações no processo das experiências nesse período.

Conforme seria de esperar, a percentagem de acertos ressentiu-se da atmosfera constrangida provocada por todas essas exigências. Não chegou, contudo, a fazer cessar inteiramente a operação de ESP. Quando vieram a lume essas pesquisas complicadas, tudo quanto os críticos puderam dizer foi que quanto mais precauções se tomavam, mais baixa se tornava a percentagem de acertos. Mesmo aceitando tal afirmação pelo que vale, ter-se-ia de confessar que a percentagem ainda assim era significativa. Na realidade, algumas das médias mais elevadas de acertos ocorreram sob as condições experimentais mais rigorosas. E como não havia mais precauções que se pudessem sugerir razoavelmente, a controvérsia cessou e o trabalho de ESP prosseguiu para novas realizações. Os relatórios que apareceram depois de 1937 excedem em muito em objetivo e significação ao valor combinado de todos os precedentes.

Ainda não mencionei a forma restante de crítica com que nos defrontamos. Era a única que ainda restava àqueles cuja prevenção contra ESP os levava a suspeitar ter sido a inclinação a favor de ESP por parte dos experimentadores responsável pelos resultados conseguidos. Naqueles dias formulava-se freqüentemente a seguinte pergunta muito sugestiva: "Tem alguma experimentação que prove o ESP realizada por experimentadores que não estivessem convencidos da ocorrência de ESP?" Como resposta, lembrava-se que muitos dos que haviam investigado a hipótese de ESP tinham duvidado francamente a princípio de ESP. Alguns deles chegaram mesmo a declarar particularmente que só esperavam resultados devidos ao acaso, e quando conseguiram resultados positivos ficaram tão surpreendidos como qualquer outro.

O caso do Doutor Riess constitui bom exemplo, sendo-nos permitido discuti-lo. O Doutor Riess era abertamente cético a respeito de ESP quando começou a famosa série que produziu em média 18 acertos em 25 cartas, para as 1850 experiências com

cartas, mantendo-se o paciente a 500 jardas de distância. Depois de ter formulado algumas observações críticas a respeito de ESP em uma de suas classes no Hunter College, um dos alunos sugeriu-lhe investigasse pessoalmente o problema. Concordou finalmente assim fazer se o achasse sujeito promissor. Ficou tão assombrado ante os resultados que hesitou extremamente, o que é fácil de compreender, em publicar um relatório com contagem tão inacreditável. Sabia que seria recebido com o mesmo ceticismo que ele próprio sentira com relação ao trabalho de outros experimentadores de ESP.

O público, contudo, nada sabia dessas atitudes originárias. Raramente se tornam públicas as motivações pessoais dos experimentadores. Assim sendo, havia inúmeras pessoas na década de 30 que achavam mais fácil supor se inclinassem todos os experimentadores de tal modo a favor de ESP que mui naturalmente cometiam bastantes erros de certa espécie para produzir as contagens elevadas acusadas. O de que precisávamos, portanto, era a conversão de conhecido cético. Era ideal o caso do matemático inglês, professor Soal. Já mencionamos o trabalho de Soal sobre telepatia precognitiva e o relatório sobre efeitos de deslocamento.

E fácil apreciar a importância especial decorrente do trabalho em ESP bem sucedido do Doutor Soal quando publicado em 1940. Fizera crítica sincera às investigações americanas de ESP mas entregara-se expressamente às suas próprias experimentações de ESP com atitude tal que não deixava qualquer dúvida quanto aos resultados que antecipava. Quando, portanto, os resultados completos com 160 sujeitos forneceram contagem média muito abaixo da expectativa média provável, ninguém que soubesse da importância da atitude em experiências de ESP poderia ter-se surpreendido.

Entretanto, conforme aconteceu, todos ficaram surpreendidos com certo aspecto. Devem estar lembrados de que quando sendo Carington pediu a Soal que procurasse nos registros deslocamentos de acertos nas cartas antes e depois do alvo, obteve provas muito boas de ESP. Sob certas condições, encontraram-se deslocamentos tanto para frente como para trás. Os resultados eram significativos e

Soal viu-se obrigado pelo trabalho que realizara a aceitar a realidade de ESP. Comunicou o seu achado e continuou a pesquisar com um dos dois sujeitos que manifestaram o efeito de deslocamento. Em companhia da Senhora Goldney, prosseguiu, com uma das pesquisas mais notáveis já realizadas nesse campo, o trabalho sobre telepatia precognitiva anteriormente descrito.

O trabalho de Soal representa um marco na pesquisa de ESP. Independentemente do valor intrínseco desse trabalho, que é muito grande, a maneira pela qual a conclusão o obrigou a voltar atrás da atitude assumida para com ESP veio a este reforçar. Na história da controvérsia sobre ESP, o trabalho de Soal enfileira-se com outros dois acontecimentos notáveis - a sentença do Instituto Americano de Estatística Matemática em 1937 e o simpósio perante a APA em 1938.

*

A controvérsia, contudo, raramente a todos convence; impõe-se prova de caráter menos apaixonado. Exatamente quando o período de crítica estava quase a encerrar-se, a pesquisa estava começando a fornecer novo tipo de prova, que desse ao cientista mais convicção do que tudo quanto se produzira anteriormente. O aspecto especialmente tranquilizador quanto a essa prova é a objetividade. Se for possível manipular a prova, observá-la repetidamente, reexaminá-la e exibi-la a terceiros, adquiriremos muito maior certeza do que por outra qualquer maneira.

As primeiras provas eram mais deficientes exatamente sob este aspecto de completa objetividade. Encontrava-se também grande dificuldade em repetir as demonstrações experimentais de aptidão de natureza tão incerta como ESP. Mas por volta de 1940 deparamos com a primeira prova do que seria possível denominar de impressões digitais - efeitos deixados inconscientemente nos registros, capazes, porém, de serem observados e analisados por qualquer pessoa, desde que se lhes assinalasse a presença. Esta descoberta era algo de novo e surpreendentemente concreto no sentido de provar o ESP.

Resultava a nova prova dos mesmos antigos registros, sendo, porém, independente. Era efeito accidental de ESP, descoberto não pelo experimentador originário mas por investigadores subseqüentes. Ultrapassam, desse modo, todas as explicações comuns em contrário de ESP.

Como exemplo escolhi um dos mais simples nas experiências realizadas em Havard por Estabrooks, anteriormente descritas. Este experimentador, como o leitor se deve lembrar, realizou as experiências de ESP em sessões em que o emissor olhava para uma carta de uma série escolhida ao acaso, enquanto o receptor em outro cômodo tentava identificá-la. Estabrooks estava convencido ter provado a telepatia; mas se alguém ainda hesitasse quanto a ESP poderia alimentar certa dúvida com relação à supressão de indícios sensoriais pelas portas duplas entre os dois cômodos. Conforme referi, esta sugestão de indícios auditivos é psicologicamente absurda, porquanto não era possível para o sujeito adquirir um código. O próprio Estabrooks era o emissor. Apesar disso, a hipótese de indícios sensoriais era uma possibilidade que a maior parte dos psicólogos preferia naquele momento à telepatia; talvez alguns ainda assim pensem.

A nova prova, contudo, dispõe perfeitamente deste problema. Resulta do declínio no número de acertos, que, segundo mencionei, Estabrooks descobriu no exame de 20 experiências. Observou-o mas encarou-o simplesmente como fenômeno accidental. Nada teria a ver com a prova que estava realizando. Agora, contudo, voltando a examinar-lhe os dados, verificamos que esse declínio em o número de pontos só por si proporcionava prova independente da atuação de ESP na experimentação de Harvard. Se tomarmos os acertos das 10 primeiras experiências para todas as séries de Estabrooks, e os compararmos com os das 10 últimas, encontramos tal queda na percentagem de acertos - diferença tão acentuada entre as duas metades - que a probabilidade está acima de 500 para um contra a ocorrência de tal diferença em virtude tão-só do acaso. Probabilidade de Somente 100 para 1 são aceitas pelos matemáticos como suficientes para afastar o acaso da explicação.

Esta prova de declínio tem todo o valor de experimentação confirmado. Como Estabrooks não a aceitou por prova naquela ocasião, maior valor ainda adquire atualmente. Podemos assim chegar a nossas próprias conclusões em relação ao trabalho realizado em Harvard sem ter de confiar na avaliação primitiva. Em outras palavras, esta diferença em número de acertos entre as duas metades não depende de maneira alguma das contagens totais que proporcionaram ao trabalho a primeira significação. O mesmo declínio ocorre igualmente na quarta série de Estabrooks, a que forneceu média abaixo da probabilidade. Na realidade, o declínio nesta série foi o maior dentre os quatro que realizou.

A hipótese de indícios sensoriais não se aplica à nova prova. Condições idênticas prevaleceram durante as duas metades do exame, não podendo, portanto, justificar a diferença. Além disso, a acuidade sensorial para indícios diminutos relevaria melhoria, se tal se observasse, em cada exame. Aconteceu também que as séries nas quais sujeito e experimentador estavam mais distantes acusaram a maior diferença entre as duas metades do exame.

ESP é o único fator capaz de justificar os declínios. Ainda mais, o declínio é característico de ESP; encontraram-se declínios semelhantes em experiências de outras atividades mentais como PC, memória e o ato de aprender. Mencionei as curvas em forma de U fornecidas por certas experiências de ESP e sua contrapartida em memória e no ato de aprender. Deparamos no trabalho de Estabrooks com um exemplo de curva em forma de U sem a volta para cima na extremidade final. Sem dúvida os sujeitos não sabiam que se estavam aproximando do fim e, portanto, não foi possível qualquer efeito de finalidade.

Aspecto notável desta prova derivada dos declínios é o seguinte: Qualquer pessoa pode examinar e tornar a examinar os dados. Conforme assinalei no caso dos declínios em PC, pode repetir-se à análise tantas vezes quantas forem necessárias. Desse modo, prestam-se a confirmação repetida. Em objetividade de prova, pertencem à mesma categoria das amostras do solo, das estruturas anatômicas, das substâncias cristalinas ou dos espécimes dos

herbários. Parece responder a todas as incertezas sutis que espreitam desarticuladas por trás da intangibilidade de todos os problemas mentais.

A maior parte das provas de declínio é mais complicada do que o exemplo dado, mas nem por isso é menos legítima ou concludente. E Somente mais difícil apresentá-la com a brevidade e a clareza exigidas aqui. Além disso, o estudo do efeito da posição da experiência no sucesso de ESP ainda é recente e está-se processando. O próprio Estabrooks ainda não sabe, enquanto estou escrevendo este parágrafo, que verificamos ter fornecido diferença significativa o declínio na percentagem de acertos indicada pelos dados por ele apurados. Ainda não foi possível proceder a tais análises em grande parte dos registros disponíveis de ESP e Somente alguns foram publicados. Realizamo-los em muito maior extensão sobre o material de experiências de PC. Mas já examinamos algumas séries de experiências de ESP e a prova das diferenças significativas nas contagens basta só por si para justificar o ESP.

De posse de semelhante prova, a aceitação científica é simplesmente questão de tempo. Estas diferenças internas significativas devidas a efeitos de posição lá estão nos registros, material fixo à espera de novo exame. Aqui se encontra objetividade, tão passível de verificação como as leituras em um oscilógrafo.

Estamos agora em posição mais favorável para obedecer ao conselho que o professor Thouless da Universidade de Cambridge deu em 1942 com relação à percepção extra-sensorial: "Deve considerar-se a realidade do fenômeno como provada tão certamente como qualquer outra questão em pesquisa científica seja suscetível de prova. . . Ponhamos de lado a preocupação de provar novamente ao cético a existência real do efeito psi e, ao invés, dediquemo-nos à tarefa de descobrir tudo quanto seja possível a respeito. De posse de conhecimento mais completo quanto à sua natureza, as dificuldades de acreditar-lhe na existência parecerão menos formidáveis do que agora se afiguram."

*

A maior força da prova de PC reside também nos declínios. Foi a persistência do efeito da posição sobre o sucesso na experiência que nos animou a publicar o primeiro relatório, depois de esperar nove anos desde a ocasião em que o trabalho teve início. Naquela ocasião, sabíamos ter nos efeitos da posição provas que qualquer observador competente poderia confirmar, como ainda hoje pode fazê-lo, mediante a análise dos registros disponíveis.

Depositávamos tal confiança nessa prova que publicamos um convite a qualquer organização científica para analisá-la novamente se pairasse qualquer dúvida séria sobre o nosso exame.

Não contando com qualquer reação ao convite, procedemos pessoalmente a uma investigação sob a direção do Doutor Pratt, um dos membros do pessoal do laboratório, que não havia tomado parte em qualquer trabalho experimental que servisse de base àquelas análises. Assim fizemos a fim de mostrar a nós mesmos o que acharia um estranho se algum dia viesse a repetir as análises em relação aos efeitos de posição. O Doutor Pratt, em toda a nova verificação independente, encontrou Somente um erro, aliás de pouca importância.

Daremos alguns exemplos dos efeitos de posição em dados de PC, que contribuam para julgar-se da grande importância que a eles se liga.

O primeiro tipo a encontrar-se foi de declínio horizontal. Descrevemo-lo no Capítulo VI conforme apareceram nos grupos de três exames das primeiras séries de combinações elevadas para os dados; o sucesso mais elevado encontrava-se no primeiro exame, seguindo-se-lhe rápida queda na percentagem no segundo e terceiros exames. Em seguida, veio o declínio horizontal que se encontrou nas experiências de combinação elevadas e baixas nos dados, realizadas pela Srta. Margaret Pegram, manifestando o mesmo declínio na seção de combinações baixas da experimentação conforme ocorriam para as combinações elevadas. Depois destas encontrou-se grande número de séries com idêntico tipo de declínio. Embora se notem

exceções a essa tendência a declínio horizontal, figuram em minoria. A tendência geral é para declínio em percentagem de acertos à proporção que o sujeito continua com a experiência, fornecendo contagem mais baixa na metade à direita da página ou grupo.

Todavia, os declínios verticais foram ainda mais acentuados. Notava-se tendência geral a declínio na percentagem de acertos à proporção que se continuava a descer na coluna de registro. Encontrou-se maior número de acertos na metade superior - exatamente como se observava nos registros de ESP. Verificou-se que este declínio vertical era mais sistemático do que o horizontal, sendo, sem dúvida alguma, o que mais geralmente se encontra e o mais impressionante no efeito de posição. Em série após série a metade superior da página de registro revela margem significativamente grande de acertos em relação à metade inferior.

Ocorre-se declínio tanto horizontal quanto vertical, em uma série, nota-se igualmente declínio em diagonal. Isto é, o quarto superior à esquerda exibiria o maior número de acertos enquanto o mais baixo à direita teria o menor. Este declínio em diagonal da percentagem de acertos deveria ser mais pronunciado do que o vertical ou o horizontal separadamente. Os declínios em diagonal que se encontraram na primeira distribuição por quartos (QD) eram notáveis e sistemáticos. Eram tão impressionantes que resolvemos levar a análise a todos os registros disponíveis em que fosse possível realizar estes estudos de QD. Contamos 18 séries experimentais destas quando nos foi possível reuni-las todas e, em virtude dos tipos diferentes de experiências, classificamo-las em dois subgrupos, um consistindo de séries em que o alvo era uma única face do dado e outra em que os alvos eram combinações elevadas ou baixas.

Os QD combinados mostraram-se muito convincentes. O quarto superior à esquerda do QD em cada um dos grupos era tão mais elevado do que o quarto inferior à direita que a probabilidade seria da ordem de um milhão contra um para a ocorrência de tal diferença Somente por acaso. Além disso, era belo ver como a distribuição final se mostrou bem arrumada para os dados compostos. As percentagens de acertos dos outros dois quartos da página

intercalaram-se entre o superior à esquerda e o inferior à direita, sendo o número de acertos acima da "probabilidade" aproximadamente o mesmo. Na Figura 3, vê-se bem facilmente a proporção de acertos para os quartos. O QD do gráfico C da figura baseia-se nas 12 séries de uma única face, ao invés de uma combinação de faces. O quarto superior à esquerda é o número 1 e o inferior à direita o número 4. As alturas proporcionais dos quatro quartos representam o número relativo de acertos acima da expectativa média provável. Das 6 séries restantes que era possível submeter a análise, as 4 em que os alvos eram combinações elevadas e baixas forneceram igualmente um QD combinado no qual o quarto superior à esquerda se mostrava igualmente bastante mais alto do que o mais baixo à direita, de sorte a excluir o acaso matematicamente. Mostra-se o QD da página para estas séries no gráfico A.

O mesmo tipo de distribuição encontrou-se tanto no grupo como na página. O grupo é uma combinação natural de dois ou mais exames. Em algumas páginas havia dois grupos; três, quatro ou mais em outras; sendo que compreendiam tamanhos e formas diversas. Quando se determinou o QD para estes grupos, o quarto superior à esquerda acusou mais uma vez a percentagem mais elevada e o quarto inferior à direita a mais baixa. Mais uma vez também, o declínio segundo a diagonal foi muito grande, conforme indica o gráfico. A probabilidade é de 1 para um milhão para que o acaso produzisse o declínio do primeiro quarto ao último no gráfico da letra D. Este gráfico mostra o QD do grupo para as nove séries de uma face só suscetíveis de análise. Conforme acusa o gráfico B, as séries de combinações altas e baixas forneceram declínio diagonal mais acentuado, mas o número de experiências foi menor. Mesmo assim, o declínio é significativo. Estes QD são na realidade espantosamente constantes e legítimos para aptidão humana tão sensível e variável como a PC.

A prova dos QD resultou de grande variedade de condições. Empregaram-se dados de tamanhos e espécies diferentes. Lançaram-se com a mão, o copo e por máquina, variando o número deles em

cada caso de 2 a 60. Utilizaram-se diversas faces e combinações como alvos. Notaram-se muitas outras variações nas séries que contribuíram para a prova de QD. Algumas experimentações foram controladas mui cuidadosamente, enquanto outras representam estudos exploratórios realizados para satisfazer ao próprio experimentador. Entretanto, o mesmo princípio legítimo se estende a todas essas diferenças.

Vê-se imediatamente que nem mesmo chega a apresentar-se a questão de dados defeituosos. Empregaram-se os mesmos dados tanto em um quarto como em outro; igualmente foi idêntica a maneira de lançar os dados. Conseguiram-se alguns dos melhores QD com as séries de lanço à máquina. Não fazem absolutamente parte do QD erros, fadiga, alucinações e todas as outras sugestões contrárias. Tais fatores não variam com a estrutura da coluna de registro, grupos de colunas ou mesmo página como um todo. Seja qual for a explicação para o declínio em um grupo terá de justificar o aumento no número de acertos no princípio da seguinte.

Dessa maneira, os QD ultrapassam todas essas questões, oferecendo-nos a própria história da prova de PC escrita por maneira invisível entre as linhas da página de registro.

*

Por que motivo os cientistas não aceitam imediatamente semelhante prova? Por motivos, suponho, mais psicológicas do que lógicos.

É temor, mais do que qualquer outra circunstância, que impede a aceitação dos fenômenos psi. Antes de tudo, há o temor do dualismo - ter de aceitar como real algo que não se harmoniza com uma filosofia física. Os cientistas percebem que, se aceitarem ESP e PC terão de reconhecer a natureza não-física de tais fenômenos; tal passo põe, então, sério problema ao cientista. A aceitação da ação não-física admitiria duas espécies de realidade, dividindo o universo. Tal passo afigura-se-lhe retrocesso, volta aos dias do supernaturalismo.

A ciência ortodoxa ensina haver tão-só uma única ordem natural. O dualismo ou seja o que for que se lhe assemelhe, é a pior espécie de heresia científica. É tão odioso como o vácuo proverbial é para a natureza. É interessante acompanhar a maneira pela qual o cientista encara as pesquisas de psi, supondo enganadoramente que é possível ajustar de certo modo os achados aos princípios eletromagnéticos da natureza, Somente para deixar cair o assunto inteiro como se lhe queimasse os dedos descobrir que os resultados experimentais o transportariam para além dos princípios físicos.

Não nos cabe criticar o desejo de unificar o conhecimento. Não podemos, naturalmente, aprovar a tática inflexível usual de aumentar ou diminuir o conhecimento conforme necessário for para ajustar-se às teorias dominantes, rejeitando assim por vezes as novas descobertas porque não se harmonizam imediatamente com as opiniões existentes. Pensar assim é barbárie científica. Ao invés, é de reconhecer-se que, ao se deparar com qualquer discordância entre as novas descobertas e as antigas, aí se encontre tão-só indicação de algum território ainda por descobrir, que se terá de explorar para promover o acordo.

O erro está em supor que ESP e PC conduzem a dualismo. A prova da ação recíproca psicofísica com que a parapsicologia contribui opõe-se logicamente a qualquer dualidade fundamental na natureza do homem. O próprio ato pelo qual os dois sistemas, espírito e corpo, operam um sobre o outro os unifica necessariamente até certo ponto em um processo único, por maneira bastante parecida com a reação de duas substâncias químicas em um provete produzindo um só todo. Não é possível imaginar a ação recíproca de dois sistemas sem supor a existência de propriedades comuns a ambos. Em qualquer acontecimento da natureza tem de haver continuidade de processo de um agente a outro tanto nas reações entre espírito e matéria quanto em qualquer outra. Pelo menos não sabemos de qualquer outra maneira de compreender mudanças acidentais de qualquer espécie.

Assim sendo, qualquer dualismo na ordem natural tem de ser relativo. Na maior parte as delimitações acadêmicas da natureza

reconhecem-se atualmente como sendo relativas depois de terem sido examinadas mais de perto. O antigo absoluto desapareceu. Tem-se de considerar a relação espírito-matéria conforme resulta dos fenômenos psi como mais outra relatividade. Os dois sistemas possuem diferenças genuínas. Um é físico e o outro não-físico até onde sabemos qual seja a distinção. Mas também atuam um sobre o outro, devendo, portanto, até certo ponto, estar unidos em semelhante reação. Por outro lado, é igualmente verdadeiro que a unificação dos dois sistemas é igualmente relativa. A mesma relatividade aplica-se igualmente bem se experimentar impor um monismo ou um dualismo ao mundo das relações espírito-matéria. Estes dois ismos mais antigos deixaram de aplicar-se a um mundo que parece cada vez mais relativo em suas grandes linhas.

A natureza desse terreno comum entre espírito e matéria ainda é completamente obscura. Somente nos é dado deduzir-lhe a existência, considerando-o como grande objetivo de pesquisa para o futuro. Poderá representar uma ordem subjacente de energética neutra substituinte - espécie de substrato não-psíquico e não físico conversível em manifestações mentais ou físicas. Ou ainda poderá reduzir-se a simples ponto de transição, mera abstração.

Somente podemos concluir com toda segurança que os fatos da parapsicologia não só não exigem ser-se dualista - não nos permitem que o sejamos.

*

O outro receio que retarda a aceitação científica de psi é de natureza social: o receio de perder a classe na própria profissão. Não gosto de falar desta questão; poderá parecer grosseiro fazê-lo; mas na ciência temos de atacar tudo quanto nos obstrui o caminho, conforme acontece com toda certeza com esse receio.

Inúmeros cientistas têm realizado experiências de ESP e PC em segredo. Às vezes sabemos desses esforços só indiretamente, a menos que aconteça terem sido os resultados iguais aos da probabilidade. É inteiramente seguro e até mesmo louvável a

publicação de resultados negativos. Mas às vezes sabe-se de experimentações felizes e valiosas Somente para que nos digam: não se publicará qualquer relatório "por motivos profissionais". "Minha família tem de comer", disse-nos um desses experimentadores. "Minha instituição se oporia", disse outro. "Todos os membros do meu departamento me criticariam e estou esperando promoção ao cargo de diretor", dirá outro. Alguns dão desculpas transparentes. "Ainda não considero completas as experiências" ou "Realizei-as para satisfação íntima, não para publicação."

Seria possível escrever um livro - bastante triste - a respeito dessas reações de temor. Entram em contato com a pesquisa em muitos pontos mas ocupamo-nos aqui com a aceitação científica, com o futuro mais do que com o passado, e com a solução do problema que esse receio origina.

Pode afirmar-se que atualmente o temor de perder classe por causa da parapsicologia é infundado em grande parte. Sei demasiadamente bem até que ponto parece real. Faz agora dez anos que tenho estado à procura de fatos a esse respeito, visto como é da maior importância no sentido de aconselhar os jovens a respeito do campo de experimentação.

Acho dispor agora de informações suficientes para tomar uma decisão.

Quais os fatores a favor e contra que o cientista tem de considerar para empreender pesquisas de psi? Vamos considerar primeiramente que espécie de companhia intelectual poderá encontrar. Que espécies de homens se encontrarão que tenham partilhado ativamente desse interesse? William James, William McDougall, Sigmund Freud, Charles Richet, Pierre Janet, Sir William Crookes, C. G. Jung, Wilhelm Stekel, Henry Bérgson, Hans Driesch - poder-se-ia continuar com a relação para incluir dezenas de sábios eminentes distribuídos entre todas as nações em que a ciência tem florescido. Estou mencionando Somente os nomes de cientistas mais velhos melhor conhecidos embora também pudesse incluir muitos jovens distintos.

Pode dizer-se que constitui regra bastante geral quanto mais distinto o cientista, tanto mais tolerante a atitude em relação às experimentações de psi. Pode ter-se a certeza de não perder classe perante homens como Albert Einstein por fazer experiências de psi. Sabemos igualmente que o mesmo aconteceria com Louis Pasteur, os Curies e muitos outros da mesma magnitude. Que terá então a temer o investigador psíquico com tão boa companhia ao lado?

Até onde vai o meu conhecimento nenhum investigador de parapsicologia perdeu classe, posição ou honorários durante a última década por tomar parte ativa em pesquisa de psi. Conhecem-se mesmo alguns psicólogos que melhoraram de posição em resultado de contribuições para a pesquisa de ESP. Este progresso é, sem dúvida, recente, mas torna-se ainda mais significativo por esse motivo, para o futuro.

Depara-se, com toda certeza, com embaraços e tropeços. Nem tudo é suave e glorioso com relação a campo de pesquisa controvertido. Mas para cada comentador que chama o parapsicólogo de maluco há outro que o considera pioneiro corajoso. Acima de tudo, nota-se o estímulo ativador de tomar parte em missão de pesquisa de grande significação social, em área de investigação pouco explorada, de pertencer a pequeno grupo de pesquisadores inflamados por ardente interesse no alvo que perseguem! As aptidões do indivíduo aumentam, por ser tão grande a necessidade; instigam-se os esforços, visto ser tão grande a tarefa que exige toda a energia potencial do indivíduo.

Não posso, portanto, partilhar com pessoa alguma do receio de um campo em que trabalhei e vivi tão felizmente durante mais de dez anos. Encontram-se mesmo algumas compensações peculiares nesta ciência particular. E verdade que qualquer um pode expor-se a considerável falta de compreensão. Mas o que experimentar perseguir interesse honesto de pesquisa com dedicação e inteligência não poderá nunca perder seriamente.

*

Tudo está progredindo gradualmente em parapsicologia. Observam-se muitos sinais animadores de mudança, e alguns são bastante concretos para que se devam mencionar.

Criou-se na América do Norte outro centro de pesquisas que está produzindo trabalho notável em relação a problemas de parapsicologia. Sob a orientação do Doutor Gardner Murphy, vários jovens psicólogos da região de Nova York conjugaram forças à Sociedade Americana para Pesquisa Psíquica com vantagens mútuas. Uma das melhores experimentações de PC até hoje resultaram dessa cooperação. Quero referir-me ao trabalho de Laura Abbott Dale. Já mencionei o trabalho da Doutora Schmeidler, que também pertence ao grupo de Nova York.

Igualmente na Inglaterra está-se concretizando um plano semelhante de cooperação. Instituiu-se uma bolsa de pesquisas no Trinity College, da Universidade de Cambridge, em 1940, para financiamento de trabalhos sobre parapsicologia. Alguns dos professores de Cambridge que patrocinam essa bolsa de estudos mantêm relações oficiais com a Sociedade de Pesquisa Psíquica. O primeiro bolsista, Whately Carington, faz também parte da Sociedade.*

* A morte do Senhor Carington a 2 de março de 1947 no meio de ativo programa de pesquisa parapsicológica representa grande perda para o assunto. Os leitores desejam saber mais do trabalho e das opiniões dele deverão interessar-se pelo livro recente que escreveu "Transferência de Pensamentos" publicado em Nova York (Creative Age Press), no ano passado.

Pesquisas em problemas de parapsicologia estão em andamento em diversos laboratórios de colégios e universidades na América do Norte e em outros países. Sente-se grande necessidade da instituição de maior número de centros, bem como de maior auxílio para os que já estão iniciados. O trabalho exige tempo integral e um grupo de investigadores dedicados, bem experimentados.

À proporção que a Europa sai da desolação da guerra, notam-se sinais de renovada atividade universitária em parapsicologia. Duas universidades suecas concordaram em permitir pesquisas de

parapsicologia se houver contribuição de fundos. Várias universidades holandesas realizaram cursos sobre o assunto durante a guerra, e notam-se indícios de renovada atividade. Estão começando pesquisas importantes na França e na Iugoslávia e há indícios de interesse crescente em outros países.

Talvez a melhor prova da aceitação crescente da pesquisa de psi é a atitude de diversas universidades inglesas durante os últimos anos, concedendo o título de doutor aos que se entregam a estudos de percepção extra-sensorial. A Universidade de Londres já deu esse passo duas vezes (segundo Duke que tem a seu crédito três Ph. D. em parapsicologia); S. G. Soal recebeu um desses diplomas de "D. Sc." (doutor em ciências) pelo competente estudo de telepatia precognitiva. Oxford e Cambridge concederam Ph. D. e M. D. respectivamente a teses de parapsicologia.

A ciência inglesa parece mais tolerante do que a norte-americana, a julgar pelo que acontece com a parapsicologia. Durante anos, a Sociedade Psicológica Inglesa tem ouvido memórias sobre pesquisas de psi. Além disso, encontram-se entre os membros da Sociedade Inglesa para Pesquisa Psíquica, inúmeros cientistas eminentes do país durante os últimos setenta anos.

Estão em curso mudanças dos dois lados do Atlântico. Há menos de dez anos a atitude das universidades inglesas acima citada pareceria espantosa. Mas os padrões de pensamento estão mudando rapidamente. Há numerosos indícios de estar o tempo trabalhando magicamente no sentido da aceitação de ESP e PC. Com o correr dos anos, e continuação da confirmação repetida e ampliação das pesquisas de psi, em breve notar-se-á aceitação passiva geral dessas aptidões fora do comum. Os temores que mencionei ter-se-ão acalmados; desaparecerá a falta de familiaridade; e alguma outra alegação nova e impressionante estará no pelourinho da controvérsia.

CAPÍTULO XI

PERPECTIVAS PARA APLICAÇÕES

DAQUI POR DIANTE VOU supor que a ciência aceitará em tempo ESP e PC e que psi é aptidão normal do homem, de natureza não-física. Precisamos agora verificar onde se engrenam ESP e PC na luta pela existência e qual o papel que representam na satisfação das necessidades práticas da vida.

A resposta atual é que não estão prontas para aplicação segura. Nenhuma dessas duas aptidões parapsíquicas é bastante fidedigna para que se possa confiar seja na vida individual seja no trabalho profissional.

Não queremos dizer com isso que a psi seja inútil, mesmo atualmente. Alguns casos de experiências espontâneas de psi apresentaram valor prático em negócios diários. Bom exemplo é o caso do testamento de Chaffin, que também apresenta a vantagem de estar bem documentado. Diz respeito a um sonho que conduziu à descoberta de um segundo testamento depois de ter sido executado o primeiro.

O primeiro testamento, devidamente testemunhado, dera toda a propriedade da família a um dos quatro filhos. No sonho que um dos três outros teve, quatro anos depois da execução do primeiro, o pai disse-lhe que procurasse o outro testamento no bolso do velho sobretudo que lhe pertencera.

Quando se encontrou o sobretudo na casa de outro irmão, descobriu-se um rolo de papel cozido nele, trazendo uma referência a certa página da Bíblia da família. Quando se abriu o volume na página indicada, encontrou-se o segundo testamento que o tribunal verificou estar escrito pela mão do pai. Por ele, a propriedade era

igualmente distribuída pelos quatro irmãos, tendo-o aceito o Tribunal de Davie County, na Carolina do Norte, sem contestação.

Este caso, sem dúvida, é excepcional. Mas há certa base para se pensar que ESP representa papel sutil em muitas resoluções de nossa vida diária. Muitas vezes temos de formular julgamentos sem conhecer todos os fatos importantes. Nessas ocasiões, a aptidão de psi pode ajudar-nos como parte da função de intuição. É capaz de entrar inconscientemente nessas impressões orientadoras que chamamos de palpites; poderia muito bem constituir fator essencial do gênio - sendo este a pessoa que, juntamente com outras qualidades, tem a facilidade de fazer uso judicioso de psi, sem confiar demasiadamente. Assim afirmo tão-só como sugestão. Queremos Somente salientar aqui ser qualquer auxílio dessa natureza proveniente da capacidade de psi adventícia e não sistemática. Psi, conforme conhecemos presentemente, não atua com percentagem de precisão que permita qualquer aplicação planejada. Seria loucura tentar utilizá-la se houvesse qualquer alternativa segura.

Encontram-se referências a indivíduos excepcionais e muito raros que parece possuírem capacidade ESP suscetível de utilizar-se com segurança quase à vontade. O psiquiatra-antropólogo sul-africano, Doutor B. J. F. Laubscher, conta o caso de um médico feiticeiro, Solomon Daba, que demonstrava repetidamente poderes de ESP dessa maneira fortuita. Citamos um dos casos experimentais do Doutor Laubscher do livro "Sexo, Costume e Psicologia". "Expliquei a Solomon Daba que não podia aceitar as numerosas alegações de poderes sobrenaturais que ele e seus seguidores faziam, a menos que os verificasse pessoalmente. Concordou em submeter-se a qualquer experiência que eu desejasse realizar. Resolvi então comprar um artigo qualquer para a minha próxima visita, verificando-lhe pessoalmente os poderes".

"Acontece que Solomon Daba vive a umas 60 milhas de Queenstown. Ao partir para o "kraal", enterrei no chão uma pequena bolsa barata, embrulhada em papel pardo. Coloquei sobre o lugar uma pedra parda chata e por cima outra de cor cinzenta. Não havia

viva alma à vista durante esta operação nem comuniquei a qualquer pessoa a minha idéia, desde que me viera à mente. Ninguém viu a bolsa desde o momento em que a comprei, nem qualquer pessoa tinha conhecimento da natureza do artigo que seria utilizado nessa experiência, senão eu. Meu ajudante ficou dentro do carro enquanto eu penetrava no mato para enterrar a bolsa. Deixando este ponto, viajei a uma velocidade de umas 35 milhas por hora. Menciono esta circunstância para afastar a explicação possível quanto a ter sido ele informado por indivíduos que corresse à minha frente.

"Pouco depois da minha chegada pedi que realizasse uma dança de sessão e disse-lhe ter preparado uma experiência. Durante a dança Solomon Daba descreveu minuciosamente a bolsa, a natureza do local onde estava enterrada, o papel pardo do embrulho bem como a cor das pedras. Durante a dança não lhe dei qualquer indicação que estava no caminho certo. Esta é Somente uma das muitas experiências em que Solomon Daba saiu-se perfeitamente bem."

No livro e na correspondência, o Doutor Laubscher cita outros exemplos notáveis dos feitos de Daba em ESP. Um destes é um caso impressionante que importa em precognição da própria conduta do Doutor Laubscher e da saúde dele com três meses de antecedência. Estas demonstrações são, contudo, semi-espontâneas; e ainda é de duvidar se Daba seria capaz de continuar nesta mesma proporção de sucessos. Seria de grande importância sabê-lo. De qualquer maneira, a confiança que merecem as informações do Doutor Laubscher não se compara aos nossos círculos mais artificiais de ESP.

O motivo por que nos é impossível utilizar confiantemente estas aptidões não é a falta de controle sobre elas. As aptidões têm de ser voluntárias para que seja possível dirigi-las a alvo especificado em tempo fixado. Por que, então, não podemos orientá-las para os segredos militares, comerciais, geológicos, científicos e outros mais, que nos seria tão conveniente descobrir? Não será porque essas aptidões sejam demasiado fracas; pelo menos são às vezes bastante fortes em certos indivíduos. Se fosse possível a esses indivíduos se desempenharem sempre da melhor forma possível, os que

conseguissem 25 sucessos ininterruptos nas experiências de ESP seriam infalíveis. Bastaria tão-só descobri-los e fazê-los trabalhar. Mas se ESP parece por demais fraco, como acontece geralmente, por que não seria possível cultivá-los ou desenvolvê-los? Melhoram-se outras aptidões mediante o exercício; por que não se submete a psi a aprendizagem?

A resposta reside em uma feição única de psi - que tanto se aplica a ESP como a PC. A psi é função incrivelmente esquiva. Nada queremos dizer com isso senão simplesmente que ESP e PC têm sido fenômenos de difícil demonstração, os mais difíceis talvez que a ciência até hoje encontrou. Não porque exista pouca aptidão psi no universo ou que os esforços realizados para captá-la têm sido inábeis ou que pouco se tenha feito para descobri-la.

A resposta está evidentemente na direção oposta. Psi ficou fator desconhecido durante tanto tempo, esquivou-se ao pesquisador tão eficazmente e permaneceu em geral tão pouco fidedigna, em virtude da característica definida de impalpabilidade inerente à sua natureza psicológica.

*

A história inteira da pesquisa de psi confirma essa impalpabilidade. Quase todas as dificuldades experimentais dela se originam. Até mesmo os outros problemas a que se entrelaça às pesquisas de psi podem filiar-se indiretamente a esta mudança natural de ESP e PC. Em conseqüência, é importante examinar o efeito dessas dificuldades no trabalho com psi, porque mostram exatamente com o que nos defrontamos na questão da aplicação dessa aptidão. Realmente, desde que nos fosse possível superar as dificuldades experimentais básicas com ESP e PC, ficariam asseguradas aplicações fidedignas.

O melhor ponto para começar é o próprio experimentador. Conforme vimos anteriormente, ESP e PC se esquivam inteiramente de certos experimentadores. Alguns dos que realizaram experiências de ESP ou PC referiram não ter encontrado qualquer prova de

aptidão de psi. Esses experimentadores mal sucedidos constituem pequena minoria e em vários casos análise posterior dos resultados por processos melhorados revelaram provas não reconhecidas a princípio. Há, porém, experimentadores que fracassam. Talvez o defeito esteja com os sujeitos, mas observaram-se casos em que um sujeito que deu bom resultado com um experimentador Somente acusou resultados correspondentes à probabilidade com outro. A vista desses resultados, é evidente que não só o experimentador representa papel importante no sucesso de experimentação com psi, mas que esta deve, de fato, serem aptidões muito delicadas, visto mostrar-se tão sensível a diferenças individuais nas pessoas que conduzem a experiência.

Assim também experimentadores uma vez bem sucedida podem chegar a perder esse dom. Conhecem-se casos em que os pesquisadores encontraram provas de aptidão de psi em uma ou mais séries experimentais e não foram tão bem sucedidos em séries posteriores, embora em condições experimentais idênticas. Compreende-se essa deficiência, em vista da perda da curiosidade e entusiasmo iniciais, mas serve também para mostrar a extrema esquivança de psi.

Independentemente do experimentador, contudo, existe muito pouca estabilidade quanto à aptidão de psi. Mesmo quando não muda o experimentador um sujeito é capaz de conseguir boa percentagem em um dia e má em outro; na verdade, pode mudar de dia a dia ou até mesmo de minuto em minuto. A psi é realmente a aptidão mais variável de que haja notícia. Por exemplo, nas experiências com a menina Lillian, já mencionadas, a Srta. Pegram começou conseguindo sucessos Somente pouco acima da probabilidade. Em seguida, certo dia, Lillian conseguiu 23 acertos e na sessão seguinte 25, declinando depois novamente para o nível da probabilidade. As condições mantiveram-se idênticas. Foi Lillian que mudou. O ESP funcionou com precisão quase perfeita em dois exames, cada um talvez com a duração de um minuto, mas depois se tornou notável pela esquivança.

Via de regra, o sujeito se inutiliza se continua por muito tempo na mesma experiência. Nada poderia ser mais calculado para fazer o experimentador torcer as mãos em desespero do que observar a deterioração de um bom paciente, como se tem dado tantas vezes. Muitas vezes algum acidente ou alteração de circunstâncias dão a impressão de fazer com que o sujeito perca a capacidade de sair-se bem na experiência; mas todos os sujeitos que conseguem alta percentagem de acertos quando continuam a atuar por muito tempo declinam, ocorra ou não qualquer acidente. Entre os sujeitos que conseguiam grande número de acertos nas primeiras experimentações de Duke, houve um que perdeu a aptidão durante uma crise emocional por que passou. Outro deixou de sair-se bem após o casamento. O sujeito que acusava a mais alta contagem de acertos até então registrada, que o Doutor Reiss investigou, declinou para o nível da "probabilidade" depois que sofreu uma crise nervosa que acarretou tratamento de hipertiroidismo. Muitos outros sujeitos de contagem elevada esgotaram-se simplesmente, alguns pouco a pouco, outros como a menina Lillian de uma só vez. Somente um caso revelou melhoramento, o sujeito extraordinário descoberto por Martin e Stribic na Universidade do Colorado. A contagem deste caía durante as férias mas subia imediatamente durante o ano seguinte. Todavia, a média baixou de ano em ano.

E um campo desconcertante de pesquisa. Destruímos os fenômenos na mesma ocasião em que pretendemos demonstrá-los. Evidentemente, as próprias experiências prejudicam as aptidões que se pretendem avaliar.

Sem dúvida alguma, qualquer espécie de experiência em qualquer campo é artificial. Contudo, tal artificialidade é particularmente importante no que diz respeito aos seres humanos e, quando se trata de aptidões delicadas, adquire importância excepcional. Haverá, sem dúvida, certas situações em que a psi funcione de maneira fidedigna. Pode acontecer que as limitações residam inteiramente em nossa ignorância das condições apropriadas para a experiência. Sabemos que os fenômenos de psi ocorrem espontaneamente, parecendo muitas vezes tais casos espontâneos

impressionantes e extraordinariamente precisos. Se juntarmos o fato experimental que grande número de sujeitos consegue maior êxito no começo dos exames, declinando à proporção que prosseguem, parece que o fator decisivo que perdemos durante a experiência é a espontaneidade. E provavelmente começamos a perdê-la logo que o sujeito se encaminha para o laboratório. A simples antecipação da experiência e a percepção de a ela submeter-se é fatal ao interesse espontâneo.

A espontaneidade é naturalmente tão-só o oposto à realização controlada. Dizer que a psi exige espontaneidade para as operações equivale a dizer que consegue fugir com êxito à tática atual de pesquisa. Evidentemente, não é possível trazê-la a controle fidedigno, enquanto tal aconteça. Sempre que lhe deitamos a mão em situação de experiência continua a escapular através da estrutura da experiência, deixando Somente um rastro de declínios para registrar o progresso do seu desaparecimento.

ESP e PC nos escapam, contudo, também por outras maneiras. Nota-se muitas vezes esquivança definida e inconfundível em relação ao alvo. Esta rejeição do alvo deprime a percentagem de acertos abaixo da média provável, e, se continuar por muito tempo, como tem acontecido em várias pesquisas, o desvio negativo total alcança um ponto em que não se pode atribuí-lo ao acaso. Tem sido interessante e proveitoso descobrir alguns casos que não se podem atribuir ao acaso, mas a dificuldade está em que nem sempre são puros. Às vezes, o sujeito acerta do lado negativo da linha de probabilidade média em uma sessão e do outro lado na seguinte. Talvez nem mesmo saiba qual a causa da oscilação. Pior ainda, pode começar o exame de um lado da média e passar para o outro lado exatamente quando o exame está para terminar; ou pode ficar abaixo da média no meio do exame e acima nas duas extremidades. As duas tendências do desvio podem cancelar-se mutuamente e a série fornecer em conjunto média próxima da "probabilidade". Contudo, mesmo que não acuda ao estatístico qualquer dúvida com relação à atuação da psi, não será possível qualquer aplicação fidedigna de faculdade tão variável.

O deslocamento é outra forma de intrigar da esquiva que se encontra em ESP. O leitor deve estar lembrado de que Carington e Soal verificaram a tendência do sujeito em acertar o alvo adjacente ao que se tem em mira. Isto é, adianta-se para a carta ou desenho que se tem de usar na experiência seguinte ou volta atrás para a que se acabou de utilizar. A dificuldade resultante desse efeito não seria demasiado séria se o deslocamento fosse Somente regular de sorte a saber-se que o sujeito estava acertando na carta adjacente imediatamente precedente quando visa o alvo escolhido. Contudo, o deslocamento pode ocorrer não só em qualquer das duas direções, para frente ou para trás, mas pode acertar em outras cartas que não as imediatamente adjacentes. Por exemplo, quando Soal e Gardner estavam realizando experiências com o sujeito B. S., o deslocamento tanto se dava para frente ou para trás quando um dos emissores olhava para a carta, e Somente para frente quando outro indivíduo funcionava como emissor; e dependia da rapidez da experiência a passagem da primeira para a segunda carta a partir do alvo. Evidentemente, poder-se-ia perder por completo o efeito real da ESP em semelhante deslocamento; perdeu-se durante algum tempo quando B. S. se submeteu pela primeira vez à experiência com o Doutor Soal, ocasião em que ainda não se estava investigando o deslocamento. Esta facilidade de deslocamento do ESP está longe de vir em auxílio da utilização de semelhante aptidão.

Sem dúvida, sabemos ser legítima essa esquiva de psi. Há motivos para ela. Concebe-se perfeitamente que a simples descoberta dessas esquisitices constitui progresso no sentido de compreendê-las. Mas não há dúvida quanto a constituir obstáculo à aplicação favorável como igualmente quanto se tornar fonte de dificuldades para a pesquisa.

*

As dificuldades experimentais com ESP e PC não são únicas, mas outras ainda resultam por igual da esquiva de psi.

Quero referir-me às dificuldades sociais que acompanham os problemas de pesquisa, resultantes da incerteza da demonstração e da estranheza da interpretação de psi. Incerteza mais falta de ortodoxia equivalem à superstição. Os homens são constituídos de forma tal que, antes de aceitar uma alegação não-ortodoxa, desejam ter toda certeza em relação ao fenômeno que se oferece em apoio. O grau de incerteza que acompanha as demonstrações de ESP e PC tornou particularmente acidentado o caminho da pesquisa de psi.

A ciência não existe no vácuo. Tem grande importância para o cientista saber o que pensam do trabalho que está realizando. Considerações sociais lhe afetam não só a felicidade, reputação, meio de vida, mas também a própria possibilidade de ser capaz de continuar a trabalhar no campo que escolheu; e tudo isso depende do fator de incerteza de que estamos falando.

*

Além de todas essas dificuldades depara-se ainda com uma característica singular de psi. Existe certo aspecto comum de ESP e PC que entende não só com as dificuldades sociais e experimentais e incertezas mencionadas, mas também com a inaplicabilidade atual das aptidões psi. Se for possível remover tal característica todas as dificuldades desaparecerão.

Esta propriedade essencial do processo psi é a inconsciência. Na maior parte das vezes, o sujeito não tem consciência do exercício seja de ESP seja de PC. Não percebe quando e como qualquer dos dois ocorre. Não sabe se ocorreram e não possui convicção fidedigna do sucesso ou fracasso: tem de descobrir por meio de percepção sensorial se a capacidade de psi funcionou.

Podemos observar-nos introspectivamente no exercício da percepção sensorial, da memória, do ato de aprender, da experiência emocional e outras atividades mentais mais comuns. Mas as realizações de psi não se prestam à introspecção. Parece muito difícil trazê-las à consciência.

Tem-se examinado pacientes com relação à percepção de terem acertado em experiências de ESP. Mas até agora nenhum deles foi capaz de revelar qualquer percepção introspectiva eficaz do que se está passando, da ocasião em que ocorre o ESP, e se trabalhou com precisão.

Suponhamos por um momento que se encontrasse maneira introspectiva de observar ESP e PC. De imediato desapareceriam todas as dificuldades importantes que mencionamos. Todos que possuíssem aptidão ESP a demonstrariam com eficiência perfeita, visto como não haveria necessidade de registrar qualquer resposta até que houvesse certeza consciente da atuação da função psi. Seria esta a verdade, por menos freqüente que fosse a ocorrência de ESP. Seria Somente questão de conceder-se-lhe tempo para operar, Talvez fosse vagarosamente mas seria verdadeiro.

Não se observariam quaisquer desvios negativos, deslocamentos ou declínios. Se o paciente tivesse consciência da própria função psi, não lhe permitiria esquivar-se. Não rejeitaria o próprio símbolo que tentava identificar, não chamaria um adjacente em lugar dele, e não perderia temporariamente a aptidão depois de ter realizado algumas experiências iniciais. Tanto serviria um experimentador como outro, desde que sutis relações pessoais têm menos importância para aptidões conscientemente controladas. Não haveria necessidade de complicadas avaliações estatísticas em muitas pesquisas, eis que seria possível recomendar ao paciente esperasse adquirir absoluta certeza para cada experiência. A pesquisa ficaria livre de quase todas as atuais dificuldades.

Verificar-se-ia igualmente uma revolução do lado social da pesquisa. Se um só sujeito possuísse certeza introspectiva do funcionamento da aptidão psi, não seria preciso muito tempo para que a certeza da possibilidade de repetição da demonstração fizesse cessar todas as dúvidas. Os laboratórios exibiriam e publicariam orgulhosamente a pesquisa sobre psi que se esconde do público por motivos de diplomacia. Os redatores de revistas científicas receberiam de braços abertos relatórios de trabalhos favoráveis a ESP e PC. Obter-se-iam no devido tempo fundos para as pesquisas

das fundações filantrópicas mais conservadoras. A maldição contra a parapsicologia, real ou imaginada, desapareceria repentinamente.

*

Se fosse possível submeter ESP e PC a controle consciente, seriam de esperar algumas aplicações surpreendentes. Contudo, impõe-se uma recomendação: até mesmo a mais cautelosa predição do que resultaria havia de parecer fantástica e inacreditável. Portanto, antes que comecemos a esboçar algumas conseqüências importantes do controle consciente sobre psi, permitam lembrar que todos os setores mais antigos da ciência passaram por expansão comparativamente surpreendente como a que estamos para descrever. Naturalmente, em cada caso, tal expansão teria parecido incrível a qualquer pessoa a quem se apresentasse de antemão.

Prepare-se, portanto, o leitor para uma dose do incrível nos parágrafos que se vão seguir, escritos na suposição de que alguns sujeitos de ESP sejam capazes de desenvolver controle consciente da respectiva aptidão. E tudo. Consideremos o que aconteceria.

Tais indivíduos em breve transformariam o mundo das relações humanas. Assestar-se-ia um holofote sobre todos os segredos do homem e da natureza. Já sabemos que a distância e outras barreiras nada significam para ESP. Não seria possível tomar medidas defensivas contra essa penetração parapsíquicas. Se o espírito, limitado como é presentemente, é capaz de identificar certa carta de um baralho situado a mil milhas de distância, o que impediria alcançar-se qualquer conhecimento, oculto em qualquer ponto do mundo, por meio dessa aptidão? O indivíduo precisaria Somente saber quando está certo. A única suposição que formulamos é relativa a este conhecimento adicional. Pode continuar a tentar e a esperar a percepção consciente de um acerto antes de registrar as impressões. Tempo e bastantes pacientes, mesmo que Somente disponham da aptidão psi já demonstrada, farão o resto.

As conseqüências para os negócios mundiais seriam verdadeiramente fantásticas. Seria possível acompanhar e revelar

planos de guerra e projetos insidiosos de qualquer natureza, em qualquer parte do mundo. Dispondo-se de tal revelação, não seria provável ocorressem guerras. Não haveria vantagem na surpresa. Qualquer arma secreta ou plano estratégico estaria sujeito à denúncia. As nações ver-se-iam livres do temor suspeito umas em relação às outras quanto a maquinações secretas.

Difícilmente poderia existir o crime logo que se removesse por essa maneira a capa de invisibilidade. O suborno, a exploração e o rapto não poderiam subsistir se as conspirações obscuras dos maus fossem patenteadas à luz do dia.

Haveria naturalmente a possibilidade de abusar-se de tal poder, mas até agora a criação de uns instrumentos destinados a expandir o domínio do conhecimento só tem multiplicado os benefícios genuínos que os homens têm desfrutado em conseqüência. Lance-se mais luz sobre qualquer setor das relações humanas e os males existentes desaparecerão como vermes que odeiem a luz.

Até agora se tem utilizado o ESP como defensivo. Mas a contribuição de aptidões de psi fidedignas para metas mais positivas igualaria o valor protetor. A ciência conseguiria outra extensão para a percepção, mais penetrante do que todos os instrumentos até hoje inventados. Nenhuma doença oculta, nenhuma epidemia ameaçadora, nenhuma fonte obscura de perigo para a sociedade poderia esconder-se da perspicácia extra-sensorial orientada para descobri-la. Seria possível fazer mapas da riqueza escondidos do mundo, mineral ou não. Que mistérios da cena terrestre poderiam persistir em face da percepção ultramicroscópica que representaria a percepção psi? Que problemas do universo ficariam por muito tempo sem solução por falta de meios de observação?

Disse que havia de parecer fantástico e inacreditável. Entretanto, o quadro traçado nestas breves palavras é moderado. Além disso, Somente versou um único aspecto da aptidão psi, o de ESP. Não se formulou qualquer hipótese quanto à expansão da aptidão por meio da aprendizagem, embora fosse natural supor que se realizasse semelhante desenvolvimento. O aperfeiçoamento da eficiência de ESP está atualmente limitado pela inconsciência do processo. A

aprendizagem exige a percepção do sucesso ou fracasso do esforço; de outro modo, não pode haver orientação intencional do processo respectivo de sorte a imprimir-lhe a direção necessária ao sucesso. Naturalmente é impossível guiar um processo inteiramente inconsciente.

Passemos agora às aplicações possíveis de PC se submetesse à orientação consciente. A imaginação reporta-se imediatamente à medicina psicossomática e à aptidão do espírito para curar o próprio corpo. A visão de PC orientado conscientemente como medida terapêutica poderosa torna-se imediatamente possibilidade razoável. Lembrem-se agora terem mostrado as experimentações que a massa, a distância e outras características físicas, segundo as experiências até agora realizadas, não influem de modo algum na demonstração de PC. Suponhamos que essa aptidão do espírito sobre a matéria não tem limites físicos, mas Somente mentais. Hesita-se em formular o sentido total dessa modesta hipótese da qual dependem todas aquelas conseqüências - descobrir como fazer com que o efeito PC seja dirigido conscientemente.

E preciso aceitar o fato: a PC importa em outra força natural. O homem descobriu até agora grande variedade de formas naturais de força, em número demasiado grande para que se recapitem aqui. As diversas forças hidráulicas, a do vapor, a da combustão do gás, a das explosões químicas, a energia elétrica, as formas da força a jato, e mais recentemente a energia atômica. Mas não são todas. Deveríamos estar agora prontos para aceitar os estádios iniciais do desenvolvimento de nova força. Naturalmente cada uma dessas formas de força foi à dada ocasião muito fraca e precária em suas manifestações. Cada uma delas deve ter parecido estranha e inacreditável à primeira audiência a que a apresentaram. Não devemos ficar surpreendidos ao passar em revista as reações a descobertas anteriores ao verificar que a força psicocinética apresenta quadro bastante característico de fenômeno muito novo.

Quando Franklin fez experiências com a centelha elétrica procurou uma correlação na natureza e examinou o relâmpago. Quando se medita sobre as pequenas "centelhas" manifestadas pela

força PC nos resultados de experiências com dados, recordamo-nos de relatos de acontecimentos físicos excepcionais, como o arrebatamento da faca de cortar pão do psiquiatra, anteriormente referido. E desfilando através do palco da memória apresenta-se uma lista inteira de relatórios sobre fenômenos que, conforme relatados, implicariam em grande quantidade de força em comparação à que revela o efeito PC sobre os dados. Encontram-se pelo menos alguns desses acontecimentos violentos para cuja rejeição não é possível dar outro motivo senão a falta de explicação natural. Não estou insistindo em recomendar que se aceitem tais acontecimentos como verdadeiros, mas ao invés desejo registrar a esperança de ver algum dia um Franklin determinar experimentalmente se qualquer desses fenômenos físicos espontâneos indicados será manifestação de PC como se mostrou ser o relâmpago a mesma eletricidade na famosa experiência da cafifa.

*

Não serão do agrado de alguns leitores estas deduções imaginosas. Outros pedirão maiores estudos. Cada um lhes dará a importância que julgar conveniente. A importância de penderá em grande parte da possibilidade de adquirir-se compreensão a respeito de ESP e PC mediante o desenvolvimento da introspecção.

Há, contudo, algumas provas fragmentárias de ser o ESP consciente algumas vezes. Quase nada de experimental se encontra sobre o assunto, mas inúmeras experiências espontâneas de psi deixam o percipiente com a segurança de ter recebido impressão correta. A experiência por que passou foi quase, senão inteiramente, consciente. Um tipo comum consiste de percepção altamente emotiva de morte repentina, inesperada de alguma pessoa amada ausente. Em contraste com a operação de ESP nas experiências, esta impressão é às vezes tão nítida que não há persuasão que convença o percipiente de tratar-se simplesmente de um sonho ou de imaginação desfigurada.

Embora esta modalidade de ocorrência seja comum, talvez seja conveniente dar um exemplo. Um dos meus companheiros do corpo de funcionários do Laboratório de Duke contou-me que, quando era moço, partiu em companhia de um grupo de amigos para uma viagem de uma semana e mal tinham decorrido algumas horas sentiu que algo de anormal acontecera em casa. Voltar significava ter de renunciar à diversão há muito antecipada da expedição; entretanto, estava tão certo do que sentia que resolveu voltar, apesar dos protestos dos companheiros. Encontrou a casa em cinzas!

Quando, conforme se deu neste caso, a convicção é tão forte que conduz a maneira de proceder aparentemente irracional, não pode haver dúvida de que existe certeza interna da experiência. E verdade que ocorrem impressões errôneas de semelhantes tragédias, especialmente entre indivíduos menos estáveis, e mais uma vez devemos declarar que não consideramos tais experiências espontâneas como confirmadoras de ESP. Sugerimos, contudo, que, se ESP está atuando nas experiências relatadas, como parece muito provável em vista da experiência a ele favorável, em tais casos rompe freqüentemente através do limiar da consciência com clareza indiscutível.

Muito comumente, experiências de psi que tragam consigo tais sentimentos de certeza ocorrem em sonhos ou estados correlatos. Entretanto, quem sonha desperta com forte convicção da significação do que sonhou, insistindo muita vez que não estava sonhando.

Recentemente, um médico enviou-me a seguinte história: "Na manhã de 18 de novembro de 1945 o Senhor W. foi acordado pelos soluços da mulher que dizia: 'Jack morreu!' Era o filho mais velho do casal, soldado, que devia voltar da área do Pacífico. Não foi possível ao Senhor W. acalmá-la, tendo chamado um médico que lhe deu um sedativo. Cinco dias depois, a 23 de novembro, reproduziu-se o mesmo fato; veio novamente o médico, mas desta vez a Sra. W. estava tão transtornada que a levaram para um hospital a fim de submeter-se a exame psiquiátrico. Não havia qualquer motivo para esperar más notícias a respeito de Jack. A guerra terminara.

Contudo, na tarde do dia 23 chegou um telegrama anunciando que ao voltar o rapaz tinha morrido em um desastre de avião em Havaí a 17 de novembro. Depois da experiência por que passou na manhã do dia 18, a Sra. W. não vacilou um momento quanto à convicção de que o filho estava morto."

Estudo extenso de casos desta natureza poderia vir grandemente em auxílio das nossas pesquisas. Precisamos saber de todos os casos comparáveis por causa dos indícios que podem fornecer. Talvez seja valiosa a indicação de ocorrerem tantas experiências psi das mais fortes durante o sono ou de estado que dele se aproxime. Será mais fácil então lograr os processos conscientes que ocupam normalmente o centro do palco mental. Pode ser que baixe o limiar da introspecção. Com certeza, seremos menos críticos. Mui provavelmente será possível conseguir valioso auxílio em relação a este problema por parte dos psicanalistas que têm sido pioneiros na análise de sonhos. Muitos têm manifestado interesse por ESP, especialmente nas ocorrências espontâneas.

Veza por outra, nas experiências de ESP uma pessoa refere uma centelha de convicção relativamente à correção de uma resposta, exprimindo tal certeza emocional que não deixa dúvida sobre a ocorrência de vislumbre introspectivo excepcional. Por exemplo, um indivíduo estava uma vez tomando parte em uma experiência de clarividência, na qual um colega e eu estávamos manuseando o baralho de cartas ESP a uns vinte pés atrás dele. De repente elevou a voz e disse: "Estrela! As três seguintes são estrelas!" Eram mesmo; e a excitação emocional evidente da pessoa ante a certeza inexplicável nos convenceu ser estranha a experiência. Mas não se repetiu. E muito poucas observações semelhantes encontram nas experimentações.

Apesar disso, essas poucas respostas excepcionais em experiências, juntamente com as experiências espontâneas indicam ter-se verificado muitas vezes a invasão de ESP na consciência e aquilo de que se precisa é um meio de conservar aberta por períodos mais longos esta janela introspectiva bruxuleante.

Os experimentadores precisam concentrar-se no problema do controle consciente. É estratégico. Se fosse possível conseguir a realização de certo número de linhas paralelas de investigação que convergissem sobre o problema, poderíamos esperar acuí-lo em ordem razoavelmente curta. Um desses projetos nos conduziria ao estudo de certos estados de espírito particulares provocados por sugestão, por drogas, ou por disciplina mental de vários tipos, em busca de maneira que permitisse baixar o limiar de sorte a ser mais fácil à psi cruzá-lo.

Relativamente a esta questão, encontram-se muitas linhas sugestivas dignas de exame. Por exemplo, o curandeiro ou feiticeiro como Solomon Daba poderá ter algo a nos ensinar. Conforme disse, os observadores dispensam confiança excepcional a alguns desses profissionais iletrados. O antropólogo inglês Geoffrey Gorer cita no livro *A f rica Dances* informações minuciosas fidedignas que lhe foram fornecidas por ocasião de uma visita que ele juntamente com um companheiro por nome Benga fez a feiticeiros naturais da costa ocidental da África:

"Nosso patrono e intérprete estava com o feiticeiro. Depois de algum tempo saiu e disse-me: O Senhor vive em uma casa branca em uma montanha, cercada de árvores; sua mãe e dois irmãos estão passeando à sombra das árvores, descrição mui apropriada da minha casa e da família; e era muito provável que a 25 de junho estivessem passeando à tarde pelo jardim. Depois se voltou para Benga e disse: o Senhor não tem casa. No que considera como sua casa há muita gente. Suas duas irmãs estão bem mas o seu padrasto adoeceu há dois dias; vai sarar, contudo, antes que volte a vê-lo." Era exato em todos os detalhes: a 23 de junho, o padrasto de Benga adoecera gravemente, conforme verificamos ao chegar a Dakar, e estava convalescendo antes de chegarmos. Na ocasião, estávamos a mais de mil milhas de Dakar e não havíamos recebido qualquer comunicação daquela cidade durante a maior parte do mês." Uma telefonema para casa poderia dificilmente ter fornecido informações mais específicas e importantes do que as que nos deu Benga.

As possibilidades destes casos mais esquisitos devem ser minuciosamente exploradas por todos os meios; e o desafio é excitante. Mas nesse ínterim devemos levar por diante energicamente o programa já iniciado favoravelmente pelos Drs. Humphrey, Stuart e Schmeidler. Este programa, que cogita dos aspectos da personalidade associados a contagens elevadas e baixas em experiências de psi, já nos proporcionou bastante certeza para justificar a esperança de que seja o caminho para o desempenho controlado.

Existe ainda outra sugestão tentadora. Se estivermos tratando de processos inconscientes, por que não utilizar respostas inconscientes para registrar as impressões importantes, conservando assim todo o processo inconsciente? Se o percipiente adquire inconscientemente conhecimento ESP que o registre por movimento muscular inconsciente. Existem vários automatismos que se prestam a este fim: escrita automática, emprego do tabuleiro de Ouija, ou a varinha mágica. Tem-se realizado alguns exames sérios do valor dessas maneiras de resposta automática, mas acho razoável dizer que o reino do automatismo é capaz de muito realizar com um bom estudo experimental exaustivo à luz dos processos, padrões e penetração em parapsicologias mais recentes.

Deve confessar-se que ninguém tem procurado aplicações práticas para a parapsicologia. Raramente tem-se pensado em tais possibilidades. Expliquei na primeira parte deste livro como o campo da parapsicologia foi patenteado em grande parte pelo interesse na contribuição que seria capaz de trazer à natureza do homem. Para todos quantos se dedicam a esta matéria, acho que esse objetivo primitivo ainda se situa muito acima de qualquer ou de todas as considerações práticas suscetíveis de serem relacionadas.

Conforme me esforçarei por indicar no capítulo restante, mesmo as descobertas que se realizaram até o presente em relação à natureza do homem comparam-se favoravelmente em significação social à utilidade totalmente provável de psi, que acabamos de esboçar teoricamente.

CAPÍTULO XII

CONSEQÜÊNCIAS PARA AS RELAÇÕES ENTRE OS HOMENS

COMPARADAS ao que ainda resta por descobrir, as descobertas que passamos em revista nas páginas precedentes são pequenas. Quase todos os achados fizeram surgir mais perguntas do que respostas. Temos estado mais a abrir novo campo de pesquisas do que esgotando campo antigo, e as pesquisas de psi foram mais exploratórias do que explicativas.

Verificamos existir certa aptidão para aquisição de conhecimentos que transcendem as funções sensoriais. Esta aptidão extra-sensorial pode dar-nos, sem dúvida, conhecimento de estados objetivos e mui provavelmente também subjetivos, conhecimento da matéria e mais provavelmente do espírito. Ficamos também sabendo que o espaço e o tempo não afetam este processo, como acontece com os fenômenos que se sabe serem físicos; daí seria de deduzir que na atividade ESP o espírito é capaz de transcender o intermediário físico, como também o sensorial. Não depende de qualquer espécie de princípio físico que se conheça ou que seja possível derivar da física do espaço-tempo dos nossos dias.

Nas experiências de PC, o espírito reage com o próprio objeto de maneira que parece não-física, produzindo, entre tanto, efeitos

físicos. O que é mais, PC se integra bem com ESP, constituindo os dois uma função psi geral, que por sua vez é possível harmonizar inteiramente com o espírito normal do indivíduo, se omitirmos do quadro o processo sensorial e motores mais fisiológicos. Em outras palavras, os fenômenos de ESP e PC são manifestações da personalidade normal sob as condições peculiares impostas à experiência.

As pesquisas de psi mostram que o espírito humano natural pode fugir aos limites físicos sob certas condições. O espírito atua reciprocamente com a matéria não só na relação pensamento-cérebro mas em certa espécie de contato com objetos externos nas experimentações de ESP e PC. Todavia, esta ação psicofísica não obedece às leis comuns da física; parece antes obedecer a princípios orientadores já conhecidos na motivação humana. Atua como seria de esperar por parte do espírito, mas diferentemente da matéria. Assim sendo, demonstrou-se diferença distinta entre espírito e matéria, dualismo relativo, por meio das experiências com psi; e, queiramos ou não, a prova acumulada é esmagadora.

Entretanto, em virtude da própria ação mútua, o espírito e o objeto se tornam funcionalmente sistema único, limitando o dualismo existente. O espírito e o cérebro têm de integrar-se igualmente ao atuarem um sobre o outro no processo normal da experiência. Presumivelmente, a operação recíproca do que chamamos espírito e matéria ocorre devido a propriedades comuns. A ação psicofísica exige terreno básico em comum, cuja presença por enquanto somente é possível inferir. Talvez seja uma espécie de "continente submerso" de causalidade, exigindo para as descobertas técnicas de sondagem ainda não disponíveis para a ciência. De qualquer maneira é simplesmente bom-senso supor a existência necessária de certa base para a ação recíproca psicofísica, visto como tal ação ocorre.

A instituição do espírito como distinto do cérebro sob certos aspectos fundamentais vem em apoio da idéia psicocêntrica do homem. Isto significa que o espírito é um fator de pleno direito no esquema total da personalidade. Em conseqüência, o mundo pessoal

do indivíduo não tem inteiramente por centro as funções orgânicas do cérebro material.

*

Formulou-se o problema fundamental da natureza humana logo no início em termos da teoria conhecida da alma porque contribui para identificá-lo. Foi um conceito mínimo da alma, equivalente à idéia do espírito como sistema não-físico. Mas esta significação é provavelmente a única universal que essa palavra possui. Certos teólogos têm, sem dúvida, muitos outros significados para a palavra, mas não pretendemos tratar aqui de tais empregos. Pergunta-se simplesmente: "Existe algo extrafísico ou espiritual na personalidade humana?"

A resposta experimental é afirmativa. Há provas atualmente da existência de tal fator no homem. A hipótese da alma conforme definida foi instituída, mas tão-só como definida. Somente se cogitou da realidade elementar - não do caráter sobrenatural, não da origem divina, da transmigração, da imortalidade. Não se tratou aqui dos complicados embelezamentos especulativos que acompanharam a teoria da alma através da longa história religiosa e dela não teria sido possível cogitar de qualquer maneira até que primeiramente se esclarecesse existir algo essencialmente além do físico no ser humano.

O que se achou pode chamar-se alma psicológica. Semelhante caracterização servirá por enquanto para distingui-la do conceito teológico de alma. Verdade é que, até o ponto a que chegamos, não há conflito entre essa alma psicológica e a significação teológica comum do termo. Os dois conceitos divergem quando se alcança o domínio ainda não investigado por processos científicos. Convém salientar que, sem a instituição desta hipótese da alma limitada, não haveria motivo para prosseguir com a investigação de outros aspectos da teoria da alma conforme a representa a doutrina religiosa.

O primeiro passo foi essencial, embora modesto. Firmou um ponto que milênios de discussões não conseguiram estabelecer. Este começo representa a viravolta de três séculos de domínio da ciência da natureza humana pela teoria materialista. Terá finalmente significação das mais revolucionárias, embora seja lenta a realização do efeito total. As viravoltas não são nunca repentinas.

*

Resta ainda o tema que mais importa para nós: o efeito que se deva esperar sobre as relações entre os homens dos progressos científicos que discutimos. Evidentemente, o objetivo social mais elevado consiste em instituir relações humanas mais felizes mediante a criação de um código de vida universalmente melhor. Os pesquisadores cada vez mais se convencem da necessidade de medir as produções intelectuais pelos padrões de possível melhoramento cultural.

Sem dúvida, não se devem basear as boas relações humanas na fé ou em conjecturas. Somente poderão resultar da compreensão do que são os seres humanos; e o eixo natural de todo conhecimento das relações humanas deverá ser a ciência da psicologia. Através dos anos, o "eixo" tornou-se perniciosamente excêntrico ou fora de centro devido à pressão elevada das escolas materialistas do pensamento. Mas é a própria psicologia que ficará agora mais radicalmente afetada pelos novos desenvolvimentos originados de uma subdivisão, a parapsicologia. Parece razoável dizer que esta influência corretiva poderá, dentro em pouco, tornar-se bastante forte para dominar a excentricidade atual. Reveste-se de importância saber, na realidade, quanto tempo será preciso.

Nas condições atuais, o foco do interesse mundial gira em torno à psicologia como nunca antes. De todos os ramos da ciência, o estudo da natureza humana deve ser promovido vigorosa e ardentemente por todos os meios possíveis, se tivermos de evitar o caos mundial de que fomos solenemente avisados e chocantemente lembrados. Homens ponderados já estão temendo seja muito tarde,

que a nossa ignorância das forças existentes dentro de nós venha a causar a nossa destruição antes que nos seja dado a ela remediar e neutralizar-lhe as terríveis conseqüências.

Esperam-se grandes mudanças, fundamentais, na psicologia. Uma vez firmada a idéia psicocêntrica do homem, a psicologia torna-se mais uma vez, de maneira mais significativa, a ciência da vida mental. O homem como pessoa volta ao centro do palco psicológico, em lugar do artefato de comportamento, o autômato cerebrocêntrico, que o haviam suplantado.

Assim também a psicologia terá agora o próprio reino distinto de estudo. Não será mais simples extensão da fisiologia. A ciência da psique tem princípios peculiares próprios, limites definidos, individualidade própria. O verdadeiro domínio começa para ela onde cessa a fisiologia sensorimotor, embora atualmente ninguém esteja em condições de conjecturar quais sejam os limites exteriores e toda a sua extensão.

A muitos agradará esta mudança de centro para a psicologia. Serão principalmente os que ora trabalham com pessoas, precisando desesperadamente melhor compreendê-las. A psicologia entrará agora em relação mais efetiva com as necessidades práticas da cultura atual. Começará a compreender os homens conforme vivem não conforme se assemelhem a sistemas físicos comuns.

Mais importante ainda, os homens compreenderão a psicologia e a utilização. Qualquer amplo setor dos negócios humanos - religião, educação, higiene mental, economia, governo, ética - terá finalmente de sofrer a influência da mudança radical, que parece inevitável em psicologia, exatamente como a medicina há algumas gerações sofreu a influência da descoberta biológica revolucionária da infecção bacteriana.

Não nos será possível acompanhar aqui todas as conseqüências da psicologia psicocêntrica para as inúmeras relações humanas afetadas. Só dispomos de espaço suficiente para duas amplas diretrizes de discussão: a significação das descobertas da parapsicologia em relação à religião e à moralidade.

*

O que a parapsicologia descobriu a respeito do homem afeta mais diretamente a religião. Apoiando em base experimental, o conceito psicocêntrico da personalidade, que as religiões haviam presumido, a parapsicologia já demonstrou a importância que tem para o campo próprio à religião. É possível transladar, sem grande dificuldade, a maior parte dos dogmas principais da religião em problemas experimentais de parapsicologia. Uma e outra tratam de problemas e doutrinas que têm por centro órgãos pessoais no universo, não aceitos nas ciências ortodoxas. Uma e outra têm em mira descobrir e utilizar todas as forças e aptidões pessoais não aceitas, capazes de contribuir para que os homens vivam mais bem juntos. A relação da parapsicologia para o campo da religião é, pelo menos teoricamente, muito semelhante à da fisiologia para a medicina, ou da física para a engenharia.

Até aí a influência da parapsicologia sobre a religião foi construtiva. Até onde alcança, a descoberta de prova que o homem é algo mais do que ser físico vem em apoio da doutrina religiosa mais fundamental e mais geral, isto é, que o homem possui natureza espiritual. O indivíduo religioso muito conservador, cuja fé nas autoridades da sua crença é muito forte talvez não ache necessário esse apoio da ciência, ou que não é suficientemente importante para ter certo valor. Mas tanto homens como mulheres, em grande número, que tiveram certa experiência com as lutas intelectuais sobre a religião, receberão favoravelmente qualquer prova de caráter experimental sólido que lhes forneça a verdade em relação a qualquer crença religiosa fundamental.

De fato, grande número de pessoas desejará saber até que ponto a ciência poderá ir - se existe algo mais na doutrina religiosa capaz de comprovação mediante investigação científica. Viram como, em todos os outros campos do conhecimento e das aplicações, o método científico mostrou-se altamente produtivo. Não há motivo para olhar para trás em direção a antigas fontes de conhecimento no campo da religião como não haveria no campo da agricultura. Haveria quase a

mesma lógica em recorrer aos antigos para os princípios da engenharia a utilizar na construção de pontes, de rádios ou de aparelhos de radioscopia como se os fossemos buscar para o planejamento religioso muito mais importante da vida humana. Tanto a educação quanto a psiquiatria preocupam-se, por igual com a religião, com problemas dos seres humanos. Tanto uma como outra estão realizando progressos e expandindo os respectivos domínios por meio da utilização dos processos científicos de descoberta. Poderá a religião, em face de problemas muito mais importantes, permitir-se fazer menos?

Na situação atual, a parapsicologia já invadiu os domínios da religião. Ninguém pode supor que pare onde está, especialmente quando as aptidões de que estivemos cogitando, ESP e PC, muito naturalmente nos conduzem a problemas de caráter parapsicológico, que importam igualmente em crenças religiosas de importância decisiva. Por exemplo, tanto no campo da religião como fora dele, indaga-se a respeito do papel de ESP na oração. Interessante resposta a esta pergunta, provavelmente tudo quanto se possa dizer atualmente a respeito, encontra-se na obra de Gerald Heard, "Prefácio à Oração". O autor assinala a ESP papel saliente e positivo nos três tipos de oração que distingue e discute. Assim também o Doutor Frank C. Laubach fala dessa relação no volume há pouco publicado "Oração". De maneira mais geral, Aldous Huxley transporta as descobertas da parapsicologia diretamente ao âmago de algumas das maiores questões relativas ao pensamento religioso em "Filosofia Pessoal".

Mesmo agora, a pesquisa de parapsicologia entra em contato com outras grandes questões de religião. Se o espírito do homem é não físico, será possível formular um quadro hipotético de sistema ou de mundo não físico composto de todos esses espíritos existindo em certa espécie de relação. Esta idéia conduz a indagações de uma espécie de alma superior psíquica ou reservatório, ou contínuo, ou universo, possuindo sistema próprio de leis e propriedades e potenciais. E possível imaginar este grande conjunto total como possuindo singularidade transcendental sobre a natureza das

respectivas partes e acima delas, que se poderia denominar de divindade.

*

Contudo, é no problema da imoralidade que melhor se têm encontrado a religião e a parapsicologia.

Este problema é relativamente antigo na nova ciência da parapsicologia. Quase desde o início as sociedades de pesquisa psíquica tentaram tratar da questão da sobrevivência do homem à morte corpórea, encontrando-lhe uma solução. Os seus esforços se concentraram principalmente sobre a análise e interpretação de "comunicações" provenientes de médium, pretendendo originar-se de espíritos desencarnados. No curso de 75 anos de tais estudos de mediunidade alguns dos sábios mais eruditos do mundo, bem como inúmeros outros de menor reputação, convenceu-se de constituírem essas mensagens - pelo menos em parte - prova aceitável da existência continuada de personalidades incorpóreas, de almas sem corpo.

Será preciso, entretanto, não considerar estes sábios como autoridades quanto ao problema da sobrevivência. Devemos nos lembrar terem também aceito a prova primitiva da telepatia, que, conforme vimos mais tarde, também poderia explicar-se logicamente tão-só por meio da clarividência. Provavelmente, certa inclinação para acreditar entrou na interpretação da prova da telepatia e a mesma espécie de indevida presteza para aceitar pode ter figurado na decisão favorável quanto à sobrevivência. De fato, houve quem interpretasse a mesma prova como explicável pela capacidade de ESP do médium, combinada à aptidão para dissociar com facilidade (por exemplo, passar ao estado de transe), o desejo de manifestar mensagens simpáticas para consolo dos clientes, ou o dom dramático de personificação.

A questão da sobrevivência é difícil, muito difícil mesmo. Nem mesmo é fácil formular claramente o problema, visto como pessoas diferentes atribuem significados diferentes à questão, mesmo quando

se exprimem por palavras semelhantes. A fim de evitar desesperada confusão sobre vocábulos, será preciso formular primeiramente a pergunta sob a forma de maior simplicidade possível: Qualquer parte de uma pessoa de qualquer maneira suscetível de descobrir-se é capaz de sobreviver à morte do corpo por um período qualquer?

Mesmo sob esta forma simples, ainda não foi possível responder à pergunta. Seria naturalmente de extrema dificuldade conseguir resposta negativa fidedigna, se de fato fosse viável. Todavia, está longe de fácil avaliar as provas positivas já conseguidas. Algumas parecem suscetíveis de interpretação que favoreça razoavelmente a hipótese de sobrevivência espiritual, mas esta hipótese não constitui a única explicação logicamente possível da prova. E Somente quando a prova a favor da sobrevivência for bastante boa para nos compelir a afastar todas as outras possibilidades racionais, por mais forçadas que se afigurem, poderemos considerá-la concludentes. Tal o padrão que outros progressos da parapsicologia tiveram de satisfazer antes de nos prontificarmos a aceitá-los como firmados. A pesquisa relativa à sobrevivência está ainda longe deste ponto; mas nem por isso a sua contribuição é de desprezar.

As pesquisas de psi já contribuíram grandemente para o problema da sobrevivência. Por outro lado, quanto mais fomos descobrindo em relação aos processos de ESP e PC, tanto mais plausível se tornou à hipótese da sobrevivência; entretanto, ao mesmo tempo, tanto mais difícil tornou-se a investigação. Este efeito em dois sentidos do trabalho sobre ESP-PC exige uma palavra de esclarecimento. Muitas pessoas fundamentalmente interessadas na questão da sobrevivência não apreciam convenientemente como se relaciona intimamente às descobertas de ESP-PC, e algumas não hesitam em exprimir impaciência em vista de não nos dedicarmos imediatamente sem reservas ao problema da sobrevivência.

Considere-se primeiramente a influência favorável da pesquisa de ESP-PC sobre a hipótese da sobrevivência. Se fosse possível confiar Somente na lógica, a prova de ESP seria mais do que suficiente para estabelecer a hipótese da sobrevivência sobre bases lógicas. Conforme o leitor se lembrará, quando se verificou

funcionar o ESP livre das limitações de espaço e de tempo interpretou-se tal descoberta como significando que o espírito é capaz de atuar independentemente até certo ponto do sistema espaço-tempo da natureza. Ora, tudo quanto à imortalidade significa importa em liberdade dos efeitos do espaço e do tempo; a morte afigura-se como sendo simplesmente questão de chegar a uma parada no universo do espaço-tempo. Portanto, concluir que há pelo menos certa espécie de sobrevivência técnica pareceria seguir-se como derivação lógica da pesquisa de ESP.

Reconhecemos ser impossível basear-nos simplesmente em argumentos acadêmicos para responder a semelhante pergunta - ou, antes, não podemos mais confiar neles. Podemos dizer que a pesquisa de ESP faz diretamente surgir a questão do lugar da personalidade no sistema espaço-tempo, oferecendo positiva indicação a favor da sobrevivência. Se não tivesse havido nunca formulação anterior de problema da sobrevivência, ele teria surgido da pesquisa de ESP.

Todavia, a questão da sobrevivência teve de esperar definitivamente pelo trabalho sobre ESP-PC. Assim ter-se-ia de verificar em qualquer caso, independentemente da maneira pela qual a questão surgiu. Em primeiro lugar, impõe-se o conhecimento dos limites e condições da operação do processo da psi antes de ficarmos em condições de planejar experimentações adequadas a respeito da hipótese da sobrevivência. Somente depois de estarmos de posse de algo que ultrapasse o alcance da explicação por meio de ESP e PC começa o processo para a sobrevivência. Em conseqüência, era impossível no passado qualquer pesquisa bem planejada e completa sobre a questão da sobrevivência por falta de conhecimento a respeito de ESP e PC. Nem estamos ainda em condições de atacar frontalmente tal problema pela experiência; é possível, contudo, dar início ao estudo preliminar e longo dos meios que se tornarão necessários para a investigação da sobrevivência.

Nota-se outra correlação igualmente importante entre ESP-PC e a sobrevivência. Se os seres humanos não tivessem a aptidão ESP ou PC seria difícil conceber qualquer possibilidade de sobrevivência e

certamente a sua descoberta seria impossível. Nas circunstâncias atuais, está demonstrada a atividade não-física do espírito. A única espécie de percepção possível em estado desencarnado seria extra-sensorial, e a psicocinética seria o único meio de influir sobre qualquer parte do universo físico. Até a comunicação de um espírito incorpóreo com os vivos implicaria provavelmente em PC. A telepatia afigurar-se-ia o único meio de intercomunicação de que disporiam personalidades desencarnadas, seja com os vivos, seja com os não-vivos.

Pode ver-se toda a importância da crise recente com relação à telepatia (mencionada no capítulo sobre precognição) e quão essencial se torna esclarecer totalmente essas questões antes de qualquer tentativa no sentido de atacar o grande problema complicado da sobrevivência pessoal.

Torna-se necessária toda animação possível ao estudo da sobrevivência para remover-lhe as dificuldades. Afastar primeiramente as dificuldades intelectuais contribuirá grandemente para a apreciação apropriada da questão. Este passo preliminar não é de modo algum fácil, porquanto a prova do íntimo paralelismo entre a função mental e a estrutura corpórea oferece sério desafio à hipótese da sobrevivência. Quando o estudioso de biologia examina a longa evolução do sistema nervoso e observa como o espírito se relaciona intimamente com a evolução de estruturas específicas do cérebro, quando descobre o mesmo paralelismo íntimo do desenvolvimento do espírito-cérebro da criança, e fica sabendo até que ponto o plasma germe e a fisiologia geral determinam a personalidade individual, experimenta a maior dificuldade em descobrir qualquer maneira possível pela qual o espírito se mova de per si de qualquer forma ou em qualquer grau.

Em face do fundo biológico atual, a sobrevivência parece inteiramente inconcebível. Entretanto, não deixa de ser verdade que alguns dos que se convenceram da hipótese da sobrevivência estavam especialmente bem informados a respeito das ciências biológicas. E devemos lembrar-nos igualmente de que, em certos estádios da investigação, muitas hipóteses parecem impossíveis, que

mais tarde se tornam compreensíveis quando passamos a dispor de outros fatos. Nada, por exemplo, parecia mais impossível ao psicólogo comum de algumas gerações anteriores do que certos fenômenos de hipnose. Não hesitava a pô-los de lado como simulação. O mesmo pode dizer-se ainda mais recentemente de ESP e PC; entretanto, muito embora parecessem tão impossíveis, demonstrou-se que tais aptidões são naturais. Se nos tivéssemos de deter ante tudo quanto parece impossível, não teríamos ido muito longe na ciência.

*

É preciso manter aberta à questão da sobrevivência à investigação pelo método científico. Não nos arriscamos a deixar de lado questão de tal magnitude.

Todavia a pesquisa desse problema exige decididamente novo método. E a maior necessidade. Sem ele, a pesquisa em relação à sobrevivência continuará sem conclusão. A tarefa espinhosa e incerta de analisar os pronunciamentos mediúnicos tem fatigado, senão derrotado, inúmeros investigadores. Têm faltado de tal maneira aos registros da mediunidade as precauções e controles que qualquer conclusão atual é arriscada. Embora não seja de esperar conseguir-se o equivalente de uma experiência de cartas ESP ou de dados PC, há muito a fazer para simplificar e controlar o estudo experimental da mediunidade. É possível dar início a esse estudo dos processos sem ter que esperar por maiores detalhes do domínio ESP-PC.

A melhor estratégia para o problema da sobrevivência exige ataque múltiplo. Os exploradores do setor devem ter a liberdade de examinar qualquer fenômeno que pareça importante, ocorra onde ocorrer - talvez quanto mais primitiva a situação, tanto melhor. Os antropólogos falam-nos de manifestações que lhes parecem espíritas entre certos povos iletrados. Devemos estar dispostos a arriscar-nos muito ao proceder aos primeiros levantamentos. Se uma em dez ou uma em mil dessas investigações der qualquer resultado real

ninguém se preocupará com o custo. Não precisamos acreditar em seja lá o que for de antemão a respeito da credibilidade a priori de uma ocorrência. Se a relatarmos séria e presumivelmente de boa-fé, dever-se-á investigá-la. O desprendimento científico favorece a boa vontade em relação a qualquer possibilidade nos resultados.

Há outra maneira de atacar o problema da sobrevivência. Tem de ver com a análise dos relatórios de todos os tipos de experiências parapsíquicas espontâneas que tragam consigo qualquer sugestão de agente incorpóreo ou espírito. Devemos sem dúvida recolher informações de qualquer espécie sobre tais experiências, sempre atentos aos tipos singulares, os que indicam .mais peculiarmente a operação de personalidades desencarnadas. Devemos manter-nos prevenidos contra qualquer tendência de confiar em tais relatórios como prova final, mas será possível verificar, do estudo comparativo deles, como certos fatos ocorreram provavelmente, ficando afinal em condições de planejar nova maneira de atacar a questão, experimentalmente, a fim de submeter a exame a idéia.

Há outros planos em gestão que oferecem iguais possibilidades, embora não sejam suscetíveis de descrição resumida. Acontece sempre que os processos se multiplicam à proporção que a pesquisa progride.

Qualquer espécie de sobrevivência de certa porção da personalidade, por um período qualquer, encerra tal significação para o pensamento humano e a opinião que chega a apoucar, em comparação, quase qualquer outra descoberta científica. Reflita-se simplesmente sobre a maneira pela qual teríamos de expandir a nossa concepção do universo conforme ora a conhecemos. Não precisamos nos deter, embora não fosse possível exagerar, na importância da hipótese da sobrevivência. A longa persistência dessa opinião, em base de fé pura e não amparada, constitui testemunho eloqüente da sua utilidade cultural e valor social - valor que Somente poderá tornar-se completamente eficaz se adquirir o apoio de conhecimento científico firme.

Considere-se, porém, por igual, a alternativa. Será preciso encará-la com igual equilíbrio das soluções e conseqüências. Que

acontecerá se o ataque mais exaustivo, cuidadoso e diversificado Somente resultar na impossibilidade de encontrar-se qualquer prova a favor da sobrevivência? Achados negativos não poderão nunca refutar a sobrevivência, mas todos poderiam desistir se no fim as pesquisas longas e persistentes não exibissem qualquer prova. Se tal for o caso, pode ter-se certeza de uma única conseqüência. Quando chegar a ocasião em que todas as brechas se encontrem preenchidas, completando-se o nosso conhecimento de trechos isolados em relação ao espírito humano, inclusive o sistema-processo de ESP-PC atuando através do espaço e do tempo, estaremos de posse de sistema tal de faculdades e propriedades tão magnificamente harmonioso que esta aspiração particular da humanidade pela imortalidade não fará falta a ninguém. A perspectiva cultural para o homem e a sociedade aumentará e se alterará desmesuradamente com as descobertas, seja qual for à orientação que tomarem. O homem amadurecerá e se preparará para um conceito do mundo adequado ao esquema de maior amplitude dos fatos, que se irá expandindo com as investigações.

Se as descobertas futuras frustrarem qualquer possibilidade de aceitação da hipótese da sobrevivência, será seguro predizer não se sentir mais falta de quaisquer teorias de ressurreição do que hoje se sente dos antigos anjos com asas de penas ou da antiga teologia irascível entre os intelectuais das escolas respectivas.

A ciência da natureza humana ainda está na adolescência. Como campo, está madura para grandes descobertas futuras. A sobrevivência pode ou não se tornar uma das suas descobertas importantes. Há abundância de provas a favor, mas nenhuma é do tipo concludente exigido pela ciência. Seja qual for o resultado da investigação, é quase certo que estamos neste momento tão longe de apreciar a natureza e a magnitude do futuro quadro desse reino mental como Paracelso estava de concebera magnitude e o mecanismo da energia atômica ou Hipócrates de prever a terapêutica dos compostos da sulfa.

Seria insensato sustentar demasiado seriamente hoje de qualquer opinião sobre o alcance e o poder e destino final do espírito humano sujeitos como estão aos resultados das explorações do futuro.

*

Finalmente, chegamos ao problema de maior urgência que nos confronta atualmente. É a necessidade de moralidade efetiva para o nosso mundo eticamente confuso, que se baseie em fundamentos dignos de nosso respeito intelectual.

Não será necessário persuadir a ninguém dessa necessidade primária para a natureza humana. Muitas vezes mais eloqüentes do que a minha têm asseverado exatamente isso; agora qualquer pessoa que pense pode vê-lo por si mesma. "A crueldade de homem para homem" tem-se submetido a muitas restrições culturais, mas apesar de tudo, é a ansiedade número um do mundo. Os homens e as nações ainda investem às cegas uns contra os outros, e nos tempos atuais o poder para o mal se multiplica quase além da compreensão. Agora, contudo, chegamos a ponto de reconhecer a necessidade de descobrir a maneira de atacar as nossas outras moléstias, na base do conhecimento em lugar de doutrina autoritária, sentimento ou tradição. E para este conhecimento temos de nos voltar para a ciência da personalidade humana. Não há outra fonte.

Evidentemente, a maneira de tratarmos as pessoas depende do que pensamos que são, conforme acontece com tudo mais. Nenhuma outra maneira seria inteligente. Nossos sentimentos para com os homens dependem das nossas idéias, do nosso conhecimento a respeito deles. Quanto mais formos levados a pensar dos nossos semelhantes como sistemas físicos, deterministas - autômatos, máquinas, cérebros - tanto mais impiedosa e egoisticamente nos permitiremos com eles tratar. Por outro lado, quanto mais lhes apreciarmos a vida mental como algo único na natureza, algo mais original e criativo do que as simples relações de espaço - tempo - massa da matéria, tanto mais neles nos interessaremos como indivíduos, e tanto mais tenderemos a respeitá-los e a considerar-

lhes os pontos de vista e sentimentos. As nossas relações mútuas elevar-se-ão ao nível de interesse comum, de compreensão, de camaradagem.

Não constitui simples acidente histórico sejam os sistemas de crenças que mais dignificaram os homens com qualidades além das físicas, os que também instituíram a mais elevada apreciação e estima de homem para homem, o mais alto desenvolvimento de consideração fraternal. Conseqüentemente, seja o que for que venha em apoio dessa concepção psicocêntrica do homem com conhecimento fidedigno estará manifestamente estabelecendo uma base para relações mais felizes na sociedade humana.

Sem dúvida a ética implica em algo mais do que atitudes entre pessoas. Qualquer sistema de moral depende da liberdade individual, isto é, do livre arbítrio. Metade da toxidez social do ponto de vista cerebrocêntrico em relação ao homem reside em não lhe permitir qualquer liberdade volitiva verdadeira, por igual maneira que a roda da máquina não pode ter a liberdade de dominá-la. A fim de ser livre, um sistema tem de ter alguma parte que não esteja inevitavelmente sujeita a regulação por outra. Neste ponto, o problema velho como o tempo da liberdade submete-se à luz da pesquisa, visto como as experimentações de ESP e PC revelam ser o espírito livre da lei física. De fato, tais pesquisas oferecem a única prova nítida disponível capaz de contribuir para a solução do problema da liberdade ética. Proporcionam base experimental para "razão da liberdade" satisfatória ou latitude de auto-regulação desfrutada pelo espírito.

Ter-se-á de inquirir melhor qual deva ser o tamanho dessa razão de liberdade. Naturalmente, quanto maior, tanto maior o potencial ético do indivíduo e tanto mais poderá ele regular e controlar a si próprio. Não é possível supor estejamos hoje de posse do inteiro alcance de nossas faculdades. Cada propriedade ou poder que se vem juntar, peculiar ao espírito do homem aumenta-lhe a razão da liberdade pela própria diferenciação. Assim, a descoberta que a nossa vida mental é fundamentalmente diferente do que as ciências até hoje a representaram aumenta grandemente a nossa liberdade

criativa e estende a zona de crescimento pessoal possível. Mas Somente quando conhecemos e apreciamos devidamente esse maior poder do espírito sobre o mundo físico subordinado é possível aproveitá-lo. A nossa filosofia da vida tanto é afetada pela opinião falsa como pela opinião justa. O homem pode ficar irremediavelmente escravizado tanto pela ignorância quanto pela tirania.

*

Naturalmente não estamos à procura tão-só de ética individual. Nem mesmo neste momento é o que procuramos antes de tudo. Atualmente, estamos mais profundamente preocupados com as relações humanas em larga escala, de natureza ética. Quando acabamos de escrever estas linhas, a grande guerra havia terminado; terminara a maior carnificina de toda a história - depois de ter lacerado a face da Terra e as páginas da história, e, ainda mais profundamente, as memórias sensíveis dos homens. Homens e mulheres ponderados e resolutos estão dizendo com todo o fervor da alma que tal não deverá ocorrer novamente. O "crescendo" elevado de devastação que alcançou Nagasaki, acompanhado de revelações retumbantes de outras armas quase prontas, ao cessar a guerra deixou a humanidade por toda parte nas garras de cruéis pensamentos pelo futuro dos homens.

Todos desejam a paz. Desejamo-la desesperadamente - agora mesmo. Mas os homens não lutam por muito tempo por objetivos negativos e a paz, na melhor hipótese, não é objetivo positivo. E a ausência da guerra, e é isso o que ela é. Os temores que nos estão vivos no espírito passarão com os anos e com a volta aos "negócios como de costume".

A paz, portanto, não é em si objetivo primário suficientemente concreto. É vazio e temos de enchê-lo e fortificá-lo com propósitos positivos firmes - o mais firme não o será bastante. Temos de desejar algo além da paz com os nossos semelhantes, ou não conseguiremos nem mesmo isso. Pode formular-se a questão de

maneira simples - se não devemos odiar os homens e combatê-los, teremos de aprender a simpatizar com eles, ajudá-los, estimá-los. Teremos de desenvolver fortes sentimentos comuns.

Sejamos mais específicos. O lugar que a guerra ocupa com tanta rapidez em nossos espíritos sob provocação tem de ser preenchido com apreciação positiva, encadeados, fraterna entre povos, raças, sociedades, homens, por toda parte. A união cooperados dos povos em torno a Terra, a troca de culturas, produtos, idéias, recreação e valores em magnífica escala construtora deve opor-se à exploração, à concorrência destruidora, ao domínio implacável. Somente dessa maneira poderemos esperar produzir espírito de relações humanas harmoniosas com o qual não seja capaz de concorrer o impulso da conquista no espírito dos homens.

Agora, sobre o terreno firme da pesquisa, nos estamos movendo em direção a este objetivo. Pela descoberta de sanção experimental para a concepção psicocêntrica do homem somos levados a considerar as pessoas do mundo inteiro como sendo mais do que corpos. Sabemos, não simplesmente baseados na fé, mas em provas, que possuem espíritos independentes dotados de verdadeira escolha volitiva na determinação criativa da própria vida, e que dispõem de potencialidades pessoais peculiares para contribuições culturais ímpares ao mundo. As demarcações superficiais de grupos de caráter físico declinam de importância à proporção que se reconhece a significação da vida interior do espírito. Pode considerar-se a força social de ligação das relações espirituais, em contraste com as relações físicas entre os homens, como sendo tão reais e efetivas como qualquer outra força do universo.

Esta força construtiva de ligação que os homens possuem uns sobre os outros constitui a arma principal de paz. Vimos que tão-só na base de autoridade e fé a aceitação por parte do homem de fator livre governante acima do sistema físico-químico fê-lo elevar-se dos impulsos grosseiros, egoístas, belicosos próprios à sua natureza primitiva. A elevação deste conceito do homem ao nível de segurança que acompanha a lei científica dar-lhe-á uma força de segurança e convicção que a sugestão só por si não poderá nunca

realizar. Será indispensável a força adicional do conhecimento da própria natureza pessoal para resgatá-lo do impasse atual em que o capturou o próprio poder inventivo brilhante mas desordenado.

O que se pode esperar desta atitude de busca dos fatos torna-se evidente pela analogia com a medicina. Houve tempo em que tanto a saúde quanto as relações humanas estiveram sob o domínio da fé. O mesmo chefe tribal era a um tempo curandeiro e juiz. Conforme se deu, a maneira científica de resolver problemas veio em primeiro lugar em auxílio do corpo humano e hoje, como resultado, não podemos encontrar palavras para comparar a saúde do mundo com o que era há mil anos. E agora, vagarosamente mas com segurança, os processos científicos estão alcançando o aspecto mental do homem. À proporção que a personalidade do homem for abandonando o estado de fé, negação, controvérsia, especulação e mistério também se tornarão motivo de conhecimento ao invés de doutrina.

Tendo o apoio da prova experimental, as novas descobertas da ciência da vida mental se derramarão pelo mundo tão eficazmente como as ciências do corpo. E podemos esperar com segurança que uma ordem mais elevada de entendimento fraternal e cooperação as acompanhará através de oceanos e continentes, pela mesma forma que o saneamento e a saúde seguiram pela trilha do conhecimento da higiene e da medicina.

*

É chocante mas verdadeiro que conheçamos hoje o átomo melhor do que o espírito que o conhece. Se nos fosse dado adquirir metade do conhecimento do espírito como a física conseguiu adquirir dos elementos da matéria, ficaríamos provavelmente em condições de formular e utilizar princípios orientadores de inconcebível significação para a vida humana e a sociedade. As pesquisas que conduziram à bomba atômica instituíram um padrão para nós. Revelaram-nos algo do que temos o direito de esperar da pesquisa altamente concentrada quando os homens desejam realmente adquirir certo conhecimento.

Trata-se, portanto, Somente de saber com que urgência desejamos conhecer o que seja "psicologia nuclear". Os acontecimentos forçam sobre nós a comparação com a física nuclear.

Assim, sendo, perguntamos: Estaremos ainda dispostos a conceder a necessária prioridade ao problema humano? Avaliamos bem que valor teria descobrir o bastante dos recursos interiores da natureza psíquica do homem para gerar a força ética e o sentimento social que lhe libertaria o espírito para sempre do temor dos seus semelhantes?

Até certo ponto, confronta-nos a concorrência entre o homem e o átomo. Teremos de decidir qual dos dois vai ser mais predominantemente estudado nos anos vindouros, se a energia atômica se a energia humana; qual das duas formulará o tema para a ciência das próximas décadas. Dispensar-se-á, com toda certeza, grande atenção a uma e a outra. Não se trata de conflito fundamental; trata-se somente de saber se dispensará ao problema humano investigação científica adequada ainda a tempo para nos salvar dos abusos das outras grandes descobertas já feitas e em andamento da ciência. E de imaginar-se que todo o caráter cultural da época em que estamos entrando e o progresso social do futuro mais remoto virá a depender da rapidez com que o problema da natureza do espírito humano passe a concentrar os esforços da pesquisa ativa.

FIM

